

Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Informação e Comunicação
Programa de Pós-Graduação em Comunicação

Fernanda Ribeiro de Lima

APANHANDO DUAS VEZES:
Aspectos Relacionados à Cidadania das Mulheres Vítimas de
Violência nos Telejornais Locais

Goiânia-GO

FIC/UFG

2014

Universidade Federal de Goiás
Faculdade de Informação e Comunicação
Programa de Pós-Graduação em Comunicação

Fernanda Ribeiro de Lima

APANHANDO DUAS VEZES:
Aspectos Relacionados à Cidadania das Mulheres Vítimas de
Violência nos Telejornais Locais

Dissertação apresentada ao final do curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Área de concentração: Mídia e Cidadania

**Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ana Carolina Rocha Pessoa
Temer**

Goiânia-GO

FIC/UFG

2014

RESUMO

Esta pesquisa está centrada na intersecção entre jornalismo, violência e cidadania feminina para entender a coexistência de conquistas e preconceitos no universo da mulher goianiense, retratado pela mídia jornalística local. Para isso, este estudo buscou entender como as mulheres envolvidas em situação de violência, enquanto vítimas, ou agressoras, são mostradas nos telejornais, vulgarmente considerados um espelho da sociedade. Justifica-se a importância deste estudo porque, antes do surgimento dos veículos de comunicação de massa, o indivíduo construía seu conhecimento e, conseqüentemente, sua opinião, através das experiências que vivenciava, de forma real, em instituições como a família, a igreja ou a escola. A rotina capitalista impôs a homens e mulheres, de diferentes idades e classes socioeconômicas, uma rotina pontuada por compromissos que diminuiu consideravelmente o contato interpessoal. Ao mesmo tempo a mídia, impulsionada pela tecnologia, se faz onipresente impondo conceitos e preconceitos.

Palavras-chave: Telejornalismo; Mulheres; Violência; Cidadania.

ABSTRACT

This research is centered on the intersection of journalism , violence and female citizenship to understand the coexistence of achievements and prejudgement in the universe of goianiense woman , pictured by local journalistic media. For this, this study tried to understand how women involved in situations of violence, as victims or aggressors are shown on the TV news, usually considered a mirror of society. Justifies the importance of this study because prior to the appearance of the vehicles of mass communication, the individual built its knowledge and, consequently, yours opinion, through the experiences lived, in a real way, in institutions such as family, church or school. The capitalist routine imposed on men and women of different ages and socioeconomic classes a routine punctuated of appointments, which significantly decreased interpersonal contact. At the same time, the media, driven by technology, became omnipresent, imposing concepts and prejudgements.

Keywords: TV News; Women; Violence; Citizenship.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação na (CIP)

Lima, Fernanda Ribeiro.

Apanhando Duas Vezes: Aspectos Relacionados à Cidadania das Mulheres Vítimas de Violência nos Telejornais Locais [manuscrito] / Fernanda Ribeiro de Lima. – 2014

xv, 119 f. : il., figs, tabs.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Ana Carolina Rocha Pessoa Temer

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Informação e Comunicação, 2014

Bibliografia

Inclui listas de figuras e tabelas

A Morgana Ribeiro,

Por quem, todos os dias, me esforço para ser uma pessoa melhor!

AGRADECIMENTOS

A Deus, que todos os dias coloca em meu caminho anjos que tornam minha caminhada muito mais fácil. Anjos que possuem nomes, Antonieta e Eurípedes, meus pais, pelo amor incondicional, apoio emocional, logístico e financeiro. A meu irmão Juliano pelo amor e compreensão. Ao meu marido Luiz que não entendeu, mas aceitou minha necessidade de mudar, o que considereei uma prova de amor. E ainda a Karine Ribeiro, Sônia Solange, Bárbara Alves, família sempre presente. A Jullena Normando e Núbia Simão que me deram a chance de continuar, feliz, na docência e poder concluir esta dissertação. A Carla Simone pela amizade, traduzida em ouvidos e palavras de encorajamento em várias e várias madrugadas.

Obrigada aos professores do programa que muito contribuíram para ampliar meus horizontes, em especial Simone Tuzzo e Tiago Mainieri.

E não existem palavras suficientes para descrever a gratidão e admiração que sinto pela minha orientadora Ana Carolina Pessoa Rocha Temer. Mulher forte, de inteligência privilegiada e generosidade imensurável. Inspiração para minha vida acadêmica e pessoal a quem devo gratidão eterna pela paciência e incentivo.

Por fim, não poderia deixar de agradecer à gentileza de Jordevá Rosa e Eduardo Zaidem, Gerente de Jornalismo e Coordenador de Produção da TV Serra Dourada, Orlando Loureiro e Núbia Lobo, Diretor de Jornalismo e Sub-Chefe de Redação da TV Anhanguera, Tereza Cristina Ribeiro e Deny Almeida, Gerente de Jornalismo e Gerente de Redação da TV Record, pela disponibilização dos dados e atenção dada a esta pesquisadora nas várias visitas feitas às redações.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

GRÁFICO 1	Tamanhos do VT - TV Anhanguera.....	76
GRÁFICO 2	Formato do Conteúdo - TV Anhanguera.....	77
GRÁFICO 3	Posição da Matéria no Espelho - TV Anhanguera.....	78
GRÁFICO 4	Tipologia do Conteúdo - TV Anhanguera.....	79
GRÁFICO 5	A Quem é Dada Oportunidade de Voz - TV Anhanguera.....	80
GRÁFICO 6	Situação da Mulher - TV Anhanguera.....	81
GRÁFICO 7	Comentários ou Expressões Faciais - TV Anhanguera.....	82
GRÁFICO 8	Serviços Agregados - TV Anhanguera.....	83
GRÁFICO 9	Tamanho do VT - TV Record.....	84
GRÁFICO 10	Formato do Conteúdo - TV Record.....	85
GRÁFICO 11	Posição da Matéria no Espelho - TV Record.....	86
GRÁFICO 12	Tipologia do Conteúdo - TV Record.....	87
GRÁFICO 13	A Quem é Dada Oportunidade de Voz - TV Record.....	88
GRÁFICO 14	Situação da Mulher - TV Record.....	89
GRÁFICO 15	Comentários ou Expressões Faciais - TV Record.....	90
GRÁFICO 16	Serviços Agregados - TV Record.....	91
GRÁFICO 17	Tamanho do VT - TV Serra Dourada.....	92
GRÁFICO 18	Formato do Conteúdo - TV Serra Dourada.....	93
GRÁFICO 19	Posição da Matéria no Espelho - TV Serra Dourada	94
GRÁFICO 20	Tipologia do Conteúdo - TV Serra Dourada.....	95
GRÁFICO 21	A Quem é Dada Oportunidade de Voz - TV Serra Dourada.....	96
GRÁFICO 22	Situação da Mulher - TV Serra Dourada	97
GRÁFICO 23	Comentários ou Expressões Faciais - TV Serra Dourada.....	98

GRÁFICO 24	Serviços Agregados - TV Serra Dourada	99
GRÁFICO 25	Comparação do Tamanho dos VTs das Emissoras.....	100
GRÁFICO 26	Comparação do Formato do Conteúdo das Emissoras.....	100
GRÁFICO 27	Posição da Matéria no Espelho.....	101
GRÁFICO 28	Comparação da Tipologia do Conteúdo das Emissoras.....	102
GRÁFICO 29	Comparação de a Quem é Dada a Oportunidade de Voz das Emissoras.....	104
GRÁFICO 30	Comparação da Situação da Mulher nas Emissoras.....	105
GRÁFICO 31	Comparação dos Comentários ou Expressões Faciais nas Emissoras.....	105
GRÁFICO 32	Comparação dos Serviços Agregados das Emissoras.....	106

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 A MULHER E A TELEVISÃO NA SOCIEDADE GOIANA	15
1.1 A MULHER NA SOCIEDADE GOIANA	15
1.2 O INÍCIO DA TELEVISÃO E DO TELEJORNALISMO EM GOIÁS.....	19
1.3 AS MUDANÇAS NO COMPORTAMENTO FEMININO COM A CHEGADA DA TELEVISÃO A GOIÁS	22
1.4 A TELEVISÃO GOIANA INCORPORA A VIOLÊNCIA COMO VALOR NOTÍCIA	24
2 REFLEXÕES SOBRE O TEMA	27
2.1 O QUE É VIOLÊNCIA?	27
2.1.1 Tipos de Violência	28
2.1.1.1 Violência Física.....	28
2.1.1.2 A Violência Social	29
2.1.1.3 A Violência Simbólica	30
2.1.1.4 A Violência Contra a Mulher	32
2.2 A VIOLÊNCIA NO TELEJORNALISMO É SENSACIONALISMO?.....	35
2.3 A MULHER E SEUS DIFERENTES PAPÉIS NA SOCIEDADE MODERNA	39
2.4 A CIDADANIA.....	42
2.5 É POSSÍVEL VER A CIDADANIA POR UMA PERSPECTIVA FEMININA?.....	46
2.6 O AVESSE DA CIDADANIA, A VITIMIZAÇÃO.....	48
2.7 O JORNALISMO	49
2.8 ROTINAS PRODUTIVAS.....	52
2.9 GÊNEROS JORNALÍSTICOS	54
3 METODOLOGIA	56
3.1 ANÁLISE DE CONTEÚDO.....	58
4. ANÁLISE	62
4.1 AS EMISSORAS.....	62
4.1.1 A TV Anhanguera	62
4.1.2 A TV Record	66
4.1.3 A TV Serra Dourada	68
4.2 OS TELEJORNAIS	70
4.2.1 Jornal Anhanguera Primeira Edição	70
4.2.2 Balanço Geral	71

4.2.3 Jornal do Meio Dia	72
4.3 A ANÁLISE DOS DADOS	73
4.3.1 TV Anhanguera	75
4.3.2 TV Record	83
4.3.3 TV Serra Dourada	92
4.4 DADOS COMPARATIVOS ENTRE AS TRÊS EMISSORAS ANALISADAS	99
4.5 A COBERTURA DOS CASOS FRAN SANTOS E MARA RÚBIA	106
CONSIDERAÇÕES FINAIS	110
REFERÊNCIAS	115
ANEXOS EM CD	120
ANEXO A - FICHAS DESCRITIVAS DAS MATÉRIAS VEICULADAS NA TV ANHANGUERA	
ANEXO B - FICHAS DESCRITIVAS DAS MATÉRIAS VEICULADAS NA TV RECORD	
ANEXO C - FICHAS DESCRITIVAS DAS MATÉRIAS VEICULADAS NA TV SERRA DOURADA	
ANEXO D - ESPELHOS DO JORNAL ANHANGUERA PRIMEIRA EDIÇÃO	
ANEXO E - ESPELHOS DO BALANÇO GERAL	
ANEXO F - ESPELHOS DO JORNAL DO MEIO DIA	
ANEXO G - PESQUISA IBOPE MEDIA	

Introdução

Este trabalho de pesquisa tem como elemento principal uma investigação sobre a interseccionalidade entre o jornalismo, a cidadania e a violência contra a mulher. A proposta deste estudo é analisar o conteúdo veiculado na programação jornalística local da TV Anhanguera – afiliada à Rede Globo em Goiânia, TV Record Goiás e TV Serra Dourada – afiliada ao Sistema Brasileiro de Televisão em Goiás, sobre violência contra a mulher, identificando pontos implícitos e explícitos nas mensagens que permitam compreender como a mídia enxerga e reproduz a cidadania feminina, mais especificamente, a cidadania das mulheres vítimas de violência. Este trabalho irá discutir gêneros jornalísticos e televisivos, “entendendo que diferentes gêneros abrem a possibilidade de diferentes construções de sentido” (TEMER, 2012, 18). Este estudo reconhece a importância da comunicação mediada¹ na formação de conceitos e na instituição de comportamentos em nossa sociedade, e pretende-se ainda descobrir se as matérias, notas cobertas ou secas,² contribuem para que o problema seja discutido, inclusive pelas próprias mulheres ou se, no mínimo, cumprem a função social³ do jornalismo (BELTRÃO, 1980) de informar e ajudar na emancipação do indivíduo.

Justifica-se a relevância desta discussão porque antes do surgimento dos veículos de comunicação de massa o indivíduo construía seu conhecimento (inclusive experiências de comunicação) e conseqüentemente sua opinião, através de experiências que vivenciava de forma real na sociedade, em instituições como a família, a igreja ou a escola. A rotina capitalista moderna impôs a homens e mulheres, de diferentes idades e classes socioeconômicas distintas, uma rotina pontuada por compromissos e prazos que diminuíram consideravelmente o contato social presencial. Ao mesmo tempo a mídia, impulsionada pela tecnologia, se faz onipresente. Assiste-se à televisão, lê-se o jornal ou ouve-se rádio, em qualquer ambiente: no quarto, na cozinha, no carro, na sala de espera do consultório médico. E dentro da mídia há um espaço precioso, o jornalismo, onde os acontecimentos mostrados ganham uma aura de verdade e de importância. “Considerado pelo senso comum como expressão de realidade” (TEMER; TONDATE, 2009), a importância do gênero telejornalismo é lembrada por vários teóricos da

¹Para Sodré (2010), a comunicação mediada é qualquer forma de comunicação pela mediação técnica entre falante e ouvinte, informante e informado, o diálogo pelo poder.

² Nota seca é uma expressão jornalística televisiva para um texto curto, lido pelo apresentador para o qual não há imagens.

³A função social do jornalismo será apresentada na p.36.

comunicação. Porcello (2007) reforça a capacidade que o veículo tem de alterar o sentido das histórias que conta na disputa pela audiência ou por interesses diversos. Há ainda os autores da sociologia, como por exemplo, Maxwell McCombs e Donald Shaw (*in* TRAQUINA, 2005) para quem os noticiários não só propõem sobre o que devemos pensar, mas também como devemos pensar. Diante de tanto poder, cabe uma reflexão sobre a proposição de Herbert Gans (*in* WOLF, 2010), que reforça que na televisão a importância da informação é determinada pela imagem e não pelos valores-notícia. O poder de abrangência da televisão e a qualidade da notícia nela apresentada ainda foi tema de estudos de Philip Schlesinger e David Altheide, para quem as rotinas produtivas (tempo de execução e relacionamento com as fontes) influenciam negativamente na construção de informativos isentos e objetivos.

Logo, a pergunta principal deste trabalho é:

a) As rotinas produtivas podem contribuir para deixar o conteúdo do telejornal mais superficial? Isso, por sua vez, colabora para que as matérias sobre o tema “violência contra a mulher” sigam um padrão repetitivo, pouco esclarecedor, não divulgando informações que possibilitem a educação social das mulheres e despertem sua consciência enquanto cidadãs?

Serão analisadas ainda:

a) Se a forma como as matérias são apresentadas mostram a mulher enquanto vítima, um indivíduo frágil que, negligenciando sua capacidade física e mental, se expõe a situações de violência.

b) O texto utilizado reforça preconceitos arraigados há anos em nossa sociedade de inferioridade física e psicológica.

Essas perguntas estão ligadas em cascata e criam a perspectiva de que a mulher é incapaz de se autogerir e, portanto, é retratada como incapaz de exercer seu papel de cidadã.

1. A mulher e a televisão na sociedade Goiana

1.1 A mulher na sociedade goiana

Para entender o papel da mulher na sociedade goiana é necessário antes entender um pouco da história do Estado. As primeiras presenças estrangeiras em Goiás

aconteceram logo após a descoberta do Brasil por Portugal e as primeiras bandeiras tinham o objetivo de capturar índios para o trabalho escravo e a evangelização. A ocupação acontece a partir de 1682 com a exploração do ouro. A maior quantidade do metal foi encontrada próxima à região do Rio Vermelho o que justifica o surgimento, em 1727, da Vila de Sant'Anna, chamada depois de Vila Boa de Goyaz. Mas o ouro encontrado por aqui, chamado aluvião, era retirado da superfície dos rios com a peneiragem do cascalho. Com a técnica rudimentar a extração logo se torna escassa e os moradores passam a sobreviver da agricultura e pecuária de subsistência, dando início à vocação agropastoril de Goiás. O número de propriedades rurais e de habitantes aumentou a partir da independência do Brasil, nas primeiras três décadas do século XIX, com apoio do Governo à atividade e à chegada de migrantes do Pará, Maranhão, Bahia e Minas Gerais. É também a partir desta época que se encontra os primeiros registros do papel desempenhado pelas mulheres na sociedade goiana.

Os historiadores Cavalcante e Longo (2011), Prudente (2011), Cassimiro(2011) e Silva Junior (2011) quebram tabus ao mostrar que a participação feminina na construção do estado goiano vai muito além da reprodução e gerenciamento doméstico. Reestudando arquivos históricos de Goiás⁴ descobriram personagens inusitadas que numa sociedade patriarcal participaram da vida econômica e cultural, manifestaram opinião, reivindicaram direitos e transgrediram leis, “demarcando sua presença em um espaço que, na tradição da cultura da época era indesejável e, quando acontecia, era no mínimo estranho e incomum – o espaço público” (CAVALCANTE; LONGO, 2011, p.62).

Prudente (2011) destaca o magistério como um desses espaços públicos. Através da docência as mulheres não provocaram nenhum confronto, mas conseguiram uma atividade remunerada, tinham maior necessidade de locomoção, participação em eventos públicos e mais conhecimento, o que se tornou uma referência para outras mulheres. Embora seja preciso destacar que para ser uma professora a mulher precisava ter uma conduta pessoal regida pela família (ser casada ou morar com os pais, ou seja, estar sob a dominação masculina) e religiosidade. Isto se explica pelo fato de que a autorização para trabalhar como professora era dada pelo governo, composto apenas por homens. Até mesmo a imprensa via com olhos preconceituosos o crescimento

⁴Documentos disponíveis no Fórum do Município de Santa Cruz de Goiás, do Arquivo Histórico de Goiás, do Instituto de Pesquisa e Estudos Históricos do Brasil Central, do Arquivo Museu das Bandeiras, do Arquivo do Poder Judiciário / Escrivania do crime da Cidade de Goiás, do Arquivo da Fundação Frei Simão Dorvi e do Arquivo do Gabinete Literário Goiano.

intelectual das mulheres e, não raro, eram publicados artigos que criticavam a iniciativa nos jornais *Commércio* (1880), *Goyaz* (1890), *O Correio Official* (1880), *A Tribuna Livre* (1880). Nos textos eram comuns as afirmações do casamento como uma necessidade feminina sob pena da mulher ficar magra, doente e ainda amarga e má, as únicas qualidades femininas exaltadas eram relacionadas aos afazeres domésticos.

Cavalcante e Longo (2011) destacam as mulheres enquanto proprietárias de fazendas, não apenas enquanto numa atividade de subsistência, mas produtoras e fornecedoras de produtos característicos da época como milho, feijão, algodão e arroz. Também há registro de mulheres que produziam e comercializavam gado. Atividades que exerciam ao lado de marido e filhos, na viuvez, ou sem nunca terem sido casadas.

Obviamente essas mulheres eram minoria, mas seus exemplos quebram o paradigma de que nos primórdios do sertão goiano todas as mulheres eram submissas. Outra prova dessa postura ativa foi levantada por Cassimiro (2011) que, ao consultar os arquivos históricos do Estado de Goiás, encontrou vários processos movidos por mulheres contra o próprio governo (abuso de cobrança de impostos), contra homens e outras mulheres em pendências comerciais e relativas a direitos de herança. Mas o autor bem ressalta que, apesar da entrada no mundo masculino, as mulheres ainda eram responsáveis pela comida, pela costura e até mesmo pelo tratamento médico, uma vez que também tinham conhecimento sobre ervas medicinais, de todos à sua volta.

Por fim, Junior (2011) traz um levantamento sobre o envolvimento de mulheres (enquanto réis) em crimes, uma variável que o autor considerou importante para conhecer um lado do comportamento feminino nada convencional para uma época dominada por homens. O crime mais comum era a agressão por desavenças diversas, mas há registro de um assassinato passionais (uma mulher matou o amante casado depois de ser abandonada). Acima das atitudes violentas chama a atenção na pesquisa o motivo das reações exacerbadas nos casos de agressões, cobranças de dívidas e envolvimento com álcool, atitudes ainda hoje relacionadas ao masculino e que, na visão monoteísta da mulher submissa no século XIX, são impensadas. Também merece destaque, em um dos processos estudados, o tratamento diferenciado dado às envolvidas. A vítima branca e comerciante é citada com deferência enquanto a ré, uma ex-escrava, sequer tem o nome completo registrado. Prova que dentro das questões de gênero ainda há, desde os primórdios, as questões de raça e condição social. Como os próprios pesquisadores citados anteriormente neste capítulo assumem, a pesquisa histórica é parcial, pois, será a visão de parte dos acontecimentos sob a interpretação de alguém. Esta pesquisa se

preocupou em mostrar o papel feminino na construção da sociedade goiana através de depoimentos das próprias mulheres. Mas as únicas memórias conservadas são as de mulheres de classe social alta, que tiveram acesso à educação, cujos pais e maridos são considerados pioneiros da construção de Goiânia. As entrevistas relatadas a seguir foram retiradas do livro *Memórias Goianienses* de José Mendonça Teles (2012) e mostram mulheres muito menos desbravadoras.

O primeiro depoimento é de Célia Coutinho Seixo de Brito, nascida na Cidade de Goiás, quando esta ainda era a capital do Estado, filha de uma família rica. Cresceu com educação privilegiada e, especificamente sobre o comportamento dela e das mulheres do grupo do qual fazia parte na década de trinta, ela ressalta aquela que ainda é uma das maiores ditaduras da vida feminina, a da beleza, através do uso de espartilhos e anquinhas. Ao descrever o comportamento de senhoras e senhoritas que precisassem sair às ruas, frisou que deviam estar bem vestidas e penteadas e demonstrar recato, falando apenas com conhecidos em voz baixa e com muito “polimento”. Essas ocasiões eram os bailes no teatro, cerimônias religiosas e eventos cívicos. Célia Coutinho dedica parte de seu depoimento para ressaltar a importância da mulher na construção de Goiânia. Mas suas palavras mostram uma mulher submissa, relegada às tarefas domésticas e atividades sociais frívolas.

A mulher teve relevante posição na construção de Goiânia. Seu papel foi extraordinário em tudo na colaboração com o homem.

(...) Até mesmo no silêncio de seus lares, muitos ainda improvisados, as mulheres, abnegadamente, foram o estímulo e o alento amenizador nas horas difíceis de cansaço, de desânimo e às vezes de dissabor dos que labutavam pela mesma causa.

(...) No ensino, na saúde, no lar, nos trabalhos domésticos, como esposas, mães e filhas, foram verdadeiras abelhas-operárias na edificação da colmeia comunitária de Goiânia.

(...) Competia-lhes recepcionarem visitantes ilustres de Goiânia, muitos chegados inesperadamente. (TELES, 2012, p.48)

Outros dois depoimentos, de Marilda de Godoi Carvalho e de Nelly Alves de Almeida, reafirmam a postura subserviente da mulher nesta época. A primeira, Marilda, afirma que o papel marcante da mulher goiana foi o de, em 1943, fazer a pedido da Legião Brasileira de Assistência, um curso de enfermagem para substituir as enfermeiras que por acaso fossem convocadas para a guerra. A segunda, Nelly, lembra que as mulheres tinham vontade de se expressar culturalmente, mas o isolamento geográfico impedia a troca de ideias com grandes centros, e o pequeno grupo se conformou em escrever textos literários para a *Revista Oeste* que

teve sua última edição em 1945. Mas Nelly não esconde o próprio pensamento machista ao afirmar “(...) muitas, professoras renomadas, exerceram o magistério, a par da condição de excelentes mães de família”.

Logo, é preciso deixar claro que são vários os papéis femininos na construção da sociedade goiana. Vão desde as mulheres audaciosas descritas por Cavalcante e Longo (2011), às elitizadas submissas e de comportamento frívolo, como as pioneiras de Teles (2012). Também fazem parte da história goiana personagens desconhecidas como Santa Dica, cuja importância há pouco começou a ser estudada⁵ e as precursoras da TV em Goiás, revolucionárias do comportamento feminino.

1.2 O início da televisão e do telejornalismo em Goiás

O mais abrangente entre todos os meios de comunicação mediada, a televisão no Brasil é responsável pela difusão de informações e modismos, além de ser formadora de opinião. Segundo dados do IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 97% dos domicílios brasileiros têm um aparelho de televisão. Isso sem contar aqueles espalhados em espaços de grande circulação de pessoas como restaurantes e salas de espera. Por isso, vários são os exemplos da influência das coberturas jornalísticas televisivas na história do país. Um dos mais célebres, a edição do debate⁶ entre os candidatos à presidência em 1989, Fernando Collor de Mello e Luiz Inácio Lula da Silva, com notório favorecimento ao primeiro, vencedor das eleições. E entre os mais recentes a mobilização social para ajudar as vítimas das enchentes na região serrana do Rio de Janeiro. A veiculação de matérias por diversas emissoras em nível nacional sensibilizou brasileiros de vários estados e milhares de toneladas de doações foram enviados aos desabrigados.

⁵Benedita Cipriano Gomes, a Santa Dica, nasceu em 17 de janeiro de 1903 no interior de Goiás em uma fazenda nos arredores do município de Pirenópolis. Por volta de sete anos de idade ficou doente e a família e vizinhos achavam que ela tinha morrido, mas ao notar sinais como o suor, durante o ritual do seu enterro, resolveram velar a menina por mais três dias até que ela acordou. O fato se espalhou e ficou conhecido como milagre. Na adolescência ela já tinha milhares de adoradores e uma pequena vila foi se formando em volta de sua casa. A menina formou uma espécie de cooperativa entre os agricultores, rezava e aconselhava seus fiéis. Eram quinze mil pessoas, sendo quatro mil eleitores e mil e quinhentos homens armados. Essa influência incomodou os coronéis da região. Dica foi presa, mas depois libertada por falta de provas. Seu pequeno exército lutou na revolução constitucionalista enfrentando a Coluna Prestes próximo ao Triângulo Mineiro. Casou-se com o jornalista carioca Mário Mendes que mais tarde foi eleito prefeito de Pirenópolis. Dica morreu em Goiânia, em 1970, deixando sete filhos e uma legião de adoradores.

⁶No último debate entre os dois presidentiáveis no segundo turno das eleições em 1989, a Globo fez duas versões editadas para exibição em seus telejornais, uma no *Jornal Hoje* das 13 horas, e outra polêmica no *Jornal Nacional*, telejornal de maior audiência no país. Nesta segunda versão a Globo é acusada de favorecer Collor por dar ao candidato um minuto e meio a mais que Lula e por, na hora da edição, escolher seus melhores momentos.

No Brasil as notícias fazem parte da TV praticamente desde a sua implantação⁷, afinal, o primeiro telejornal, *Imagens do Dia*, foi ao ar 24 horas depois da primeira transmissão. Assim como no rádio os primeiros passos da televisão no Brasil foram marcados pelo improvisado. Não havia *videotape*, apenas transmissões ao vivo, e o conteúdo era uma adaptação da programação radiofônica. O rádio perdeu seus principais profissionais para o novo veículo (Lima Duarte, Hebe Camargo, Mazzaropi etc.), programas inteiros migraram para a televisão, como por exemplo, *O Repórter Esso*, nascido na *Rádio Nacional* em 1941 e apresentado entre 10 de abril de 1952 a 31 de dezembro de 1970 na TV Tupi-Rio de Janeiro. E vários foram os noticiários patrocinados, entre outros: na TV Tupi-São Paulo o *Telenotícias Panair*, e o *Telejornal Mercedes-Benz* no Canal 9-São Paulo.

As inovações tecnológicas da década de 1960 também ajudaram a consolidar a audiência do telejornalismo. A transmissão em cores disponível, câmeras menores e mais leves e a possibilidade de transmissões ao vivo móveis, deram mais vida e mais agilidade às notícias. Além dos telejornais, a informação passa a estar presente em programas do tipo revista, programas que não chegavam a ser documentários, mas permitiam a discussão de um único tema, e também em programas de entrevistas. E as inovações na apresentação dos telejornais são constantes, não apenas como arma na guerra pela audiência, mas também como forma de acompanhar a mudança comportamental do público.

Temer (VIZEU, PORCELLO, COUTINHO, 2010, p.104) especifica que no caso da televisão há um investimento na espetacularização da notícia, mais que informar é preciso entreter para manter a audiência. Stephens (1993) vai dizer que o veículo mantém o povo sob uma escravização dicotômica, “o excesso e a falta de informações”, ou seja, ao mesmo tempo em que a pessoa tem o mundo à sua frente este mundo é um mundo rápido porque os fatos se sucedem a cada segundo. Temer diz que é esta característica de serviço que dá credibilidade ao gênero e faz com que, apesar dos custos, as emissoras invistam muito nos telejornais que, junto com as telenovelas, têm um grande papel na conscientização política e social da população, embora para os proprietários das emissoras sua função seja muito mais dominadora que cidadã.

Em Goiás o telejornalismo foi implantado de maneira improvisada. Godinho (2008) afirma que a primeira emissora, a TV Rádio Clube foi ao ar pela primeira vez em 6 de setembro de 1961, sem a documentação legal. O equipamento era precário. O proprietário, Francisco Braga Sobrinho, tinha se apropriado de uma câmera, um transmissor e uma antena quando ainda era funcionário dos Diários Associados de Assis Chateaubriand, o restante comprou sobras de uma reforma da TV Tupi. Até mesmo a hospedagem do canal, que depois passaria a se chamar TV Goiânia, é confusa. Começou no sete, migrou para o nove e depois foi para o quatro. A produção do noticiário era grosseira.

⁷A primeira transmissão televisiva no Brasil aconteceu no dia 18 de setembro de 1950. O pioneiro foi Assis Chateaubriand com a TV Tupi.

Funcionava assim: o publicitário e radialista Cunha Júnior, egresso da rádio, tinha de apresentar um telejornal. Ficava atrás de uma mesa escura e simples, repleta de papéis, sentado numa cadeira dura, seus olhos se revezando entre ler as notícias em uma folha e a única câmera. Para o telespectador não dormir, a equipe colava algumas fotografias ou desenhos na parte de trás do cenário (também tosco) e a câmera ficava indo e voltando: Cunha-fotos, fotos-cunha. Alguns entrevistados disseram que havia queixas de pessoas tontas com aquele balanço de imagens. (GODINHO, 2008, p. 18)

A publicidade foi uma grande parceira da televisão em Goiás. Mas os anúncios se concentravam principalmente nos programas de variedades como o teleteatro. Mesmo com todo o imprevisto e falhas, a programação era totalmente ao vivo, as lojas de eletrodomésticos vendiam centenas de aparelhos televisores.

Ainda de acordo com Godinho (2008), a TV Goiânia ganhou sua primeira concorrente no dia 23 de outubro de 1963. A primeira transmissão da TV Anhanguera foi a célebre *A Hora da Ave-Maria*, então com três minutos. “A Anhanguera nasceu dando o que falar. Trouxe praticamente a equipe inteira da concorrente TV Goiânia, ex-TV Rádio Clube. Começou como afiliada da Rede Record, passou pela Excelsior e só depois viraria Globo”. Além da melhor estrutura humana, a TV Anhanguera também tinha a melhor estrutura técnica, e já entrou no ar com o recurso do *videotape*. A emissora também oferecia programas de variedades como o de auditório *República Livre do Cerrado* apresentado pelo Coronel Hipopota, e *A Juventude Comanda* a cargo de Arthur Rezende.

Godinho (2008) afirma que o primeiro telejornal goiano foi da TV Rádio Clube, mas o desenvolvimento do gênero em Goiás aconteceu graças à TV Anhanguera, que aliava profissionais criativos e proprietários preocupados com a modernização dos equipamentos. Naquela época não existia a Embratel ou satélites, e os jornais impressos de grandes centros como Rio de Janeiro e São Paulo demoravam até dois dias para chegar a Goiânia, assim como as fitas com imagens das principais notícias.

Para ilustrar as matérias mais urgentes, entrava em ação o departamento de arte, que simplesmente desenhava, por exemplo, uma reunião da Organização das Nações Unidas, uma revolta no Oriente Médio e por aí afora. Um slide – espécie de negativo de foto – ou outro também entrava para ilustrar. (GODINHO, 2008, p.41)

Os primeiros noticiários da TV Anhanguera iam ao ar graças à rádio-telegrafia (notícias que chegavam em código morse). As linhas telefônicas eram precárias, muitas vezes, para fazer um interurbano, era preciso deixar a emissora e atravessar a rua para usar os serviços da

empresa telefônica ‘Dentel’⁸. Todo o departamento de jornalismo era composto por José Divino e Jackson Abrão. Não havia equipes de reportagem, e até por isso era comum o reaproveitamento de notícias produzidas para o jornal *O Popular*. Também era praxe fazer a rádio-escuta (ouvir outras emissoras para angariar mais notícias). Três anos depois de começar a transmitir a TV Anhanguera assinou contrato com uma agência internacional de notícias, a UPI, e no final da década de 60 uma inovação: a telefoto, imagens vindas via sinal telefônico.

1.3 As mudanças no comportamento feminino com a chegada da televisão a Goiás

Como fica claro nas referências anteriores, à época da implantação da televisão no Brasil, a mulher tinha no espaço doméstico a sua área de atuação. Poucas se aventuravam a trabalhar fora, e quando o faziam eram em profissões consideradas femininas como a docência, ou em extensões dos afazeres caseiros como passadeiras, arrumadeiras ou cozinheiras em casas de famílias abastadas. Em qualquer um dos casos o fato de buscar uma renda extra para a família, ou mesmo de prover, sozinha, o sustento da casa e dos filhos era motivo para que o comportamento moral da trabalhadora fosse contestado. Ressaltando que essa procura foi sempre forçada por fatores econômicos e sociais como a baixa renda do marido e ainda os casos de abandono e viuvez. Pouca coisa mudava uma vez que essa mulher tinha pouca (no caso da docência, que era sempre para o nível fundamental) ou nenhuma escolaridade, ou seja, ela não tinha oportunidade de adquirir conhecimento geral ou informação básica sobre leis e direitos. Mas com a chegada da TV, o mundo do qual as mulheres haviam sido privadas, de certa forma, invade seus lares. Além do conhecimento geral, elas têm acesso a um novo modelo feminino, o da mulher bonita, prática e falante que estava na telinha.

Na década de sessenta, quando as transmissões televisivas começam em Goiás, as mulheres se encantaram com os eletrodomésticos, alimentos industrializados, com os produtos e dicas de beleza. Elas queriam reproduzir isto em suas vidas. Duas mulheres se tornaram referência na televisão goiana como parte da história da TV Anhanguera. Geracina Magdalena dos Santos ficou conhecida como Magda Santos, a primeira apresentadora e diretora de TV em Goiás. O programa *O Mundo é das Crianças* foi um sucesso de audiência entre 1965 e 1977 com brincadeiras, apresentações de talentos mirins e competições todos os domingos às 14 horas, dia da folga de Magda, uma vez que nos outros dias ela trabalhava na produção de outros programas. A outra mulher, Célia Câmara, se torna importante pela influência administrativa naquela que já era a maior emissora do Estado. Adorava inovações e quando câmeras e apresentadores eram demitidos por tentar “algo diferente”, como por exemplo, andar com a

⁸Hoje Brasil Telecom.

câmera no ombro, ela recontratava, e as inovações iam se estabelecendo. Até que, em 1981, Célia cria o *Feminina*, primeira produção goiana destinada às mulheres, que abordava temas como beleza, moda, educação dos filhos e culinária. Era na verdade uma espécie de versão local do *TV Mulher*, programa global que foi ao ar entre 1980 e 1986.

O programa *Feminina* era apresentado pela *socialite* Tereza Sabino, com participação de outras mulheres inclusive da própria Célia Câmara, que levaram para o estúdio uma extensão de suas vidas, ou seja, eram mulheres ricas falando sobre rotinas e produtos que estavam muito distantes das possibilidades da grande maioria das mulheres goianas. Mesmo assim era grande a audiência. As mulheres se sentiam importantes “estando” naquela sala de estar tão luxuosa (cenário) e utilizavam, mesmo que com adaptações, as informações repassadas pelos entrevistados que iam de médicos e educadores a decoradores. Por fim, ao conhecer e consumir novos produtos, a mulher transformava sua própria identidade e se sentia integrada à sociedade, como teorizado por Canclini (2006) era a realização da cidadania pelo consumo.

Sobre o conhecimento informal a que a mulher tem acesso através da mídia, especificamente por meio da televisão, Afonso (2005) afirma que num país de excluídos, a educação informal através dos meios de comunicação tem papel fundamental na formação de valores e comportamentos. Mas a autora deixa claro que para isso acontecer de maneira positiva era necessário que as mulheres (e todo o público) fossem preparadas para fazer uma leitura crítica dos meios de comunicação, sob pena dessa interação produzir efeitos contrários com a exposição de modelos femininos estereotipados⁹ de mulheres alienadas ou que se realizam apenas na realidade doméstica.

A educação efetuada pelos MC¹⁰ ocorre de forma paralela à educação formal e à não-formal, convencionalmente realizadas na escola e em instituições populares e sindicais, as quais em geral implicam para o/a educando/a a uma certa obrigação moral de frequentar e de aprender a ler, a escrever e a relacionar-se. Entretanto essa educação informal, que se realiza nos espaços criados com a presença dos MC, não se caracteriza por falta de intencionalidade ou por ingenuidade. (AFONSO, 2005, p.40)

Thompson (2002) acredita que a televisão já faz parte da rotina das pessoas e por isso seu espaço é privilegiado. Temer (2012) concorda e reforça que este espaço é ainda

⁹A autora trabalha com o conceito de estereótipo de Tilburg (1991) para quem o termo pode ser definido como “formas de generalizar de maneira superficial e constante as características de uma pessoa, grupo ou instituição”. O Estereótipo é utilizado para “economizar” a linguagem, comunicar de forma mais fácil e muitas vezes também é ferramenta de manipulação da realidade.

¹⁰Forma como a autora abrevia Meios de Comunicação.

maior no caso do público feminino, principalmente da fração que passa boa parte do dia sozinha em casa ocupada com serviços domésticos. Proposições que reforçam a preocupação de Afonso, inserida no parágrafo anterior, com o conteúdo veiculado na TV e com a forma como a mulher é mostrada, porque na solidão do seu dia a dia, é com essa mulher retratada na TV que a telespectadora desenvolverá uma relação de amizade e espelho.

Na TV, assim como na vida real, a mulher trabalha, contribui com o sustento da família, isso quando não mantém a casa e cria os filhos sozinha, mas há fatores que colocam em cheque a existência harmoniosa entre família, profissão e feminilidade, como as novelas principalmente na programação de entretenimento. Nessa programação, não raramente a mulher que trabalha fora tem problemas com os filhos e marido, que apresentam distorções de comportamento por falta da presença feminina. Outra imagem estereotipada é a da mulher que, para ter sucesso na profissão, precisa abrir mão de constituir uma família, ou ainda a de que para competir com os homens no mercado de trabalho deixa de lado hábitos de beleza e vestimentas características como vestidos e saias.

1.4 A televisão goiana incorpora a violência como valor notícia

As emissoras pioneiras de TV da década de cinquenta viram o número de concorrentes aumentar consideravelmente durante o governo militar, que distribuiu concessões em troca de apoio político. A guerra pela audiência, o surgimento e consolidação da internet que, aliada à popularização dos canais fechados roubaram os segmentos A e B da TV aberta, fizeram com que estas emissoras mudassem profundamente seu conteúdo. Mas antes de detalhar esta mudança se faz necessário entender o mercado televisivo em Goiás e na região metropolitana de Goiânia. Além da TV Anhanguera, TV Record e TV Serra Dourada, objetos de estudo desta pesquisa, são relevantes dentro da produção telejornalística do Estado outras quatro emissoras, a TV Brasil Central, a TV Goiânia, a Fonte TV e a PUC TV.

A TV Brasil Central, concessão do Governo do Estado de Goiás, entra no ar em 1975. Primeiro retransmite o sinal da Rede Bandeirantes, e é a primeira emissora goiana a transmitir o sinal de rede em tempo real, sem a necessidade de antenas repetidoras como acontecia com a TV Tupi - Diários Associados e a Rede Globo de Televisão. Atualmente retransmite o sinal da

TV Cultura de São Paulo com pouco mais de quatro horas de programação local, sendo cerca de duas horas para o telejornalismo.

A TV Goiânia entrou no ar em primeiro de março de 1996. Mas o canal 11 estava em funcionamento desde 1987 retransmitindo o sinal da TV Manchete. Quando os proprietários conseguiram mudar a modalidade de concessão de repetidora para geradora, fecharam contrato com a Rede Bandeirantes, que havia rompido com a TV Brasil Central um ano antes. Em 2002 a emissora é vendida pelos Diários Associados ao senador Wellington Salgado de Oliveira, que entre outras mudanças constitui um núcleo de jornalismo local. Hoje são três programas locais, dois de conteúdo considerado sensacionalista, Chumbo Grosso e Brasil Urgente – edição Local, e o telejornal Jornal da Band Local. No total são pouco mais de duas horas de programação local.

A TV Fonte da Vida, transmitindo desde 25 de dezembro de 2005, de propriedade da Igreja Evangélica Fonte da Vida. Toda a programação é local e os telejornais ocupam uma hora e cinco minutos da programação. A PUC TV, de propriedade da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, retransmite a TV Aparecida desde 27 de junho de 2007, são vários os programas de variedades locais, mas apenas um telejornal de trinta minutos.

É preciso registrar também a existência da TV Capital no ar desde 26 de dezembro de 2007 com apenas um telejornal local com uma hora de duração. Boa parte da programação é dedicada a programas produzidos pela Igreja Católica Sagrada Família. E por fim a TV UFG, no ar desde 14 de dezembro de 2009, retransmissora da TV Brasil, com apenas um programa jornalístico laboratório dos estudantes do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Goiás.

A hegemonia da TV Anhanguera e sua programação elitizada começaram a ser ameaçadas em 1991 quando a TV Serra Dourada coloca no ar o *Jornal do Meio Dia*, com duração de quase uma hora e notícias mais populares. Nesta época o telejornal do mesmo horário da afiliada da rede globo possuía, em média, quinze minutos. A TV Record, que reformula sua programação em 2006 mantendo a linha popularesca, extingue o *Goiânia Urgente* e coloca no ar o *Balanço Geral*, passa a disputar ponto a ponto a audiência com a TV Anhanguera tanto no telejornal matinal quanto no horário do almoço. Hoje a briga pela liderança de audiência em Goiás nos telejornais do horário do almoço (segundo dados do IBOPE Media¹¹) fica entre as emissoras: TV Anhanguera, TV Record (que alternam a vice-liderança) e TV Serra Dourada (primeiro lugar). Diante deste quadro a TV Anhanguera se viu obrigada a investir em um estilo bem mais informal e conteúdos de interesse das classes C e D.

Entenda-se por informalidade uma linguagem bem menos culta, onde frequentemente o repórter / apresentador usa gírias e faz comentários pessoais. Para interagir com o público,

¹¹ IBOPE Media é a unidade de negócios do grupo IBOPE responsável por fazer pesquisa de audiência em todos os tipos de meios de comunicação no Brasil.

jornalistas andam de ônibus, comem pastel na feira e entram em buracos. Quanto ao conteúdo, o destaque atual é para assuntos que provocam dor e sofrimento às classes economicamente menos favorecidas, como por exemplo, transporte público, falta de atendimento aos usuários do Sistema Único de Saúde, crianças sem escolas e mães sem trabalhar porque não há creches suficientes. Essa nova programação também aposta no tripé sensacionalista escândalos – sexo e violência.

Tudo isso é reforçado ainda pela movimentação do apresentador, que via de regra gesticula e caminha pelo estúdio, dirigindo-se diretamente à câmera, corroborando para a falsa ideia de partilha de informações. No conjunto pode-se comparar estes programas com o gênero dramático, pois são usados recursos como o plano geral, a aproximação lenta, o suspense, tudo para passar ao receptor uma ideia de super-realidade, como se a informação repassada fosse uma testemunha dos fatos. (SIMÃO; LIMA; DOURADO; TEMER, 2012, p.4)

2. Reflexões Teóricas

2.1 O que é violência?

O termo violência e suas várias derivações está presente cotidianamente na vida de todos os indivíduos. Ao ligar o rádio do carro ouve-se o locutor comentar sobre o violento protesto da noite passada, na fila da padaria duas mulheres falam sobre violência doméstica, no elevador do grande prédio comercial o tema da conversa é a violência urbana, na pequena roda em torno da máquina de café no corredor da faculdade, jovens discutem violência de gênero. A humanidade convive com a violência desde seus primórdios, poderíamos começar relatando sua organização territorial através das guerras ou discutir diversas passagens bíblicas onde Deus impõe seu poder por meio da força, como o dilúvio.

A palavra violência tem origem no latim “*violentia*” que pode ser traduzida como veemência, impetuosidade, mas sua origem, o termo “*violare*”, quer dizer violação. Comumente associa-se violência a uma atitude física, agressão, mas a violência existe independente do contato físico, e por isso a Organização Mundial de Saúde define violência como:

O uso intencional de força física ou poder, real ou como ameaça, contra si mesmo, outra pessoa, ou contra um grupo ou

comunidade, que resulte em, ou resultou, ou tem uma alta probabilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, mau desenvolvimento ou privação. (WHO, 2002)

Michaud (1989, p.179) assim conceitua violência:

(...) há violência quando, numa situação de interação, ou um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou várias pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas ou culturais

Michaud também mostra preocupação com a representação da violência e diz que a mesma “(...) flutua e metamorfoseia-se conforme as convicções que a aprendem”(1989, p.49). Weil (2012) questiona violência e discurso, e violência e razão (1950) sobre as formas de conceituação de um ato de violência entre comunidade com referenciais culturais diferentes? Ou ainda, o que é lei, e o que é abuso de poder dentro de sistemas políticos construídos sob lideranças individuais ou partidárias? Ou seja, sob um determinado ponto de vista.

Pesquisadores de diversas áreas discordam se o comportamento violento em diversas esferas, desde sua origem, pode ser biológico ou fruto de uma construção social, e discutem suas possibilidades de existência até suas consequências. Reforça-se a necessidade de ampliar o referencial teórico que dê conta desse fenômeno que se considera complexo. Em termos gerais:

A violência não é produto dos sentimentos, instintos, frustrações etc., pois existe uma multiplicidade de formas de violência e, por conseguinte, uma multiplicidade de determinações. Além disso, o concreto é resultado, tal como já dizia Marx, de suas ‘múltiplas determinações’, não sendo o efeito de uma causa única. (VIANA, 2004, p.21-22)

A “multiplicidade de formas” colocada por Viana, ou seja, as várias formas como a violência pode ser exercida, é encontrada em diversos estudos das áreas de ciências

humanas e biológicas sobre a violência. São várias as denominações, mas este estudo ressaltou a categorização mais comumente citada.

2.1.1 Tipos de Violência

2.1.1.1 Violência Física

O Conselho Nacional de Justiça (CNJ) entende violência física “como qualquer conduta que ofenda sua integridade ou saúde corporal”. A violência física pode ou não deixar marcas, e não tem limitações de gênero, idade ou classe social. O agressor pode usar armas como revólveres e facas ou qualquer objeto que provoque dor ou lesões, ou mesmo o próprio corpo. Hoje, associa-se violência física a crimes como, latrocínios, assassinatos, estupros e torturas, mas o uso da dor e do sofrimento é uma estratégia de dominação humana desde a pré-história. As guerras mais conhecidas são a Primeira Guerra Mundial, em 1914, e a Segunda Guerra Mundial, em 1939, mas as batalhas começaram ainda na pré-história. Pode-se citar ainda várias outras passagens sanguinárias da história da humanidade como as Cruzadas, a Inquisição ou as Entifadas. No Brasil, segundo dados do governo federal, as maiores vítimas de violência física são as mulheres e as crianças.

Ainda fazem parte da classificação de tipos de violência pelo CNJ: a violência contra a mulher, a violência de gênero, a violência doméstica, a violência familiar, a violência intrafamiliar, a violência institucional, a violência moral, a violência patrimonial, a violência psicológica e a violência sexual.

2.1.1.2 A Violência Social

Para Muniz Sodré (2006) a violência pode ser anômica (causada pelo enfraquecimento ou desaparecimento dos códigos de conduta da sociedade) e os casos, cada vez mais cruéis mostrados pela mídia, chocam a sociedade. A violência representada é aquela trabalhada e usada pela mídia jornalística e de entretenimento na busca pela audiência. Há ainda a violência sociocultural, “...resultante do puro e simples arbítrio de um poder”..., que pode ser dos homens sobre as mulheres ou em relação a qualquer indivíduo que seja fenotipicamente diverso como o negro, ou simplesmente diferente do que as regras sociais impõem, como os homossexuais. Sodré ainda cita a violência sociopolítica exercida pelo poder instituído, como o Estado.

Esta pesquisa enfatiza o conceito de violência social (que pode acontecer nos planos econômico, político e psicológico) discutido por Sodré, caracterizado pela negligência àqueles que não fazem parte do exíguo círculo do poder. Não é o ato físico de violência, mas a violência enquanto estado, mantida por formas modernas e sutis. Mesmo criticando o pensamento marxista, que considera limitado, o autor diz ser necessário considerar o conceito de violência social como um efeito das sociedades de classes, que para garantir a propriedade privada de uns impõe a privação a outros. E Sodré continua sua crítica: se o poder do capital só pode se sustentar através da violência como defendida por Lenin, assim também o faziam o sistema burocrático e as elites dirigentes socialistas.

A preocupação sobre o uso discursivo da violência apresentada anteriormente nesta pesquisa através de Éric Weil é reforçada por Muniz Sodré.

O conceito de violência social apenas deixa claro que considerar violência como puro ato implica conotar negativamente apenas as ações que contrariem a legitimidade, burguesa ou não, do grupo dirigente. Tanto é que é uma prática linguística geral, por partes de instituições dirigentes, trocar a palavra “violência” por “força”, quando se designam atos de coerção socialmente legitimados. (SODRÉ, 2006, p.19)

O autor ainda ressalta que as modalidades de violência não são excludentes, e o que ele chama de “monopólio jurídico da violência” pelo Estado, e as leis constitucionais e morais não conseguem impedir a violência que se concentra e potencializa nas esferas sociais marginalizadas pelo Estado, não raramente, podem ser observadas suas combinações, como por exemplo, atos de violência anômica dentro de um estado de violência sociopolítica.

2.1.1.3 A Violência Simbólica

Pierre Bourdieu (2010) trabalhou o conceito de violência simbólica. Para o pesquisador francês, nestes casos a violência está emaranhada no cotidiano e só é reconhecida por olhos muito atentos, passando despercebida até mesmo pelas vítimas. É o caso da dominação masculina sobre as mulheres perpetuada pela sociedade através da manutenção de costumes lembrados e fixados pelo próprio comportamento da sociedade e do conteúdo midiático. Por isso o autor afirma:

Assim, não vemos como poderia emergir na consciência a relação social de dominação que está em sua base e que, por

uma inversão completa de causas e efeitos, surge como uma aplicação entre outras, de um sistema de relações de sentido totalmente independente das relações de força. O sistema mítico-ritual desempenha aqui um papel equivalente ao que incumbe ao campo jurídico nas sociedades diferenciadas: na medida em que os princípios de visão e divisão que ele propõe estão objetivamente ajustados às divisões pré-existentes ele consagra a ordem estabelecida, trazendo-a à existência conhecida e reconhecida, oficial. (BOURDIEU, 2010, p.16-17)

É gentileza quando um homem se oferece para dirigir, abrir a tampa de um vidro de conservas ou carregar as sacolas, ou ele quer reforçar a ideia de que a mulher é mais fraca fisicamente? É um sinal de amabilidade masculina pagar a conta do restaurante sozinho, ou um lembrete de que os salários dos homens ainda são maiores? Trocar o chuveiro, a lâmpada e levar o carro à oficina são sinais de preocupação com o excesso de tarefas da mulher ou uma afirmação de que o seu lugar ainda é o ambiente doméstico? Por que raramente essa disposição em ser útil é mostrada na divisão dos afazeres domésticos? Segundo Simone de Beauvoir (2009) as tarefas domésticas sempre foram associadas a castigo, a uma forma de afastar as mulheres dos espaços públicos.

A princesa que passa a vida sofrendo ou sob uma grande maldição e terá seus problemas resolvidos apenas com a chegada do príncipe encantado não está apenas na literatura infantil, está nas telenovelas, no cinema e na publicidade. Marie Suzuki Fujisawa (2006) estudou o papel feminino na publicidade brasileira¹². Ela explica que a presença da mulher no mercado de trabalho foi incorporada aos comerciais, assim como o pensamento de que ela precisa ter mais tempo para a família, amigos e para o casamento, mas a presença do homem lavando ou passando ainda não é vista, ou seja, houve avanços mas ainda não há igualdade de papéis.

Bourdieu expõe ainda a necessidade de enxergar a *dóxa* (crença comum ou opinião popular) dentro de seu caráter contraditório, e tornar claros processos históricos ou arbitrários em natureza e natural respectivamente, para isso respeitando as características individuais ou coletivas como biológicas e não como condição de inferioridade ou desfavorecimento.

Para Bourdieu, a “ordem social” é a máquina simbólica que ratifica a dominação e consequentemente a violência através da determinação de áreas de atuação, espaços e

¹²O livro “Das Amélias às Mulheres Multifuncionais” faz um estudo de caso das campanhas do sabão em pó OMO, uma das marcas mais antigas, mais conhecidas e mais vendidas no Brasil.

até mesmo entendimento científico. E assim tendo suas percepções construídas dentro das limitações impostas “...seus atos de conhecimento são, inevitavelmente, atos de reconhecimento, de submissão.”, logo, de reprodução desse conhecimento. Torna-se pertinente, diante desta argumentação de Bourdieu, lembrar o conceito de liberdade do filósofo Baruch Spinoza que opõe autodeterminação e livre-arbítrio.

A liberdade não é a escolha voluntária ante várias opções, mas a capacidade de autodeterminação para pensar, querer, sentir e agir. É autonomia. Não se opõe à necessidade (natural ou social), mas trabalha com ela, opondo-se ao constrangimento e à autoridade. Nessa perspectiva, ser sujeito é construir-se e constituir-se como capaz de autonomia numa relação tal que as coisas e os demais não se ofereçam como determinadores do que somos e fazemos, mas como o campo no qual o que somos e o que fazemos pode ter a capacidade aumentada ou diminuída, segundo nos submetamos ou não à força e à violência ou sejamos agentes dela. (SPINOZA *apud* AZEVEDO, 1985, p.18)

Marilena Chaui (1985, *apud* AZEVEDO, 1985, p. 18), também problematizou a violência exercida, não pela força, mas pela hierarquia. Para a filósofa, essas relações se estabelecem onde seres humanos são tratados como “coisa”, um objeto silencioso que não sente e não se manifesta, vive em silêncio imposto.

2.1.1.4 A Violência Contra a Mulher

Há uma semelhança entre o conceito de violência simbólica, discutido anteriormente neste trabalho, e a concepção que Azevedo (1985) constrói para a violência contra a mulher. Para a autora é abuso contra o sexo feminino qualquer violação de sua liberdade, seja ela física ou por imposição de comportamentos, como por exemplo, o cerceamento de direitos emancipatórios. Uma mulher sem acesso à educação ou sem creche para os filhos não tem como trabalhar e garantir o seu sustento. Azevedo ainda chama a atenção para um dos fatores que dificultam os estudos dos casos de violência doméstica: o fato da sociedade considerar a família uma instituição acima de qualquer suspeita e a relação dentro do casamento (ou de outros tipos de união estável) que, teoricamente, são permeadas por harmonia e respeito mútuo. E, talvez, por ficar encarcerada em quatro paredes, a violência física seja apenas a “ponta visível do

iceberg de violências sutis e disfarçadas”. Um problema que segundo a autora passou de normal, para anormal, em seguida passou a ser considerado desumano e finalmente tratado como um problema social.

Mas se a violência contra a mulher já foi reconhecida como crime a ser banido é preciso descobrir porque perdura. Ainda segundo Azevedo porque a sociedade machista¹³ se utiliza de quatro artimanhas:

- a) A criminalização não específica da violência contra a mulher;
- b) A falta de estatísticas;
- c) A impunidade dos agressores;
- d) A opinião pública favorável ao espancamento das mulheres.

A relação entre os tópicos acontece da seguinte maneira: se não há uma criminalização específica, porque embora a violência contra a mulher não esteja mais amparada em lei, implicitamente a sociedade machista ainda enxerga o castigo feminino como uma ferramenta de manutenção do casamento, o problema desaparece em meio à indiferença social. Logo, a falta de estatística ajuda a tornar o problema bem menor do que realmente é, e as políticas públicas de combate à violência contra a mulher não possuem a dimensão necessária à sua solução. Se procura por ajuda, mas é atendida por profissionais despreparados, em vez de ser ajudada, a mulher é mais uma vez violentada ao ouvir o conselho, não raro, para esquecer o problema e voltar para casa e rever suas atitudes, afinal ela deve ter provocado a reação de ira do companheiro. Uma vez impune o agressor não hesitará em ferir novamente. Assim a instituição Casamento é mantida, e a paz fictícia, como cita Maria Amélia Azevedo, reforça a opinião pública a favor da violência contra as mulheres.

Há que ser ressaltado que avanços foram conquistados, muitos, pelo movimento feminista mundial e brasileiro. Especificamente, no Brasil, ajudou a alavancar as discussões sobre o problema, os assassinatos de mulheres famosas ou por homens famosos e casos macabros de maus-tratos levados a público pela imprensa. Pode-se citar como exemplo o assassinato de Eliane de Grammont pelo cantor Lindomar Castilho¹⁴,

¹³ Na visão da autora o machismo é um sistema de crenças e valores criado e mantido pelos homens para garantir sua manutenção no poder através da reafirmação da sua superioridade e do reforço à “inferioridade feminina”.

¹⁴ Lindomar Castilho, cantor goiano de boleros que fez muito sucesso na década de 70, chocou o Brasil em 1981 ao matar a tiros a segunda esposa, a também cantora Eliane de Grammont, porque não aceitava a separação do casal.

de Ângela Diniz por Doca Street¹⁵, e as torturas sofridas por Maria da Penha Maia Fernandes¹⁶.

No caso de Maria da Penha, ela precisou de quase sete anos para denunciar o marido violento. A psicóloga espanhola Edurne García Corres (2007) se diz “instigada com o fenômeno da dependência das mulheres depois de tantos anos de liberdade feminina”. Ela tenta explicar a submissão da mulher a um relacionamento violento através das relações de interdependência, ou seja, uniões costumam se estabelecer entre pessoas com baixa auto-estima. “Elas têm um auto-conceito frágil, definindo-se em função de outra pessoa, e qualquer mudança na relação supõe a elas uma mudança em seu auto-conceito” (CORRES, 2007, p.202). E faz uma crítica à mídia que expõe o problema social com pouca frequência e ainda, quando o faz, é de maneira superficial.

A mulher tenta se estabelecer na sociedade moderna e para isso trava uma verdadeira guerra entre suas vontades e necessidades naturais com as convenções culturais que lhe foram passadas ainda criança¹⁷. O condicionamento de sua existência à perfeição, a ser bela, esposa carinhosa, mãe dedicada, dona de casa exemplar, profissional bem sucedida e bela, sempre. Para alcançar este, que seria o paraíso feminino, a mulher se entrega a um consumismo exacerbado, numa tentativa infrutífera de sucesso. Há ainda uma outra batalha, contra o chamado politicamente correto, que segundo Corres (2007) apenas desfoca a real situação da mulher.

Estamos em uma época em que o politicamente correto virou uma obsessão, uma máscara que acoberta preconceitos, constrói discursos cristalizados e funciona como uma camuflagem segura de pensamentos e atitudes que maltratam e machucam seres humanos. A mulher é apresentada como independente, segura, dona do próprio nariz e de suas escolhas sexuais e afetivas. Em nome do discurso pacífico, em que se pressupõe o respeito a todos, está o mascaramento das necessidades de indivíduos menosprezados pelo *status quo*. São marginalizados, estigmatizados e não podem nem fazer muito barulho porque serão tachados de ingratos. (OLIVEIRA, 2010, p.27)

¹⁵Raul Fernando do Amaral Street, playboy conhecido como Doca Street, matou com cinco tiros a namorada, a *socialite* mineira Ângela Diniz que não queria manter o namoro de quatro meses e admitia se relacionar com outros homens e mulheres. O crime aconteceu em 30 de dezembro de 1976 e dividiu o país, as feministas pediam a sua condenação enquanto parte da população pedia sua absolvição baseado no princípio da legítima defesa da honra.

¹⁶ Maria da Penha Maia Fernandes deu nome à lei que tornou mais rigorosas as punições aos homens agressores. Ela foi espancada diariamente pelo marido por seis anos, até que, em 1983, ele tentou matá-la por duas vezes, na primeira com um tiro que a deixou paraplégica e na segunda com choques e afogamentos que geraram uma série de cicatrizes.

¹⁷A autora Fernanda Oliveira critica o cerco às meninas com panelinhas e bonequinhas, que para ela é uma maneira de dizer desde cedo qual é sua função no mundo.

A violência contra as mulheres começa nos primórdios da humanidade e se perpetua por uma questão cultural ou financeira, ou ainda pela sua junção. Azevedo, Corres e Oliveira, citadas anteriormente, concordam que o combate ao problema começa pela conscientização feminina de estar inserida em uma sociedade construída para cerceamento de sua independência, e só assim, conhecedora de suas barreiras, será possível trabalhar a construção do sujeito feminino e de sua cidadania.

Sem força econômica, sem força psicológica ela viverá uma condição de permanente desamparo aprendido, credencial adequada para desempenhar o papel de vítima nos episódios de violência física, enquanto exacerbação de um padrão não-igualitário de relações sociais de gênero. Consequentemente, não terá força política (poder) na “guerra dos sexos”. (AZEVEDO, 1985. p.76).

2.2 A violência no jornalismo e sensacionalismo

Dentro da esfera comunicacional, mais precisamente da jornalística, diariamente ouve-se a aplicação do termo sensacionalista direcionado a emissoras, programas, profissionais. Mas o que é ser uma emissora sensacionalista ou um jornalista sensacionalista, o que define um programa como sensacionalista? No Novo Dicionário da Língua Portuguesa de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, a palavra “sensacionalismo” é explicada como sendo “a divulgação e exploração, em tom espalhafatoso, de matéria capaz de emocionar ou escandalizar”.

Para Marcondes Filho (1985) todo jornal é sensacionalista porque o simples fato de noticiar implica em alterar, dirigir e mutilar um fato porque é impossível reproduzir algo tal qual aconteceu.

O que vai diferenciar um jornal dito ‘sensacionalista’ de outro dito ‘sério’ é somente o grau. Sensacionalismo é apenas o grau mais radical de mercantilização da informação: tudo o que se vende é aparência e, na verdade vende-se aquilo que a informação interna não irá desenvolver melhor do que a manchete. (MARCONDES FILHO, 1985, p.66)

Mott (1941) afirma que o termo sensacionalista deve ser aplicado ao conteúdo de mídia que estimule uma resposta emotiva no público, reações mais comuns quando o tema em questão é crime, desastre, sexo, escândalo ou qualquer outra monstruosidade. Angrimani (1995) coloca o sensacionalismo como o superdimensionamento de fatos

onde o real não é o mais importante, e Belarmino Costa (2002) conceitua sensacionalismo dentro da produção jornalística como a “transgressão do senso determinante da normalidade dos fatos, evidenciando um detalhe, uma anomalia e uma curiosidade que despertem imediatamente o interesse dos receptores”.

Trabalhando com a perspectiva do sensacionalismo como um novo gênero jornalístico, e considerando os gêneros jornalísticos como gêneros discursivos, tal qual afirmado anteriormente, quais as características do discurso sensacionalista? Pedroso (1994) destaca doze pontos que podem ser usados como critérios de identificação:

1. Variedade na apresentação gráfica;
2. Exploração de estereótipos sociais;
3. Valorização da emoção em detrimento da informação;
4. Exploração do caráter extraordinário e vulgar dos acontecimentos;
5. Adequação ideológica às condições culturais, políticas e econômicas das classes populares;
6. Exploração exacerbada do caráter singular dos acontecimentos;
7. Destaque do aspecto insignificante e duvidoso dos acontecimentos;
8. Omissão de aspectos dos acontecimentos;
9. Acréscimo de aspectos aos acontecimentos;
10. Discurso repetitivo, motivador, despolitizador e avaliativo;
11. Discurso informativo de jornais em fase de consolidação econômica e empresarial;
12. Modelo informativo que torna difusos os limites entre o real e o imaginário.

Falta de credibilidade, linguagem não apenas coloquial, mas carregada de gírias e expressões regionais são outras características apresentadas pelos autores citados anteriormente. Especificamente no caso da televisão, acrescenta-se a ausência de *script*, enquadramentos abertos e movimentos de câmera rápidos. O apresentador conversa com o telespectador, faz perguntas, e insere como personagens, indivíduos da produção televisiva que em outros gêneros permanecem ocultos, como o diretor, o assistente de estúdio e o piloto do helicóptero.

A narrativa (sensacionalista) transporta o leitor; é como se ele estivesse lá, junto ao estuprador, ao assassino, ao macumbeiro, ao sequestrador, sentindo as mesmas emoções. Essa narrativa delega sensações por procuração, porque

a interiorização, a participação e o reconhecimento desses papéis, tornam o mundo da contravenção subjetivamente real para o leitor. A humanização do relato faz com que o leitor reviva o acontecimento como se fosse ele o próprio autor do que está sendo narrado. (PEDROSO, 1983 *apud* ANGRIMANI, 1995, p.17)

Porcello (2008) insere o comportamento do indivíduo moderno dentro deste novo fazer jornalístico. O autor lembra que na “sociedade da informação” os conteúdos circulam com tanta rapidez que são consumidos sem profundidade ou questionamentos. E, tão preocupante quanto a falta de assimilação, é a observação do autor sobre o antagonismo que envolve a espetacularização.

As pessoas podem nem entender direito o que estão ouvindo naquela notícia tão espetacular, mas, com certeza, ficam com a sensação de que estão bem informadas, de que “sabem das coisas” porque viram na TV. Essa é a essência da moderna sociedade da informação, A linguagem que prevalece é a do espetáculo. E, nesse sentido, a informação carece de conteúdo. Informação é o que se sabe, conhecimento é o que se aprende. A informação é cumulativa, o conhecimento é seletivo. É preciso saber selecionar as informações, transformando-as em conhecimento. E o conhecimento acumulado ao longo do tempo permite a construção do saber. (PORCELLO, 2008, p.54)

Angrimani (1995) cita Auclair para abordar “um ponto de vista psicanalítico” sobre o sensacionalismo. Auclair se refere a conceitos freudianos de negação, satisfação simbólica e catarse para explicar o instinto sádico saciado pelo sensacionalismo.

O meio de comunicação sensacionalista se assemelha a um neurótico obsessivo, um ego que deseja dar vazão a múltiplas ações transgressoras – que busca satisfação no fetichismo, voyeurismo, sadomasoquismo, coprofilia, incesto, pedofilia, necrofilia – ao mesmo tempo em que é reprimido por um superego cruel e implacável. É nesse pêndulo (transgressão-punição) que o sensacionalismo se apoia. A mensagem sensacionalista é, ao mesmo tempo, imoral-moralista e não limita com rigor o domínio da realidade e da representação. Nessa soma de ambiguidades se revela um agir dividido, esquizofrênico. (ANGRIMANI, 1995, p.17)

Sodré e Paiva (2002) analisam o grotesco da origem às suas diversas manifestações. Especificamente na televisão, os autores afirmam que o gênero vai além do conteúdo, e já se mostra como uma especialização profissional¹⁸. Na busca pela audiência a TV aberta procura transformar sua programação numa praça, um espaço público onde o telespectador se divirta e se sinta integrado ao meio (principalmente aquele do qual foi excluído socialmente).

¹⁸Produtores especializados em promover situações absurdas e constrangedoras com participação voluntária ou não do público e de artistas, como por exemplo, as famosas pegadinhas.

(...) o grotesco chocante – esta é a modalidade dominante nas programações televisivas para a grande massa – permite encenar o povo e, ao mesmo tempo mantê-lo a distância. Dão-se voz e imagem a energúmenos, ignorantes, ridículos, patéticos, violentados, disformes, aberrantes, para mostrar a crua realidade popular, sem que o choque daí advindo chegue às causas sociais, mas permaneça na superfície irrisória dos efeitos. (SODRÉ; PAIVA, 2002, p.133)

Os autores pontuam que a presença do grotesco é sempre citada na televisão a partir da década de 1990 com o sucesso de programas como “Ratinho”, mas suas características podem ser identificadas desde sua implantação no Brasil. Nos primeiros programas de auditório, de artistas como Chacrinha, Flávio Cavalcanti e Sílvio Santos eram recorrentes “os aleijões, deformidades, aberrações da natureza e manifestações de idiotia” e para garantir a reação da plateia, mensagens de fácil compreensão.

A violência já é por si grotesca porque distancia tanto vítima quanto agressor do humano. Mas o fato noticiado se torna animalesco quando, na reinterpretação pela mídia, apenas o ato é focado, nas chamadas, nos *leads*, no texto e nas legendas. “Foram vinte e duas facadas”; “Os cadáveres foram encontrados sem as cabeças”; “O empresário foi esquartejado e seu corpo dividido em malas”; “Foi assassinado pelo próprio filho”; “O corpo da mulher grávida foi escondido debaixo do sofá”.

Não só o ato é focado como repetido diversas vezes. Especialmente no caso da televisão, se há imagens, essas são reprisadas à exaustão, se não há, a computação gráfica precisa providenciar uma imagem que garanta a materialização da violência. Não há o debate sobre causas ou consequências, não há discussão que instigue uma reflexão sobre o problema.

Encerra-se essa reflexão acerca do sensacionalismo e o grotesco com uma importante observação de Sodré e Paiva sobre a hegemonia do que eles chamam de ‘formato’ a partir da observação da televisão enquanto veículo de comunicação de massa de maior abrangência no Brasil, em detrimento de outras fontes de informação, como museus, teatros e bibliotecas. Ou seja, a superexposição de casos de violência e outras formas do grotesco provocaria uma alienação de outros conteúdos e ainda causaria uma banalização do tema no cotidiano social.

2.3 A mulher e seus diferentes papéis na sociedade moderna

Mulher é estuprada em ponto de ônibus / Mulher é assassinada pelo marido que não aceitou o divórcio / Pesquisa revela: mulheres estudam mais e ganham menos /

Emagreça e conquiste aquele gato / Estas são manchetes que podem ser encontradas diariamente em jornais, revistas, telejornais, sites e emissoras de rádio. Diante de tão pouca consideração com a mulher enquanto indivíduo, difícil acreditar que o mundo, num passado muito distante é verdade, já foi matriarcal e as mulheres exerciam a poliandria¹⁹. Segundo Friedrich Engels 1891, no mundo ocidental a passagem do heterismo à monogamia e do direito materno ao paterno acontece primeiramente entre os gregos, reflexo não só da necessidade econômico-estrutural²⁰, mas também por influência da religião e da necessidade de controlar o aparelho reprodutor da mulher. A castidade legitima a paternidade.

O homem apoderou-se também da direção da casa; a mulher viu-se degradada, convertida em seguidora, em escrava da luxúria do homem, em simples instrumento de reprodução. Essa baixa condição da mulher, manifestada sobretudo entre os gregos dos tempos heroicos e, ainda mais entre os dos tempos clássicos, tem sido gradualmente retocada, dissimulada e, em certos casos até revestida de formas de maior suavidade, mas de maneira alguma suprimida. (ENGELS, 1985, p.76)

O autor frisa que ao ser entregue ao homem sem reserva de poder para certificação da paternidade, a mulher passa a ser não apenas submissa, mas também em muitos casos, vítima de violência, inclusive física. Azevedo (1985) afirma que a pior fase foi na Idade Média quando o direito de bater em mulheres era reconhecido por tribunais civis e religiosos. Foi apenas a partir do século XIX que a lei passou a não aceitar o direito do marido de castigar a mulher e ainda a reconhecer como legal a punição aos homens condenados por este tipo de crime.

Além da violência física, a retirada da mulher da esfera pública tem uma segunda consequência, o afastamento feminino do poder político e econômico. O machismo, pensamento da supremacia masculina, baseia-se em afirmar a superioridade masculina e reforçar a inferioridade da mulher em várias formas de discurso: filosófico, científico, religioso, jurídico e até mesmo popular (AZEVEDO, 1985).

Para Platão a mulher é o homem reencarnado para pagar pecados de uma vida anterior, ou seja, um castigo. Aristóteles afirmava que a mulheres e escravos deviam viver apenas para servir. Da pré-história aos tempos atuais ainda é possível ver em

¹⁹Friedrich Engels (1985) explica que este tipo de divisão familiar acontecia durante o período nominado como Barbárie. Ao exercer a Poliandria, ou seja, uma mulher se unia a vários homens, a linhagem era matriarcal, uma vez que a mulher tinha certeza de quais seus descendentes, o homem não.

²⁰A justificativa é que sem saber quais eram seus descendentes os homens não tinham como determinar herdeiros para seus bens.

diversos discursos a mulher colocada em posição de inferioridade ao homem. Não é possível justificar essa discriminação pela ignorância, ou como explicar durante a revolução burguesa do século XVIII, quando intelectuais que enalteciam os conceitos de liberdade e igualdade não se preocupavam com a inclusão da mulher nas tomadas de decisões, nem mesmo nas discussões da chamada esfera pública burguesa (THOMPSON, 1998). O não reconhecimento da mulher enquanto um indivíduo com a mesma capacidade dos homens fica ainda mais clara na seguinte afirmação de Rousseau.

(...) as mulheres são naturalmente mais fracas, mais apropriadas para a reprodução, mas não para a vida pública. As mulheres devem ser educadas para agradar aos homens e serem mães. Devem ser educadas na reclusão sexual e castidade que legitimam a paternidade. Na família os homens devem governar essas frívolas criaturas. Devem aprender a estimular o desejo masculino e ao mesmo tempo impedir a lascívia dos homens. A sedução é própria de sua natureza; elas são desejosas de agradar, modestas, tolerantes da injustiça, arditosas, vãs e artistas em menor grau. (ROUSSEAU, *apud* BICALHO, 1998, p.27)

Esse discurso repetido há séculos, foi interiorizado pela sociedade e pelas próprias mulheres, e não é esquecido ao ser reafirmado todos os dias nos mais diversos gêneros midiáticos e na Educação. Citando Falconnet e Lefaucheur a autora lembra de uma versão do Novo Dicionário da Língua Portuguesa de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, onde o termo 'homem' é descrito sem nenhum termo pejorativo (homem de bem, homem de espírito, de letras, de ação, de empresas, de negócios, de palavra, homem chave, homem de Deus etc). Enquanto para a mulher não há um termo positivo (mulher à-toa, da vida, da rua, de ponta de rua, da zona, do fado, do fandango, do mundo, da comédia, mulher errada, perdida, vadia, mulher-dama etc).

As exceções sempre existiram, mas as mulheres voltam ao domínio público com a Revolução Industrial e a necessidade de mão de obra, necessidade consolidada pelas grandes guerras com a ida dos homens para o *front*. E mesmo enfrentando muitas dificuldades elas não pararam mais de tentar ocupar os mesmos espaços que os homens e com o mesmo reconhecimento. O que ainda não aconteceu.

Especificamente no Brasil, a mulher teve direito ao voto em fevereiro de 1932, mas só as casadas e desde que houvesse o consentimento do marido, podiam comparecer às urnas. O direito de se separar veio apenas em 1977 com a lei 6515 de instituiu o divórcio. Trinta e seis anos depois são várias as conquistas, como por exemplo, a licença-maternidade e a Lei Maria da Penha. A Pesquisa Nacional por

Amostra de Domicílio²¹ feita pelo Instituto Nacional de Geografia e Estatística divulgada em 2001 mostrou que o Brasil tem cento e noventa e cinco milhões e duzentos mil brasileiros, destes cem milhões e quinhentos mil são mulheres. Mas a superioridade em número não implica em igualdade de direitos. Um relatório feito por economistas²² do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), mostrou que no Brasil (segue-se uma tendência sul-americana) homens com a mesma idade e mesma instrução das mulheres ganham trinta por cento a mais. A participação da mulher no mercado de trabalho é mais expressiva no serviço público, restaurantes, atividades hospitalares, limpeza e comércio varejista, embora também sejam encontradas como operárias da construção civil, motoristas e trabalhadoras do setor de segurança, áreas antes exclusivamente masculinas.

Ao mesmo tempo em que parte das mulheres luta para desmistificar o discurso de fragilidade e mesmo de incompetência, arraigado por anos, deixando de lado traços de sua feminilidade, se obrigando a abrir mão da vida pessoal e impondo-se uma rotina quase militar de estudos, treinamento e horas de trabalho, outra parte de mulheres se entrega a uma ditadura massacrante, a da beleza. Oliveira (2010) discute a figura feminina no imaginário contemporâneo, que tem como ponto de partida a mulher no papel de mãe, mas a matrona estaria sendo consumida por um outro ideal feminino, aquela dominada por padrões de beleza que exigem “os ossos como troféus”.

Neste caminho perde-se a complexidade e a amplitude que todo ser humano possui e ele é reduzido a uma metonímia uterina, de um lado, e à reificação corporal de outro. As coisas sobrepõem-se à importância humana, e uma calça jeans 38 converte-se na maestrina dos comportamentos e desejos estéticos femininos. (OLIVEIRA, 2010, p. 21)

Incitada por todas estas questões, Afonso (2005) se propôs a estudar a possibilidade da mídia ser usada na construção de conhecimentos que levem a mulher a se enxergar e a desenvolver o papel de sujeito na sociedade onde hoje vive em situação de exclusão.

(...) sobre as possibilidades de que têm as mulheres de objetivarem-se, construindo uma individualidade para si em uma sociedade onde, na educação informal, predominam modelos estereotipados de mulheres alienadas da realidade do mundo público, bastando para estar realizadas viver

²¹Disponível em: <http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias?view=noticia&id=1&busca=1&idnoticia=2222>

²²Os responsáveis pela pesquisa disponível em <http://www.observatoriodegenero.gov.br/menu/noticias/homens-recebem-salarios-30-maiores-que-as-mulheres-no-brasil> são: Hugo Ñopo, Juan Pablo Atal e Natália Lima

nas relações da vida doméstica, no mundo dos sentimentos e das relações interpessoais ideologicamente tidas como ideais, distanciadas da possibilidade de construção da felicidade em condições de vida reais. (AFONSO, 2005, p.36)

2.4 A Cidadania

Conceitos superficiais definem a cidadania como os direitos e deveres de um indivíduo na sociedade; no entanto, o real significado de cidadania é mais complexo e gera inúmeras discussões. Para Santos (1996), mais que ter direitos e deveres, a noção de cidadania hoje está relacionada às condições de emancipação de um indivíduo seja dentro da comunidade, ou na contestação da sistematização da mesma.

Para Marshall (*Apud* CARVALHO, 2011, p.11), cidadania é o exercício dos direitos civis, políticos e sociais²³. Ainda para o autor, a ordem correta para sua implantação seria: primeiro os direitos civis, depois os políticos que por fim garantiriam os sociais como aconteceu, por exemplo, na Inglaterra. Mas em vários outros países, essa ordem não foi respeitada. No Brasil, por exemplo, o social precedeu os outros, inversão derivada por vários motivos, como a colonização latifundiária e escravocrata que desde cedo imprimiu ao povo uma sociedade desigual, prejudicando o desenvolvimento de um sentimento de pertença que para Marshall também faz parte da construção da cidadania.

Isto quer dizer que a construção da cidadania tem a ver com a relação das pessoas com o Estado e com a nação. As pessoas se tornam cidadãs à medida que passam a se sentir parte de uma nação e de um Estado. (CARVALHO, 2011, p.12)

No Brasil, as décadas de regime ditatorial militar, onde os direitos políticos e civis foram suprimidos, comprometeram o desenvolvimento da cidadania. Carvalho levanta ainda um problema atual enfrentado por todas as nações.

A internacionalização dos sistemas capitalista, iniciada há séculos, mas muito acelerada pelos avanços tecnológicos recentes, e a criação de blocos econômicos e políticos tem causado uma redução do poder dos Estados e uma mudança das identidades nacionais existentes. (CARVALHO, 2011, p. 13)

²³ Os direitos civis seriam aqueles essenciais à vida, como a liberdade, a propriedade, a igualdade perante a lei, o direito de manifestação do pensamento e a inviolabilidade do lar. Os direitos políticos garantem a participação do indivíduo no governo da comunidade em que está inserido. Por fim, os direitos sociais garantem a participação na riqueza coletiva, ou seja, saúde, educação, moradia e trabalho.

Também para Viana (2003), a cidadania é integração do indivíduo na sociedade burguesa por intermédio do Estado. Para o autor cabe aos municípios, estados e União, a implantação de políticas que acabem com a exclusão social, garantindo aos mais pobres direitos básicos como saúde, educação e moradia. Esses direitos estão todos garantidos na Constituição Federal, mas por que não são cumpridos? Ou então por que a população não cobra a sua implantação?

Depois de analisar essas definições de cidadania, fica nítido que o ponto em comum entre todas é a necessidade de informação de qualidade para que o indivíduo saiba exigir seus direitos ou mobilizar a comunidade, para exigir sua execução. Também vimos anteriormente que essa não é a informação difundida hoje pela mídia por uma série de fatores. Então, qual seria o papel das emissoras de televisão nesse sentido? E dos telejornais?

Lima (2009) critica a maneira como as concessões para emissoras de rádio e televisão são distribuídas no Brasil. O país utiliza o sistema *trusteeship model*, ou seja, a concessão é pública, mas sua exploração é feita pela iniciativa privada e tem caráter essencialmente comercial. Existe uma regulamentação para garantir, entre outras coisas, pluralidade de informação, entretanto as leis não acompanharam a inovação tecnológica dos meios e estes também não são fiscalizados.

O autor aponta a propriedade cruzada, ou seja, a possibilidade de um mesmo grupo familiar ou empresarial controlar emissoras de rádio e televisão, jornais e revistas como um dos grandes problemas. O motivo: se este grupo tem vínculos com elites políticas locais, regionais ou nacionais haverá a condução das informações de maneira a beneficiar essas elites.

De qualquer forma, é preciso lembrar sempre: o que está realmente em jogo quando se trata das relações entre Comunicação e Política é o processo democrático. As distorções de poder provocadas pelo desequilíbrio histórico entre os sistemas privado, público e estatal (de radiodifusão), pela concentração da propriedade – em boa parte provocada pela ausência de normas que impeçam a propriedade cruzada – e a vinculação dos grandes grupos de comunicação com lideranças políticas regionais e locais são alguns dos problemas que impedem a democratização da nossa comunicação. E sem ela não haverá diversidade e pluralidade de informações, vale dizer, opinião pública autônoma e, portanto, democracia plena. (LIMA, 2009, p. 93)

Brandão (2009) afirma que a comunicação pública ainda é um conceito em construção. Durante muito tempo o termo foi relacionado com comunicação organizacional, científica e até mesmo com divulgação governamental e política, que são na verdade estratégias de comunicação institucional e até mesmo publicidade. A autora lembra ainda que a comunicação pública já foi relacionada também a estratégias de comunicação da sociedade civil organizada, ou seja, movimentos populares e terceiro

setor. Hoje, discute-se comunicação pública dentro do contexto de interesse público e de dar voz ao cidadão.

Comunicação pública é o processo de comunicação que se instaura na esfera pública entre o Estado, o Governo e a Sociedade e que se propõe a ser um espaço privilegiado de negociação entre os interesses das diversas instâncias de poder constitutivas da vida pública no País. (BRANDÃO, 2009, p. 31)

As colocações de Brandão são reforçadas por Matos (2009), que relaciona comunicação pública com a democracia e a cidadania e a compara a um campo de negociação onde “medidas de interesse coletivo são debatidas e encontram uma decisão democraticamente legítima”.

“Comunicação pública coloca a centralidade do processo de comunicação no cidadão, não apenas por meio da garantia do direito à informação e à expressão, mas também pelo diálogo” (DUARTE, 2009, p.61). E mais uma proposição do autor para finalizar a conceituação de comunicação pública: “O uso da expressão está associado ao esforço de melhorar a vida das pessoas pela comunicação”.

Para conseguir isto, os instrumentos de comunicação são utilizados a partir do ponto de vista do cidadão em sua plenitude e não apenas em suas faces de consumidor, eleitor, usuário. Praticar comunicação pública implica assumir espírito público e privilegiar o interesse coletivo em detrimento de perspectivas pessoais e corporativas. (DUARTE, 2009, p. 61)

A partir dessas definições, cabe abrir uma discussão sobre a importância da comunicação pública na consolidação da cidadania em uma sociedade midiaticizada. Para o exercício da cidadania é preciso que os indivíduos tenham informações sobre direitos, leis, sobre a administração pública em nível municipal, estadual e federal. Como no exemplo citado anteriormente neste estudo, o indivíduo não precisa apenas saber que a rua alagou, o fato do repórter estar “passeando” de canoa não é relevante, importante seria saber se o alagamento foi provocado porque houve desmatamento em local inapropriado, e se o desmatamento foi feito por uma empresa ou pela própria comunidade, ou se o problema foi causado por uma obra pública mal feita, ou mesmo inexistente. Desse modo, esse indivíduo poderia formar sua opinião e agir, ou seja, poderia atuar enquanto cidadão ativo. Seja por meio do boicote dos produtos da empresa no sentido de sua mudança de atitude, ou de uma campanha de conscientização dos moradores, ou repensaria ainda seu voto nas próximas eleições.

Nesse contexto, os veículos de comunicação poderiam realizar uma comunicação pública ou de interesse público. É preciso deixar claro que esta não é uma prerrogativa de emissoras estatais ou públicas, a partir do momento em que as emissoras comerciais operam com concessões públicas, a prioridade deveria ser para a função social. No mínimo, dentro da programação jornalística, que tem na credibilidade o seu maior capital simbólico, deveria ser prioridade a função social, como defende Bourdieu (2010). Entretanto, percebemos o contrário, o uso deste capital simbólico para “vender como notícia” fatos espetacularizados que em nada acrescentam na construção da cidadania, ao desenvolvimento da coletividade e não raramente vão de encontro à Declaração Universal dos Direitos Humanos, proclamada em Paris-França pela Organização das Nações Unidas-ONU em de dezembro de 1948.

Para a ONU, os direitos humanos são inerentes a todas as pessoas, independentemente de cor, sexo, nacionalidade, credo, ou qualquer outra forma de distinção. Mesmo se citados apenas aqueles mais conhecidos como, o direito à vida, à liberdade, à liberdade de opinião e expressão, direito ao trabalho e à educação, não é difícil flagrar a mídia, especificamente o telejornalismo, esquecendo-os. Pode-se exemplificar esta colocação com a frase de um repórter televisivo em uma matéria sobre uma mulher estuprada no ponto de ônibus: “A vítima, que estava no ponto de ônibus às seis da manhã...”. Violentada fisicamente esta mulher ainda teve seus direitos negados pelo jornalista que construiu o texto. O repórter a culpou pelo acontecido sem lembrar que ela tinha o direito à vida, de querer se deslocar para trabalhar ou estudar, ou simplesmente, a liberdade de ir e vir.

2.5 É possível ver a cidadania por uma perspectiva feminina?

Durante séculos a mulher viveu sob a dominação masculina, restrita ao espaço doméstico, não tinha poder de decisão sequer sobre seu corpo. A cientista política Hannah Arendt (1991) explica que na Grécia antiga havia uma profunda distinção entre as esferas privada e pública. Na primeira, onde eram satisfeitas as necessidades da vida, o homem tinha o poder absoluto, subjulgando escravos, mulheres e crianças. Eram espaços de violência e opressão. Por outro lado, na esfera pública conviviam os iguais, e apenas nestes espaços políticos eram vivenciadas a liberdade e a igualdade.

A primeira entrada da mulher no mercado de trabalho acontece através dos afazeres domésticos e docência e depois como mão de obra extra para a revolução industrial que não lhe garantiu direitos, apenas uma jornada extra de tarefas, acusações de libertinagem e abandono dos filhos. Com pouca ou nenhuma escolaridade a mulher foi ocupando os espaços públicos muito mais por necessidade política e econômica do que pela aceitação masculina de igualdade, e hoje, mesmo tendo formação e tarefas similares ou superiores às dos homens ainda sofre retaliações.

As afirmações acima podem ser constatadas por números. Hoje o Estado de Goiás tem, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio²⁴, feita em 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 6.004.045 habitantes, sendo 3.022.503 mulheres e 2.981.542 homens. O fato de ser maioria está longe de garantir às mulheres igualdade de direitos ou mesmo, de salários. Em março de 2012 a Secretaria de Estado de Gestão e Planejamento de Goiás (Seplan), divulgou a pesquisa “A Ascensão da Mulher na Sociedade”. Os números, com alguma variação, repetem a tendência do País e do continente. O levantamento mostrou que a participação das mulheres no mercado de trabalho goiano é de 41,7%, mas elas recebem apenas 88% do que é pago a um homem com a mesma função e formação. A pesquisa mostrou ainda que são elas que também investem mais em qualificação, 59.20% têm onze anos de estudo ou mais e 36.68% mantêm sozinhas a casa e os filhos.

Jessé Souza (2006), autor do conceito de subcidadania, explica que o termo se aplica a minorias que durante séculos foram subalternizadas e, uma vez “libertas” não foram qualificadas para participar do atual modelo econômico. Ficando às margens do mercado de trabalho, sem produzir e conseqüentemente sem consumir ficam presas a uma existência dependente, por exemplo, de benefícios sociais da administração pública. O sociólogo apresenta ainda o exemplo das mulheres donas de casa que, afastadas das esferas públicas, têm suas existências condicionadas à família e ao marido. Reforçando que o indivíduo que não é considerado útil não tem reconhecimento pela sociedade.

Outro aspecto que possibilita afirmar essa subcidadania das mulheres é a violência. Hoje existem leis que proíbem as agressões físicas e psicológicas contra as mulheres, assim como a discriminação, mas os homens no poder ignoram essas leis, seja pela ancoragem em costumes arcaicos de submissão feminina, ou pelo comodismo

²⁴Disponível em <http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias?view=noticia&id=1&busca=1&idnoticia=2222>

provocado pela falta de rigor do Estado em executá-las. Há que ser citado ainda o próprio desconhecimento feminino sobre seus direitos.

E mais uma vez ratificando a afirmação acima com números, dados do Mapa da Violência, elaborado pelo Instituto Sangari e Ministério da Justiça²⁵, Goiás ocupa a nona posição entre os estados brasileiros com mais assassinatos de mulheres, com uma taxa de 5,7 para um grupo de 100 mil mulheres.

A também cientista política Chantal Mouffe (1999) promove uma discussão sobre pós-modernismo²⁶ versus essencialismo²⁷ para chegar a uma proposta que ela denomina de democracia plural, onde todas as cidadanias seriam reconhecidas. Mouffe é contra o essencialismo porque, para ela, é necessária a desconstrução das identidades para a execução da política democrática racial nos movimentos libertários e de minoria porque um sujeito pode ser ao mesmo tempo oprimido e repressor, são as multiplicidades das relações de subordinação. Chantal Mouffe sugere uma cidadania feminina e masculina, não a partir da igualdade, mas do reconhecimento total das diferenças naturais entre homens e mulheres. Ela termina sugerindo um movimento que lute contra a subordinação feminina nas suas diversas formas e não apenas no preconceito de gênero, observando entre outras coisas, a ocupação do mercado de trabalho.

2.6 O avesso da cidadania, a vitimização

A vitimização, pelo dicionário de língua portuguesa, é uma palavra feminina que significa “*ato ou efeito de tornar alguém vítima*”. Para definir o que faz de um indivíduo uma vítima e o que é vitimização esta pesquisa expõe e compara conceitos da área jurídica e das Ciências Sociais. O professor de criminologia da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP), Alvino Augusto de Sá, ressalta²⁸ que depois do VII Congresso das Unidas sobre Prevenção do Delito e Tratamento do Delincente, em 1985 em Milão, as vítimas passaram a ser divididas em dois grupos: vítimas de delito (pessoas que sofreram agressões físicas e mentais) e vítimas do abuso

²⁵A pesquisa, na íntegra, pode ser acessada em: www.mapadaviolencia.org.br

²⁶Pensamento onde a noção de progresso é vista como algo obsoleto e não solucionador dos problemas da sociedade.

²⁷Doutrina filosófica segundo a qual pessoas, objetos, têm pelo menos uma característica (propriedade) sem o qual sua existência não seria possível.

²⁸Algumas considerações psicológicas sobre a vítima e a vitimização. Artigo disponível em: www.leliobragacalhau.com.br.

de poder (pessoas que sofreram danos físicos ou mentais por causa de ações ou omissões, não categorizadas como violação do direito penal nacional, mas que contrariam os direitos humanos). Ainda segundo o jurista é necessário enxergar a vitimização enquanto processo.

A vitimização pode ser historicamente e socialmente contextualizada e revestir-se de significados mais amplos, tanto da parte do agressor como da vítima, ainda que se manifeste ou que se explicita através de atos aparentemente isolados. Neste caso, ela é um processo pelo qual alguém (que poderá ser uma pessoa, um grupo, um segmento da sociedade, país) torna-se ou é eleito a tornar-se um objeto – alvo da violência por parte de outrem (que também poderá ser uma pessoa ou grupo, etc). (SÀ, 2008)

Entrando agora na visão das ciências sociais sobre o problema, Michel Wieviorka (2009), mostra preocupação, não com a conceituação de vítima ou vitimização, mas com a consequência do uso desta condição pelos grupos minoritários que buscam reconhecimento.

Para surgirem no espaço público, para obterem certa legitimidade, os atores evidenciam as destruições das quais o seu grupo, num passado mais ou menos longínquo, teria sido vítima, os erros históricos do Estado e da Nação que os abrigam, e que os teria esquecido, negado, ou minimizado as feridas que continuam a marcar sua existência.(WIEVIORKA, 2009, p. 22)

Para o autor, o reforço das características negativas de determinado grupo cria uma estigmatização junto à sociedade de que esses indivíduos precisam ser protegidos por uma força maior para conseguirem se manter vivos, subentendendo uma ausência de autossuficiência. Mas Wieviorka admite que a vitimização pode sim emocionar a opinião pública, provocando de alguma forma uma atitude dos políticos responsáveis.

No decorrer desta pesquisa, acredita-se, assim como exposto por Sodré (2006), que serão encontradas mediações entre as formas de violência e, claro, espera-se com a pesquisa definir o papel da vitimização na construção da cidadania feminina pelos telejornais.

2.7 O jornalismo

O jornalismo pode ser conceituado como: o ato de noticiar acontecimentos relevantes ou de interesse para a sociedade. Partindo desse pressuposto faz-se

jornalismo desde a pré-história, quando o homem deixava nas cavernas relatos de sua rotina, dificuldades e conquistas.

Entre os marcos da história do jornalismo estão as folhas escritas à mão durante o Renascimento, a invenção da tipografia no século XV, o início do jornalismo comercial no início do século XIV, a implantação do rádio nos primeiros anos do século XIX, a televisão, que teve a primeira transmissão em 1927 e a internet, cuja tecnologia se popularizou mundialmente a partir dos anos 90. Traquina (2005) diz ser impossível definir o que é jornalismo com poucas palavras e arrisca.

Poeticamente podia-se dizer que jornalismo é a vida, tal como é contada nas notícias de nascimentos e mortes, tal como o nascimento do primeiro filho de uma cantora famosa ou a morte de um sociólogo conhecido mundialmente. É a vida em todas as suas dimensões, como uma enciclopédia. (TRAQUINA, 2005, p.19)

Beltrão (1980) lembra a necessidade social do jornalismo, ou seja, “é próprio da nossa natureza informar-se e informar”. Para o autor a informação alimenta o espírito humano e permite o conhecimento de causas e consequências, possibilitando a formação da opinião pública e, conseqüentemente, influenciando indivíduos e comunidades na tomada de decisões. Aluno de Beltrão, Marques de Melo (2001) afirma que o jornalismo é uma forma de conhecimento que permite aos cidadãos participarem da história e influenciarem-na. Nilson Lage (2001) é menos romântico sobre a influência no jornalismo na sociedade moderna. O autor lembra que, até à Revolução Industrial, as notícias eram relatos de fatos importantes, mas depois passaram a ser produzidas sob uma fórmula padrão, sem características que individualizassem, ou no mínimo, diferenciasses a narrativa.

Artesanal, a notícia incorporava, de início (e incorpora ainda, nos testemunhos), crenças e perspectivas individuais. Impessoal, tende, nos meios de comunicação social de agora, a produzir-se de modo a eliminar aparentemente crenças e perspectivas. No entanto, a melhor técnica apenas oculta preconceitos e pontos de vista do grupo social dominante. (LAGE, 2001, p. 49)

Sodré e Ferrari (1986) ao explicarem o processo de produção da reportagem, um dos produtos jornalísticos mais comuns na mídia, reforçam que nem sempre o fato reproduzido é o de maior interesse para o cidadão, muitas vezes é o de maior interesse

ao jornalista ou veículo. Além disso, a construção da narrativa, frequentemente, determina a importância do fato.

O jornalismo também foi e ainda é alvo de estudos de vários sociólogos, como por exemplo, a americana Tuchman. Suas observações de décadas atrás ainda são utilizadas no ensino na comunicação em universidades de vários países. No artigo *A Objectividade como Ritual Estratégico: Uma Análise das Noções de Objectividade dos Jornalistas* publicado pela primeira vez em 1972, ela coloca em xeque o conceito de objetividade em que o jornalista se apoia para várias de suas ações e que tem consequências imediatas no produto final publicado. Para Tuchman (1999), a objetividade é um conceito construído e não uma competência do profissional, logo, sua aplicação depende da necessidade imposta pelas rotinas produtivas e não da orientação ou certeza de idoneidade do produto jornalístico.

Diante das reflexões sobre o jornalismo em suas diversas apresentações, impresso, televisivo, radiofônico ou “online”, entre a idealização da Teoria do Espelho²⁹, e o estudo de várias possibilidades de distorções dentro de suas rotinas produtivas, vários foram os estudos sobre seu papel na construção da opinião pública na sociedade moderna. Um exemplo, a transformação do jornalismo em campo, dentro do conceito de Pierre Bourdieu (1997) de que a modernidade é a emergência de diversos campos autônomos de relações sociais. Ainda de acordo com o filósofo francês, para existir um campo é necessária a existência de um prêmio disputado por agentes sociais e também de um grupo de pessoas especializadas que dizem ter o conhecimento técnico. No jornalismo o prêmio são as notícias e o grupo especializado são os jornalistas.

O campo jornalístico começou a ganhar forma nas sociedades ocidentais durante o século XIX, com o desenvolvimento do capitalismo, industrialismo, urbanização, educação em massa, o progresso tecnológico e a emergência da imprensa como “mass media”. As notícias tornaram-se simultaneamente um gênero e um serviço; o jornalismo tornou-se um negócio e um elo vital na teoria democrática; e os jornalistas ficaram empenhados num processo de profissionalização que procurava maior autonomia e estatuto social. (TRAQUINA, 2005, p. 20)

Bourdieu não produz novos conceitos porque articula sua teoria dos campos sociais a partir de abordagens sobre pensamentos como o *newsmaking*³⁰, mas é polêmica a discussão levantada por ele sobre o caminho percorrido pelo jornalismo de

²⁹No estudo das teorias do jornalismo, a primeira teoria estudada, e sobre a qual o jornalismo construiu seu capital social de credibilidade, é a de que as notícias são reflexos da realidade, não sendo função do jornalista analisar ou julgar os fatos.

³⁰ Corrente de pesquisa focada nos processos de produção dos veículos de comunicação de massa.

instrumento da democracia a instrumento de pressão simbólica. Intrinsecamente ligada a esta última afirmação é a colocação do papel dos meios de comunicação, considerados poderes simbólicos, que hoje pertencem às mesmas pessoas que também detêm o poder político e econômico. Bourdieu também não esqueceu a relação entre características marcantes da profissão como o furo, a unanimidade de oferta e o tempo com a ética jornalística. Entendendo a rotina profissional como uma desculpa para a falta de autonomia do jornalista e conseqüente pasteurização do produto final, o autor vê no despertar da própria categoria para a necessidade de reflexão crítica sobre o conteúdo produzido, a possibilidade para o enfrentamento à ditadura da audiência e ressurgimento do jornalismo questionador de outros campos.

Presente desde o início, mas hoje determinante, o critério atualidade, há muito descrito e estudado por Groth (2011), é responsável por muitas das características do jornalismo neste começo de século XXI. Conseqüência disso é que a função qualitativa de maior relevância no jornalismo, a de atribuir valor às coisas (CHAPARRO, 2008, 149) apresenta, a cada dia, padrões diferentes. Impossível ignorar nesta relação o peso da audiência. Ressaltando que “características” dizem respeito não só ao conteúdo, mas também a gênero e formato.

2.8 Rotinas Produtivas

Este estudo recorre mais uma vez a Tuchman (1978), agora para explicar o conceito de rotinas produtivas, uma discussão que a socióloga trouxe à tona durante pesquisa feita com base na metodologia da observação participante, com o objetivo de entender o papel do jornalismo na construção social da realidade.

Para Tuchman, o estabelecimento de um *modus operandi* começa pelas empresas que impõem uma ordem no tempo e no espaço, ou seja, no tempo porque se espera que os fatos aconteçam em horário comercial, facilitando assim a sua cobertura. Uma vez que nesse período a equipe trabalha com seu número máximo de integrantes, não sendo necessárias convocações ou pagamento de extras. Da mesma forma espera-se que os fatos aconteçam nos grandes centros, ou em áreas onde haja cobertura por parte da imprensa, facilitando assim a presença das equipes e o envio de material. Logo, fatos

idênticos, mas acontecidos em localidades diferentes e em horários distintos podem ter cobertura diferente.

Essas regras de trabalho se estendem às ações dos próprios jornalistas, nas suas relações com as fontes. Tuchman e vários outros autores como Walter Lippmann, Lance Bennett, LynneGresset, William Haltom, Michael Schudson, Philip Schlesinger, Herbert Gans, vão colocar um peso grande sobre a relação jornalista-fonte no produto final levado ao público porque a fonte pode ser oficial ou não, especializada ou não, interessada ou não em estar na mídia, e em qualquer um desses casos é feito o questionamento sobre a isenção das afirmações feitas por esta fonte e conseqüentemente sobre a veracidade da notícia.

Quando os jornalistas ficam dependentes das fontes, podem ficar orientados para a fonte e, assim, ceder à tentação de escrever para a fonte e não o público. Quando o jornalista cede a esta tendência, perde mais a sua independência e deixa as fontes definirem as situações. A interdependência facilita também as “fugas” de informação, em particular o lançamento de “balões de ensaio. (TRAQUINA, 2001, p. 110)

Pesa ainda, dentro do conceito de rotinas produtivas, a corrida contra o relógio, em duas vertentes. A primeira é produzir a quantidade exata de material para preencher o espaço destinado ao jornalismo, seja ele contado em colunas ou minutos. A segunda é a de produzir dentro do tempo hábil para colocar o noticiário no ar, ou para respeitar o *deadline* da impressão. E por isso, não é raro dúvidas serem mantidas e detalhes omitidos durante coberturas corriqueiras ou mesmo as de grande peso, como eleições e tragédias.

Um terceiro ponto discutido por Tuchman é a função do jornalismo de reforço da ordem e das normas sociais. Como também coloca Traquina (2005) ao citar Todd Gitlin para quem:

- 1) As notícias envolvem acontecimentos e não as condições que produzem os acontecimentos;
- 2) As notícias privilegiam as pessoas e não o grupo;
- 3) As notícias destacam os conflitos e não o consenso;
- 4) As notícias privilegiam o fato que “alimenta” a “estória” e não o fato que a explica;

Ou seja, os critérios de noticiabilidade, as regras estabelecidas pelos jornalistas, a normatização do que deve ou não ser notícia, legitima o poder hegemônico quando

destaca e marginaliza o comportamento diferente de qualquer grupo social que discorde do comportamento instituído vigente.

Por fim, cabem as discussões acerca das Teorias do Jornalismo a defesa e acusação de que essas rotinas produtivas teriam um caráter instrumental ou não sobre a função do jornalismo. Estruturalismo e Interacionismo acreditam que as distorções são involuntárias, enquanto adeptos das teorias de ação política afirmam a parcialidade dos profissionais das redações.

2.9 Gêneros jornalísticos

“Gênero são modelizações virtuais, modelos de expectativas constituindo-se em uma primeira mediação entre produção e recepção” (DUARTE, 2010, 239). Martín-Barbero (1997) reforça este pensamento ao afirmar que os gêneros são uma mediação entre o sistema produtivo e o sistema de consumo. Conceitos partilhados por Ana Temer (2011).

O gênero é um conceito chave para os veículos de comunicação porque é a partir dele que o emissor pode agir em função de um quadro semântico – ou um conjunto de possibilidades linguístico-visuais delimitados e previamente conhecidos pelos receptores. O gênero é uma promessa de conteúdo, ou de uma possibilidade de conteúdo, uma espécie de contrato previamente acordado entre emissor e receptor. (TEMER, 2011, p.7)

Ainda de acordo com a autora, é possível reconhecer o gênero através da estrutura, da estética, e do conteúdo, “mas também pela seleção operada nos recursos da língua – lexicais, fraseológicos e gramaticais – que constituem seu estilo verbal e por sua composição interna”.

As primeiras tipificações por gênero na comunicação surgem com os veículos impressos, em número restrito, mas ao chegar ao rádio e à televisão a classificação por gênero ganha complexidade pela diversidade de conteúdo (a maior parte de entretenimento). Os gêneros não são fixos, se adequam às necessidades de produção e comerciais do veículo, assim como também sofrem interferência externa, como por exemplo, das novas tecnologias e da já citada busca pela audiência.

Tondato (2009) afirma que o gênero também contribui com a produção em série, à noção de continuidade, marca da comunicação massiva, e citando Ana Maria Balogh, lembra que a repetição é uma das armas para a aceitação do público.

Voltando a Martín-Barbero (1997) sobre o gênero na televisão, o autor afirma a necessidade de cada país ter o seu sistema, dadas as diferentes configurações culturais, estrutura jurídica, grau de desenvolvimento interno e envolvimento com emissoras estrangeiras. No Brasil encontra-se comumente a seguinte divisão: telenovelas, esporte, filmes, programas de auditório, musicais, educativos, de entrevista e temáticos (saúde, pesca, automobilismo etc), seriados, infantis, humorísticos, documentários, e claro, o telejornalismo, a que se dedica este estudo.

Os gêneros jornalísticos são discursivos, ou seja, compostos de enunciados orais ou escritos com o objetivo de comunicar algo. As categorizações são várias, a mais comum encontrada na literatura especializada é: jornalismo interpretativo (análises, charges), jornalismo informativo (notícias, reportagens, entrevistas e notas), jornalismo opinativo (editoriais, crônicas e colunas), jornalismo diversional ou literário (ensaios, biografias) e jornalismo investigativo (matérias e reportagens que expõem um crime e processos de caça, feito pelo próprio jornalista, aos culpados) e jornalismo de serviço (vagas de emprego, telefones úteis, indicadores financeiros). Essa divisão é uma forma de preparar o leitor / telespectador / ouvinte para o conteúdo que ele está consumindo.

Marques de Melo (1994) concorda com Martín-Barbero e afirma que os gêneros restringem-se a universos culturais delimitados. O autor lembra ainda que os gêneros mudam com o passar do tempo e com as influências tecnológicas e culturais. Essas últimas proposições podem ser relacionadas com o questionamento de Jacques Derrida (1980). Para o filósofo francês, os gêneros não deviam ser misturados para não quebrar a promessa de conteúdo, mas admitindo a impossibilidade da pureza, resta saber o limite de um gênero.

3. Metodologia

A metodologia científica, ou a ausência dela, é dos grandes desafios para os pesquisadores em Comunicação no mundo e claro, no Brasil. Por aqui a prática pode ser considerada recente, seu pioneiro, Luiz Beltrão, dá os primeiros passos em 1963 com a criação do Instituto de Ciências da Informação (Incinform). E a grande discussão se faz em torno da adequação ou não da apropriação de métodos das ciências sociais.

Busca pelo conhecimento, construção de conhecimento, assim é definida a pesquisa científica em vários livros sobre o tema de todas as ciências. Dencker e Viá (2002) ressaltam o fato de que nas ciências humanas, o homem é sujeito e objeto do estudo e por isso “torna-se necessário o uso de técnicas indiretas de observação”. As autoras ainda colocam como características da ciência contemporânea, a metodologia, o fato de ser um processo cumulativo e de verdades provisórias. Ainda, entre os conceitos fundamentais expostos pelas autoras, estão o de técnica “referem-se aos procedimentos concretos empregados pelo pesquisado para levantar os dados e as informações necessárias para esclarecer o problema que está pesquisando” e Métodos que “Orientam a seleção dos procedimentos de pesquisa que deverão ser seguidos pelo pesquisador”.

Marques de Melo acredita que a pesquisa em comunicação deve ir além do levantamento quantitativo, de circulação ou de audiência.

A pesquisa em comunicação assume a natureza de campo interdisciplinar de estudos, envolvendo não apenas investigações linguísticas, educacionais, jornalísticas, cibernéticas etc. – ou seja, as pesquisas próprias das ciências da informação – mas englobando também em outras áreas das ciências humanas – sociológicas, psicológicas, históricas, antropológicas etc. (MELO, 2010, p.4)

Goldenberg (2009) defende a importância da pesquisa qualitativa para as ciências sociais a partir de uma crítica ao positivismo de Augusto Comte, um debate entre a sociologia positivista e a sociologia compreensiva e, amparada teoricamente nos pensadores da Escola de Chicago.

Os pesquisadores que adotam a abordagem qualitativa em pesquisa se opõem ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências, baseado no modelo de estudo das ciências da natureza. Estes pesquisadores se recusam a legitimar seus conhecimentos por processos quantificáveis que venham a se transformar em leis e explicações gerais. (GOLDENBERG, 2009, p.16-17)

Quanto às críticas feitas ao método por não apresentar “padrões de objetividade”, a autora lembra nomes como Max Weber, Pierre Bourdieu e Howard Becker. Para eles a solução é a explicitação dos passos da pesquisa. Mas a Goldenberg não exclui a importância da pesquisa quantitativa acreditando que “não há uma única técnica, um único meio válido de coletar dados em todas as pesquisas”. O melhor método será definido pelo objeto, e são válidas a utilização simultânea de vários recursos para aumentar a assertividade da pesquisa.

Falando especificamente sobre televisão, Duarte (2010) ressalta que as pesquisas nesta área enfrentam o preconceito contra o próprio objeto, ou seja, os produtos audiovisuais e o que ela chama de “insuficiência e inadequação” metodológica diante complexidade do objeto. Ainda segundo a autora essa complexidade começa na linguagem.

Normalmente os textos televisuais são complexos, ou seja, seu conteúdo se expressa simultaneamente através de diferentes linguagens sonoras e visuais. De um lado tem-se a plástica da imagem – estilos de cenário, figurino, maquiagem, iluminação, enquadramento e, mesmo, modos de interpretação, De outro os elementos sonoros – o verbal, o musical, e as mixagens decorrentes do processo de edição. Constroem-se, dessa maneira, de forma intersemiótica, utilizando-se dessas linguagens em interação. (DUARTE, 2010, p.228).

Outros desafios da pesquisa em comunicação tendo como objeto a televisão citados Pela autora é que, na busca pelo novo para conquista e manutenção da audiência, há um hibridismo de gênero, subgêneros e formatos com o discurso em constante mudança.

Singular também é a pesquisa jornalística. Para Traquina (2005) os estudos que surgiram da necessidade de entender a relação entre o jornalismo e a sociedade ganharam status de campo científico, mas ao contrário das indagações feitas pelas ciências exatas e biológicas, jamais haverá uma resposta única. O resultado das pesquisas são muitas vezes questionamentos múltiplos, assim como são múltiplas as variáveis que influenciam as diversas premissas jornalísticas como a objetividade. Há ainda que se pensar na amplitude dos meios e na mobilidade dos objetos.

O pensamento epistemológico no campo da comunicação no Brasil constitui uma perspectiva recente, que se manifesta no crescimento de análises autorreflexivas sobre o conhecimento em produção. O avanço

neste tipo de análise passa a produzir um corpo sistemático de reflexões que aprofundam questões como a produção dos tipos de conhecimento gerados na área, a condição disciplinar, inter ou transdisciplinar de seus estudos, a adaptação de teorias e métodos de outros domínios, a criação de um arcabouço teórico original que cria presença cada vez mais perceptível nas interfaces com outros saberes. (BRAGA; LOPES; MARTINO, 2010, p. 10)

Consciente da complexidade que cerca a pesquisa em comunicação e da necessidade de ancoragem teórica bem definida, essa investigação seguirá sob a luz do funcionalismo, que centra esforços em entender não os efeitos, mas a função da comunicação de massa na manutenção da sociedade. E também, que salienta a ação social, e não o comportamento, na sua aderência aos modelos de valor, interiorizados e institucionalizados (WOLF, 2010).

(...)uma teoria estrutural funcionalista, e em particular num autor como Talcott Parsons, os seres humanos aparecem como ‘drogados culturais’ motivados a agir segundo estímulo de valores culturais interiorizados, que regulam a sua atividade. (GIDDENS, 1983 *apud* WOLF, 2010, p.52)

Concordando com Duarte e apostando nos argumentos de Goldenberg colocados anteriormente, este estudo usará como técnica a pesquisa qualitativa através da Análise de Conteúdo. Um dos pais deste método, Harold Lasswell, propôs entender a comunicação respondendo as seguintes perguntas: quem? Diz o quê? Por qual canal? A quem? Com qual efeito? Para Lasswell, os estudos sobre os processos comunicacionais centram-se em uma ou mais das questões expostas anteriormente. Esta investigação se dedicará ao estudo da mensagem³¹ associado a uma contextualização teórica e mercadológica dos agentes envolvidos. Acredita-se que este método possibilitará a inclusão de um maior número de variáveis que resultará numa investigação de maior densidade e valor acadêmico- social.

3.1 Análise de Conteúdo

A técnica da análise de conteúdo foi usada pela primeira vez no século XVIII quando a corte suíça analisou 90 hinos religiosos anônimos, conhecidos como *Os Cantos de Sião*, para saber havia alguma heresia nas composições. Mas apenas no

³¹Wolf (2010) afirma que o conhecimento anterior sobre determinado assunto influencia a formação da opinião relativa, e esta por sua vez influencia a assimilação de novas informações sobre este mesmo tema.

século XX a metodologia começou a ser efetivamente usada, e aí em vários campos da comunicação.

Nas ciências políticas, por exemplo, propiciou a descoberta de armas secretas alemãs pelos britânicos, a partir do estudo da propaganda nazista; na psicologia, contribuiu para o diagnóstico de pacientes por meio de análise da gravação de entrevistas terapêuticas; na crítica literária, permitiu destacar os traços característicos do estilo de um autor; na sociologia, a compreender a diversidade das mentalidades nacionais; na comunicação de massa, a comparar as atitudes adotadas por diversos jornais em período eleitoral. (KIENZ, *apud* FONSECA JUNIOR, 2010, p.281)

Mas nem toda essa utilização conferiu à Análise de Conteúdo peso enquanto técnica de pesquisa, que teve seu reconhecimento durante a Segunda Guerra Mundial como citado anteriormente, mas nos anos setenta foi criticada pelos marxistas que alegavam que a metodologia não possibilitava a observação crítico-ideológica dos meios de comunicação de massa. Ainda segundo Fonseca Jr., a técnica toma novo fôlego na década de noventa com a popularização da internet e todo conteúdo que a rede mundial de computadores passou disponibilizar. Boa parte da censura acontece pelo fato da Análise de Conteúdo ter se originado no positivismo comteano. Para Augusto Comte deveria haver uma unidade entre as ciências e a realidade social humana deveria ser estudada dentro dos rigores científicos. Ainda para Comte, havia uma hierarquia das ciências, por exemplo, não poderia existir sociologia sem biologia, e nesta hierarquia a matemática ocupava o primeiro lugar e a sociologia o último, e entre as duas ciências a astronomia, física, química e biologia. Essa apreciação desfavorável, aos poucos está sendo superada pelos autores modernos “que adotam uma postura mais aprofundada no tratamento dos dados obtidos por este tipo de análise, eventualmente investindo na inferência analítica e na projeção destes dados” (TEMER, 2011, p.1-2).

A Análise de Conteúdo está intrinsecamente ligada aos estudos sobre o jornalismo desenvolvidos no final do século XIX nos Estados Unidos, uma vez que “as primeiras escolas de jornalismo adotaram a análise quantitativa de periódicos como critério de objetividade jornalística” (FONSECA JUNIOR, 2010)³². Na América Latina a Análise de Conteúdo é difundida graças ao surgimento em 1958 do Centro Internacional de

³²Em 1893 G. J. Speed escreve o artigo *Do newspaper now give the news?* (Os jornais se ocupam de notícias atualmente?). No texto *Speed* mostra que assuntos como ciências, literatura e religião quase não eram publicados nos periódicos nova-iorquinos e no lugar revezavam-se matérias de esportes e escândalos nas mais diferentes esferas da sociedade.

Estudos Superiores de Jornalismo para a América Latina, o Ciespal. Para compreensão da situação é necessário explicar que o Ciespal surge por iniciativa do governo americano, que numa tentativa de barrar o crescimento do comunismo (que havia tomado o poder em Cuba) investe na educação informal através dos meios de comunicação de massa, e para isso privilegia a formação profissional em detrimento da clássica-humanista herdada da Europa, afinal, o conteúdo da mensagem já estava definido, só era preciso ter profissionais capazes de construí-lo.

Fonseca Jr. (2010) diz que, para pesquisas sobre a comunicação de massa, a Análise de Conteúdo é usada para análise de mensagens, assim como a semiologia e a análise de discurso, a diferença é que a Análise de Conteúdo requer sistematicidade e confiabilidade. Para Krippendorff (1990) nos dias de hoje a Análise de Conteúdo possui três características básicas: orientação empírica vinculada a fatos reais; analisar dentro do conteúdo mensagem, canal, comunicação em sistema; e uma maleabilidade de metodologia que permite ao pesquisador determinar as fases do trabalho de acordo com a necessidade do levantamento de dados e ainda avaliar de forma independente os resultados. Para Bardin, Barros e Targino (*Apud* FONSECA JUNIOR, 2010, p.301-303) existem sete técnicas utilizadas em para fazer a Análise de Conteúdo, são elas: análise categorial, análise de avaliação, análise de enunciação, análise de expressão, análise de expressão, análise de contingência, análise estrutural e por fim a análise de discurso.

Aqui se faz necessário voltar a Nelson Traquina (2005) que faz uma relação íntima entre o *ethos* jornalístico, origem do conteúdo a ser estudado nesta pesquisa, e forma como as notícias são publicadas. O *ethos* jornalístico se formou há mais de cento e cinquenta anos dentro da teoria democrática que apontava a profissão como responsável por funções de amparo à sociedade. Consequentemente os valores comumente associados ao jornalismo e ao jornalista são a liberdade em relação aos outros agentes sociais (imparcialidade) e a objetividade como forma de profissionalização da atividade.

A associação, ou a impossibilidade de dissociar, Análise de Conteúdo e parcialidade também já foi discutida por Tuchman (1999) que se ampara em três motivos para fazer a afirmação:

1. O uso de termos quantitativos para justificar ou não a parcialidade;
2. A frequência como indicador de recepção;
3. Apesar da técnica neutral, o verdadeiro objeto de análise é a mensagem intencional e os motivos do comunicador.

A autora lembra que recentemente, com a parcialidade não sendo mais fundamental, novos métodos de estudos e interpretação de textos têm sido usados inspirados na semiótica e na análise estrutural, mas os defensores da Análise de Conteúdo mantêm a argumentação do caráter científico do método, uma vez que são imprescindíveis para a sua aplicação a objetividade (regras de codificação), a sistematicidade (critérios para a seleção do material) e a generalidade (a observação de outros atributos do conteúdo).

4. Análise

4.1 Análise de dados

Para este trabalho foi analisada parte da programação das três emissoras de televisão de maior audiência em Goiânia e na região metropolitana, TV Anhanguera, TV Record e TV Serra Dourada. Mais precisamente os telejornais veiculados no horário do almoço, entre meio dia e quatorze e trinta. Estes telejornais disputam o mesmo público e possuem características de produção semelhantes.

4.1.1 A TV Anhanguera

A Televisão Anhanguera S/A foi idealizada e criada pelo empresário e jornalista Jaime Câmara e seus irmãos Joaquim Câmara Filho e Vicente Rebouças. A segunda emissora de televisão inaugurada em Goiás hoje é controlada pelos herdeiros, Jaime Câmara Júnior, atual presidente, Tasso Câmara e Tadeu Câmara, diretores. A TV Anhanguera faz parte de uma organização que controla ainda sete afiliadas no interior³³, dois impressos e treze emissoras de rádio. Capparelli e Lima (2004), afirmam que a família Câmara está entre os oito principais grupos do setor de rádio e televisão do País. Entre as emissoras regionais familiares, os Câmara ocupam o segundo lugar, atrás apenas do Grupo RBS, do Rio Grande do Sul, pertencente à família Sirotsky.

A primeira transmissão da Televisão Anhanguera aconteceu no dia 23 de outubro de 1963, às dezessete horas e quarenta e cinco minutos, véspera do aniversário da capital Goiânia³⁴. O programa veiculado continua no ar até hoje, *A Hora do Ângelus* e o canal ainda é o mesmo, o 2. A produção regional fez muito sucesso, a emissora foi responsável, por exemplo, pela primeira telenovela goiana: *A Família Brodie*³⁵. O jornalista e, atualmente, colunista social Arthur Rezende, esteve à frente do programa musical *A Juventude Comanda. República Livre do Cerrado*, programa de auditório apresentado pelo Coronel Hipopota³⁶ (conhecido como o Chacrinha goiano), que ficou no ar até a morte do apresentador, em 1982. O programa infantil *O Mundo é das Crianças*, foi apresentado por Magda Santos (nome artístico de Geracina Magdalena

³³ O grupo Jaime Câmara tem ainda outras três emissoras de Televisão no Estado do Tocantins

³⁴ Mas convencionou-se o aniversário da emissora no dia 24 de outubro, aniversário da capital.

³⁵ A direção era da dramaturga Cici Pinheiro que também fez o roteiro, uma adaptação do livro “Castelo do Homem sem Alma”, de J. Gomes.

³⁶ Pseudônimo do mineiro Maximiliano Carneiro.

dos Santos) até 1976. Os noticiários eram improvisados por uma dupla que até hoje trabalha na televisão, José Divino e Jackson Abrão, na verdade um reaproveitamento do que era produzido para o jornal *O Popular*, tanto que o nome do programa era *O Popular no 2*³⁷.

Mas em 1968³⁸ a TV Anhanguera se torna afiliada da TV Globo, com a imposição do padrão global, as atrações locais vão sendo extintas, sobrando entre os sobreviventes os telejornais: *Fatos em Manchete*, *Jornalismo Eletrônico* (padrão antigo da Globo, de telejornalismo local), *Retrospectiva*, *Jornal do Campo*.

Doze anos depois a emissora ganha nova estrutura física, um amplo prédio no alto do Setor Serrinha, onde está sediada até hoje, juntamente com outros veículos do grupo, como o jornal *O Popular*, o principal do Estado, o popularesco *Jornal Daqui*, e as emissoras de rádio: Daqui, CBN e Executiva. Em quatro de agosto de 2008 outro salto de qualidade, a TV Anhanguera foi a quarta emissora no Brasil, a primeira em Goiás, e a primeira afiliada da Rede Globo a transmitir o sinal digital do Sistema Brasileiro de Televisão Digital (SBTVD). O investimento divulgado pela empresa foi de doze milhões de reais. Hoje, toda programação da emissora é transmitida em alta definição. Simultaneamente às mudanças técnicas, a TV Anhanguera enfrentou mudanças administrativas e editoriais. A empresa, ainda familiar, passou a ser gerida por um *CEO* (*Chief Executive Officer*) que fechou ou vendeu jornais e rádios não lucrativas, e ainda implantou uma rígida rotina de controle de gastos que afetou diretamente os jornalistas, não acostumados a fazerem contas e planejamentos. As equipes foram diminuídas em média em 30%, horas extras e investimentos como viagens, cortadas. Essas adaptações estruturais aconteceram ao mesmo tempo em que a emissora tentava conciliar regras e padrões estabelecidos pela Rede Globo a uma tentativa de popularizar a programação para competir com as emissoras que cresciam e roubavam a audiência da classe C, hoje maioria da TV aberta.

A Televisão Anhanguera exhibe hoje três telejornais, o *Bom dia Goiás* (BDG) às 6h30 da manhã, o *Jornal Anhanguera Primeira Edição* (JAI) às 11h58 e o *Jornal*

³⁷ Muitas décadas depois em entrevistas, José Divino e Jackson Abrão contaram que também faziam “rádio-escuta”, ou seja, acompanhavam a programação de emissoras de rádio e da emissora de TV concorrente para copiar outras notícias. Só depois de três anos no ar é que a emissora assinou contrato com a agência internacional de notícias IPI.

³⁸ Um ano antes, em 1967, mais precisamente no dia 10 de setembro, um incêndio destruiu boa parte da emissora. Francisco Braga Sobrinho dono da Rádio TV Tupi que nesta época já se chamava TV Goiânia é quem estende a mão, manda extintores para ajudar a apagar o fogo e depois empresta equipamentos para que a emissora não ficasse fora do ar. Jaime Câmara não se abateu, e rapidamente comprou equipamentos mais modernos, foi o início de uma nova era para a emissora.

Anhanguera Segunda Edição (JAI) às 19h10³⁹. A duração média é de uma hora no início da manhã, quarenta minutos no horário do almoço e de oito a vinte um minutos, com média de quinze à noite (essa variação acontece em função de ajustes da grade de programação a transmissões de jogos de futebol e propaganda político-partidárias obrigatórias)⁴⁰. Sem excluir o tempo dos intervalos comerciais a emissora tem, em média, duas horas de programação jornalística de segunda a sexta, e cinquenta e cinco minutos no sábado (quando o *Bom Dia Goiás* não vai ao ar).

A TV Anhanguera possui hoje a maior equipe de telejornalismo com o seguinte organograma:

- 1 Diretor de Jornalismo para Goiás e Tocantins - responsável final por todo conteúdo exibido, equipe e programação jornalística local;
- 1 Chefe de Redação, que também é apresentador do JAI, responsável por acompanhar o planejamento e a produção de todos os telejornais;
- 2 Chefes de reportagem (no matutino e outro no vespertino) - responsáveis pela produção e coordenação das equipes de reportagens;
- 1 Editor-chefe para cada telejornal (BDG, JAI e JAI) os dois primeiros têm ainda um editor executivo. Os editores-chefes fazem o planejamento e execução de cada telejornal, seguindo suas características, os editores-executivos têm os mesmos poderes na ausência do editor-chefe;
1 responsável pelo Núcleo de Rede – com a obrigação é oferecer as matérias locais para os telejornais nacionais e atender suas solicitações;
- 8 produtores;
- 16 repórteres;
- 10 editores de texto.

A Editora-Executiva do *Jornal Anhanguera Primeira Edição* à época desta pesquisa (mês de outubro), Núbia Lobo, informou que apesar da equipe grande, o trabalho é muito porque a emissora passou a apostar nas chamadas para a programação, vinhetas e em recursos como caracteres especiais, arte, computação gráfica e

³⁹ Horários aproximados, pode haver variação de alguns minutos de antecedência ou atraso)

⁴⁰ A TV Anhanguera é afiliada da Rede Globo e, apesar de ser contratual o espaço para a produção regional, este espaço é determinado pela geradora, e muda em decorrência de grandes eventos como as transmissões esportivas e também em função da veiculação de conteúdo obrigatório como a propaganda política e pronunciamentos do governo federal.

sonorização, o que praticamente dobra o volume de trabalho. Essa declaração evidencia a preocupação da emissora com a estética e a valorização dos recursos técnicos que possibilitam mais movimento e cor durante a notícia, mesmo que isso interfira ou até mesmo crie uma realidade. A Editora-Executiva admitiu ainda que a violência é um valor-notícia, mas que não só o JAI, mas a emissora, procura evitar fazer o “varejo”, ou seja, fazer casos isolados⁴¹. A rotina de produção não é muito diferente das demais emissoras analisadas. São feitas duas reuniões de pautas por dia, uma por volta de 8h30 e outra às 14h, onde são discutidas as próximas produções. Pela manhã a maior parte da equipe trabalha para colocar o *Jornal Anhanguera Primeira Edição* no ar, uma parte menor, produz para o próximo telejornal, o *Jornal Anhanguera Segunda Edição*, e apenas um produtor trabalha para o *Bom Dia Goiás* do dia seguinte. À tarde, todos trabalham pensando nos três telejornais e, à noite, os esforços são concentrados para o *Bom Dia Goiás*. Há uma reunião rápida entre o Chefe de Redação, Chefe de Reportagem, produtores e editores após cada telejornal exibido, para avaliação.

Além dos telejornais a TV Anhanguera exibe, diariamente, o *Globo Esporte* local, e um mininoticiário, o *Anhanguera Cidades*, pela manhã e à tarde de segunda a sexta, e o *Jornal do Campo* aos domingos. Todos os programas seguem a orientação global de produção, do conteúdo à forma de apresentação e design dos cenários. As implicações deste padrão global na audiência da emissora serão discutidas ao final desta análise. O *Globo Esporte* tem equipe própria, assim como o *Jornal do Campo* (que conta com grande ajuda das afiliadas da emissora no interior⁴²), mas o *Anhanguera Cidades* é produzido pela mesma equipe responsável pelos telejornais *Bom Dia Goiás*, *Jornal Anhanguera Primeira Edição* e *Jornal Anhanguera Segunda Edição*.

4.1.2 A TV Record

A TV Record, depois de muitas idas e vindas, é a continuação da pioneira TV Rádio Clube, citada anteriormente. Rebatizada de TV Goiânia poucos anos depois, a emissora retransmitiu o sinal da Rede Tupy, até 1980. Depois, ainda sob a administração dos Diários Associados, mas passando a se chamar TV Goyá, retransmite a programação da TVS e SBT. Em 1985 é vendida ao deputado federal de Rondônia

⁴¹ Informação que será contestada mais à frente por esta pesquisa.

⁴² A emissora tem a maior cobertura do interior goiano por conta de suas sete afiliadas nos municípios de Anápolis, Porangatu, Jataí, Rio Verde, Catalão, Itumbiara e Luziânia. Além de uma equipe à disposição em Goianésia.

Múcio Athaide e, em 1994, é negociada com a Rede Record⁴³. É importante frisar que foi exibido, na TV Record, um dos programas mais emblemáticos do jornalismo goiano, o *Goiânia Urgente*. Com o *slogan*: “A cidade inteira participando” o telejornal, implantado em 1981, permaneceu no ar por 27 anos, sempre com apresentadores muito polêmicos, Luiz César do Amaral Muniz, o Leleco, Rachel Azeredo, que depois se elegeu deputada estadual, e Luiz Carlos Bordoni. O programa foi extinto na reformulação da programação, feita em 2008.

A Rede Record se orgulha de ser, hoje, a rede que mais disponibiliza programação regional, mas em Goiás a influência religiosa sobre os interesses jornalísticos é clara. Pode-se citar como exemplo a cobertura de importantes festas católicas do Estado conhecidas nacionalmente, como por exemplo, a “Procissão do Fogaréu”, na Cidade de Goiás, e a “Festa do Divino Pai Eterno”, no município de Trindade. Para estas e várias outras manifestações culturais, que são marcantes também para o turismo, há apenas rápidas citações sobre aquilo que passou a se denominar como parte profana das celebrações, o movimento no comércio, o congestionamento nas estradas e o aumento no número de crimes. Hoje a emissora briga pela liderança de audiência com a TV Serra Dourada e a TV Anhanguera.

Reforçando a colocação da Rede, a TV Record leva ao ar o maior número de horas de telejornalismo local, quatro, com os seguintes programas: *Direto da Redação*, primeiro telejornal da casa, vai ao ar a partir das 06h30 de segunda a sexta-feira. *Goiás no Ar*, o noticioso matutino vai ao ar entre 07h15 e 08h40, de segunda a sexta-feira, com notícias do dia anterior, matérias inéditas, entrevistas ao vivo e chamadas da programação nacional. O âncora, Alysson Lima, faz comentários pessoais sobre diversos assuntos e interage com repórteres e comentaristas. A mesma fórmula apresentada pelo *Balanço Geral Goiás*, exibido entre meio dia e 14 horas, de segunda-feira a sábado e apresentado por Oloares Ferreira. O último telejornal da emissora é o *Jornal da Record*, veiculado entre 20h e 20h30 também de segunda-feira a sábado. O programa segue o modelo com dois apresentadores na bancada, mas sem perder o hábito dos comentários pessoais entre os âncoras.

O organograma abaixo mostra que, mesmo com tantas horas de jornalismo a preencher, a emissora não tem uma equipe grande.

⁴³ A expansão nacional da segunda maior emissora brasileira começou em 1991, quando o controle acionário da TV passou para a Igreja Universal do Reino de Deus, comandada pelo Bispo Edir Macedo. Hoje são 108 afiliadas em 26 estados, mais o Distrito Federal.

- 1 Gerente de Jornalismo, responsável final pelo conteúdo exibido em todos os telejornais locais, responsável também pela parte administrativa do departamento de jornalismo;
- 2 Gerentes de Redação, com as mesmas funções de um chefe-de-reportagem, ou seja, coordenar a produção e as equipes na rua, mas com esta denominação podem trabalhar mais de cinco horas sem recebimento de hora extra;
- 4 Editores-Chefe (um para cada telejornal, *Direto da Redação, Goiás no Ar, Balanço Geral e Jornal da Record*). Responsáveis pelo planejamento e execução de cada telejornal, seguindo suas características, como por exemplo, qual assunto entra e qual tem ou não destaque)
- 11 Produtores (dois destes produtores acumulam a função de atender a Rede, um pela manhã e outro à tarde);
- 12 Repórteres;
- 8 Editores de Texto.

Os telejornais também recebem material das afiliadas de Jataí, Rio Verde e Itumbiara, e da equipe que a emissora mantém na cidade de Anápolis. Na rotina produtiva da emissora, duas reuniões de pautas, uma matutina e outra vespertina. Fica claro ao assistir aos telejornais locais que a maior parte da produção é destinada ao *Balanço Geral* e ao *Jornal da Record*, os outros, *Direto da Redação* e *Goiás no Ar* se utilizam muito de reaproveitamentos, às vezes com a transformação de uma matéria em nota coberta, ou com a utilização apenas de uma sonora usada em determinada notícia. Sem as repetições a equipe não conseguiria preencher o espaço destinado ao jornalismo local.

Ainda sobre o conteúdo exibido localmente, as chamadas da programação nacional, não só dos telejornais como também de programas de entretenimento como novelas e minisséries, são diárias. A emissora também é a única entre as analisadas nesta pesquisa a usar merchandising dentro do conteúdo jornalístico, neste caso a prática é exclusiva do *Balanço Geral*. Os produtos são anunciados não só por uma atriz como pelo próprio apresentador do programa.

3.1.3 A TV Serra Dourada

A TV Serra Dourada começa a transmitir em 1989, e desde o início é uma afiliada do Sistema Brasileiro de Televisão, o SBT. O primeiro proprietário da concessão foi o ex-senador biônico Benedito Vicente Ferreira, do então PDS goiano. Este negociou o canal com o grupo Alô Brasil, que algum tempo depois vendeu para o Grupo Arisco, a quem pertence até hoje. Os dois primeiros programas da emissora foram o Informativo Serra Dourada, veiculado no horário do almoço, e o TJ Goiás, inspirado no TJ Brasil de Boris Casoy.

Hoje a emissora tem dois telejornais locais, o *Jornal do Meio dia* (entra no ar às 11h55) e o *Jornal Serra Dourada* (19h), os dois exibidos de segunda-feira a sábado. A emissora já teve um noticioso matutino, mas foi retirado do ar poucos meses depois da estreia por questões estruturais. São menos de duas horas de telejornalismo local, mas o *Jornal do Meio dia*, apoiado em matérias populares com forte apelo assistencialista, está na liderança do horário há um ano e meio, segundo pesquisa do Ibope Media⁴⁴. Este sucesso chama atenção porque, entre as emissoras estudadas nesta pesquisa, é a que tem a menor equipe conforme organograma e quadro de funcionários abaixo:

- 1 gerente de Jornalismo, que também é o apresentador do *Jornal do Meio Dia*. A responsabilidade deste profissional é orientar toda a linha editorial do telejornalismo local.
- 1 coordenador de Produção (período integral);. Esta é uma função semelhante ao do chefe-de-reportagem ou do gerente de redação, descritas anteriormente.
- 1 Coordenador de Edição - não há a figura do editor-chefe. Este profissional, que trabalha período integral, também é o apresentador do telejornal analisado neste trabalho. Ele define, junto com os editores de cada jornal, o Coordenador de Produção e o Gerente de Jornalismo, o que entra ou não em cada jornal, ordem (espelho) e destaque.
- 8 Produtores;
- 8 Repórteres;
- 6 Editores de Texto.

⁴⁴ A pesquisa está disponibilizada nos anexos deste trabalho.

A história deste telejornal, um dos grandes responsáveis pela consolidação da emissora, começa em 30 de setembro de 1991. Criado pelo jornalista Cassim Zaidem e pelo publicitário José Eustáquio, o programa teve como apresentadores jornalistas (Roseli Vicente e Solange Franco), publicitários (Joel Fraga) e locutores (Paulo Hernani). Mas o casal mais lembrado, antes do atual, foi sem dúvida Ione Glória e Paulo Beringhs⁴⁵. Das estruturas humanas analisadas, a da **TV Serra Dourada** é a que mantém o maior número de profissionais antigos (com mais de vinte anos de experiência) nos cargos de chefia e de edição, mas com uma grande rotatividade na reportagem e produção.

4.2 Os telejornais

4.2.1 Jornal Anhanguera Primeira Edição

O *Jornal Anhanguera Primeira Edição*, que na grade da Rede Globo corresponde ao Praça TV 1ª Edição, era chamado, até o final da década de 1990, de *Jornal do Almoço*. O informativo passou por profundas modificações estruturais e editoriais nos últimos anos, numa tentativa de vencer a guerra pela audiência com o *Jornal do Meio dia* e *Balanço Geral*. O programa foi ao ar pela primeira vez em 1987 e até 1996 tinha em média quinze minutos de duração, a partir deste ano ganhou o tempo atual, entre 30 e 35 minutos de produção. Essa mudança foi determinada pela própria Globo, numa ação de expansão do conteúdo jornalístico. Entre as decisões editoriais regionais chama a atenção o fato de, nos últimos dois anos, praticamente terem sido abolidas as entrevistas em estúdio, sendo substituídas por entrevistas externas. Os quadros de saúde e conteúdo jovem foram extintos, os assuntos ainda são tratados em matérias esporádicas. As matérias estão cada vez mais teatralizadas, com repórteres representando situações jocosas e, até mesmo, pedidos de ajuda são levados ao ar.

O *Jornal Anhanguera Primeira Edição* é exibido em escalada e quatro blocos, sendo os três primeiros com passagens que podem ser ao vivo ou gravadas. Quando a

⁴⁵ As informações históricas foram repassadas pelo atual Diretor de Jornalismo, Jordevá Rosa.

emissora tem um assunto muito forte e exclusivo, além de estar na escalada, uma prévia do material é mostrado no primeiro bloco e depois é feita a exibição total no terceiro ou quarto bloco. Quando o assunto é “quente”, mas foi coberto por todos, o objetivo é sempre colocar o quanto antes. No segundo bloco há um espaço para o esporte, espaço este que foi ampliado com a participação dos apresentadores esportivos porque, desde o início de 2013, o telejornal incorporou cinco minutos do *Globo Esporte Local*.

Na tentativa de aproximação com o público, a emissora investe em momentos de interação com o telespectador, momentos virtuais como o *Quero Ver na TV* um quadro onde sugestões de matérias do público são produzidas, com ou sem a participação do autor da sugestão/denúncia. Há também os momentos interpessoais como o quadro, *O Bairro que eu Tenho, o Bairro que eu Quero*, quando a emissora passa uma semana em um determinado bairro, fazendo matérias comportamentais e sobre infraestrutura. No penúltimo dia, os moradores elegem o principal problema do bairro, no dia seguinte, há uma entrevista ao vivo com a autoridade competente, shows musicais e prestação de serviços como emissão de documentos.

4.2.2 Balanço Geral

O *Balanço Geral* está no ar desde 2008, quando substituiu o Goiânia Urgente, e sempre teve como Âncora o jornalista Oloares Ferreira. O programa começou com pouco mais de uma hora de duração, mas hoje tem duas horas. Sua característica principal é a informalidade. Há um espelho e um roteiro que mudam várias vezes, já com o programa no ar, dependendo do que é exibido pelos concorrentes e do retorno do Ibope Media.

O telejornal aposta em matérias de bairro, casos violentos, curiosidades e comportamento popular, sem deixar de lado os factuais de política, economia e cidades. Os repórteres cada vez menos usam a fórmula off, passagem sonora, o conteúdo é exibido como um grande “ao vivo” gravado, e ainda se colocam em situações do público: andam de ônibus, fazem refeições no comércio popular, andam a pé em ruas sem asfalto, entram dentro de erosões etc. Também é muito usado o “motolink”, um cinegrafista numa moto circula pela cidade durante o jornal e assim consegue flagrantes de acidentes e operações policiais que são narradas pelo apresentador no estúdio, nem sempre depois de uma checagem apurada.

No estúdio, o apresentador conversa com o diretor e com os câmeras, como se eles estivessem no cenário. Não há bancada, ele caminha em todas as direções, gesticula muito e faz comentários raivosos ou jocosos após as matérias mais polêmicas. O apresentador está sempre com um *tablet* nas mãos, para interagir com o público através de redes sociais e e-mails, ele também lê recados que os telespectadores deixam através dos telefones da redação. Frequentemente ele faz matérias sugeridas pelo público que o colocam em situações inusitadas, como por exemplo, passar um dia como gari, almoçar em um restaurante macrobiótico, pular de paraquedas, etc.

O *Balanço Geral* é exibido em quatro grandes blocos, sendo o terceiro destinado ao esporte, com um comentarista específico. Além do conteúdo jornalístico local, são exibidos também VT's nacionais, chamadas da programação nacional da emissora, uma mensagem de um bispo da Igreja Universal do Reino de Deus e, em média, cinco inserções do que a direção do canal classifica como merchandising: quando o apresentador vende produtos ou serviços com a ajuda de apresentadora comercial e de mercadorias (de colchões a café) dispostas num canto do estúdio.

Deny Almeida, um dos gerentes de Redação, explica que a fórmula para disposição do conteúdo não é diferente da usada pela TV Anhanguera e pela TV Serra Dourada (a ser exposta no próximo tópico). Quando há um assunto forte e exclusivo, parte do material é exibida no primeiro bloco e depois chamada nas passagens de bloco e, durante os blocos, para exibição no último bloco do programa. Se o assunto é chamativo, mas acompanhado por todos, entra logo no primeiro bloco e depois o apresentador vai lembrando e voltando ao acontecido através da opinião dos telespectadores. Como o programa é longo, *hardnews* e *softnews* são alternados em todos os blocos.

Foi na TV Record que a TV Anhanguera buscou inspiração para o quadro “O Bairro que eu Tenho, o Bairro que eu Quero”, mas na emissora da Igreja Universal o quadro se chama “Balanço Geral nos Bairros”. A diferença é que na TV Record não há votação, nem envolvimento prévio. Apenas um dia de festa com muitas atrações artísticas e prestação de serviços, mas neste dia o programa é todo apresentado do bairro.

4.2.3 Jornal do Meio Dia

O *Jornal do Meio Dia* lidera a audiência no horário do almoço há um ano e meio. O Gerente de Jornalismo, Jordevá Rosa, explica que o programa possui seis blocos mas sem rigidez de tempo, assim os editores modificam o espelho de forma a brigar com a concorrência, ou seja, podem “esticar” um bloco para segurar um entrevistado, ou para manter um assunto polêmico no ar enquanto as outras emissoras cortam para o bloco comercial. Também na TV Serra Dourada é utilizada a fórmula descrita anteriormente, de chamar assuntos “quentes” na escalada e exibir parte do material no primeiro bloco, para depois exibir sua totalidade no quinto ou sexto bloco.

A emissora aposta em assuntos pesados: como violência e política, populares como cidades e matérias de interesse humano: como pessoas desaparecidas, pessoas com grandes dificuldades financeiras ou problemas de saúde. Para que o telespectador não fique cansado, essas matérias são alternadas com quadros de serviço e curiosidades, como por exemplo: Saúde e Bem Viver, INSS, Desaparecido, Espaço Cultura, Imagens do You Tube, Tá Lembrando (esporte) Repórter Cidadão e Emprego.

Além da sugestão de matérias, comentários e denúncias enviados via e-mail para serem lidos com o jornal no ar, o público interage com o programa através do Repórter Cidadão, onde qualquer pessoa pode enviar fotos de problemas ou flagrantes que são mostrados durante o telejornal. Uma curiosidade confessada por Jordevá é que este quadro nasceu da necessidade da emissora de checar se as informações passadas pelos telespectadores, via telefone, eram interessantes o suficiente para deslocar uma equipe de reportagem (checagem necessária em função da pequena quantidade de repórteres). Um telespectador ligava e reclamava de um buraco na sua rua, e a produção pedia: “manda uma foto pra gente”, logo, o volume de fotos foi tão grande que eles resolveram reaproveitar no telejornal.

O Gerente de Jornalismo faz questão de frisar, também, que é regra na emissora acompanhar qualquer caso até o fim e que os repórteres são orientados a se colocar na situação da vítima para evitar fazer pré-julgamentos. Ele disse que não pede isenção, até porque não acha que isso seja possível, ao contrário, pede que os repórteres demonstrem emoção, como qualquer outro ser humano.

4.3 A análise dos dados

(...) os que se interessam pela análise dos produtos televisuais têm pela frente um duplo desafio, representado: (1) pelo preconceito que ainda persiste em relação ao próprio objeto de estudo – os produtos televisuais; (2) pela insuficiência e inadequação do aparato teórico-metodológico à disposição, frente à complexidade e hibridação desses produtos. (Duarte, 2010, p.227)

A proposição de Elizabeth Bastos Duarte sobre as dificuldades para se pesquisar o conteúdo televisivo devem ser encaradas como um alerta para os cuidados que investigações sobre televisão exigem. Para a autora, os produtos televisuais são textos, quando vistos sob o ponto de vista da semiótica, mas são textos mais complexos porque “o conteúdo se expressa simultaneamente através de diferentes linguagens sonoras e visuais” (BRANDÃO, 2010, p.228).

Abarcando todas essas preocupações, e ainda numa tentativa de garantir a diversidade da amostra, para esta pesquisa foram analisadas as matérias, notas cobertas, notas secas e entrevistas em estúdio e externa que abordassem casos de mulheres envolvidas em situação de violência, seja enquanto vítimas ou agressoras, veiculadas nas emissoras: TV Anhanguera, TV Record e TV Serra Dourada nos telejornais *Jornal Anhanguera Edição do Almoço*, *Balanço Geral* e *Jornal do Meio Dia* no mês de outubro de 2013.

O período de trinta dias possibilitou a análise de conteúdo veiculado em dias úteis, finais de semana, véspera e dias de feriados nacionais e locais, abrangendo grandes coberturas e matérias isoladas, salvaguardando a heterogeneidade da amostra também em relação à disponibilidade de tempo em função de maior ou menor quantidade de comerciais e disponibilidade na rede⁴⁶. E ainda a variação de acontecimentos dentro da movimentação urbana, em dias úteis ou não. Foram observadas 62 inserções, sendo 14 na TV Anhanguera, 30 na TV Record e 18 na TV Serra Dourada.

Para descrição das matérias analisadas neste trabalho foi elaborada uma ficha descritiva⁴⁷ com a identificação do material e a categorização do conteúdo dentro dos oito critérios de análise escolhidos com o objetivo de abranger todas as variáveis que compõem o texto televisivo:

⁴⁶ Os telejornais têm tempo médio e horário de entrar no ar pré-determinado, mas tanto um quanto outro pode sofrer variações em função da Rede, por exemplo, o tempo do jornal pode diminuir em um dia em que a Rede esteja transmitindo um jogo da seleção brasileira de futebol. O tempo ainda é afetado pelo departamento comercial do veículo. Em vésperas de grandes datas como Natal, os blocos comerciais são grandes e diminuem o tempo destinado às notícias, mas em compensação, em vésperas de feriados, os anunciantes não investem, os blocos são menores e sobra mais tempo para o jornalismo.

⁴⁷ Todas as fichas descritivas estão nos anexos deste trabalho.

Tempo do material: Até um minuto, entre dois e três minutos, entre três e quatro minutos, entre quatro e cinco minutos ou mais de cinco minutos.

A quem é dado voz: Ao locutor noticiarista, ao repórter, à mulher enquanto vítima ou agressora, ao poder público, parentes, testemunhas, ao agressor ou representante do agressor, à opinião popular, profissionais especializados como médicos e advogados.

Situação da mulher: fragilizada, lutadora, em situação de risco, agressora, desinformada, responsável pela própria agressão.

Posição do conteúdo no espelho: Escalada, primeiro bloco, segundo bloco, terceiro bloco, quarto bloco, quinto bloco, sexto bloco e passagens de bloco.⁴⁸

Serviços agregados: Sim ou não. Considerou-se como serviço agregado informações que pudessem, de alguma forma, ajudar não só à mulher, mas aos telespectadores de maneira geral, a ter acesso a serviços públicos que garantissem bem-estar e o exercício da cidadania.

Tipologia do conteúdo: Fato novo, suíte/repercussão, investigativa, interesse humano⁴⁹ e curiosidade.

Formato: VT, nota coberta, nota seca, e entrevista (em estúdio ou externa).

Comentários ou expressões faciais pejorativos ou positivos sobre a mulher:
Sim ou não

Primeiro serão expostas as análises de cada telejornal, seguidas de um comparativo entre os três informativos, por fim, será feito um diagnóstico das 62 inserções com a intenção de discutir o conteúdo da maior parte da programação jornalística assistida pelos telespectadores goianienses.

4.3.1 TV Anhanguera

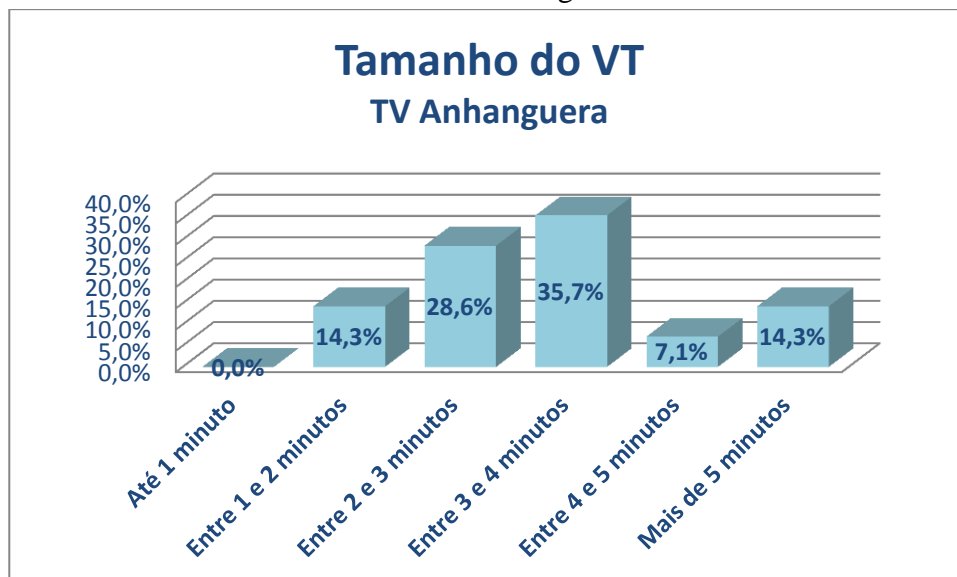
O primeiro critério analisado, o tempo destinado ao conteúdo sobre violência envolvendo mulheres, reafirma a proposição feita anteriormente sobre a mudança editorial da emissora no *Jornal Anhanguera Primeira Edição* (que se estendeu a todos os outros telejornais) direcionando os conteúdos para uma abordagem sensacionalista.

⁴⁸ Quinto e sexto blocos existem apenas na TV Serra Dourada.

⁴⁹ Segundo Temer (2007) matérias de interesse humano são matérias atemporais, que mostram aspectos do comportamento humano através de personagens.

Como pode ser observado no gráfico abaixo, o tempo das matérias, independentemente da quantidade de informação, é sempre grande, a maior parte superior a três minutos.

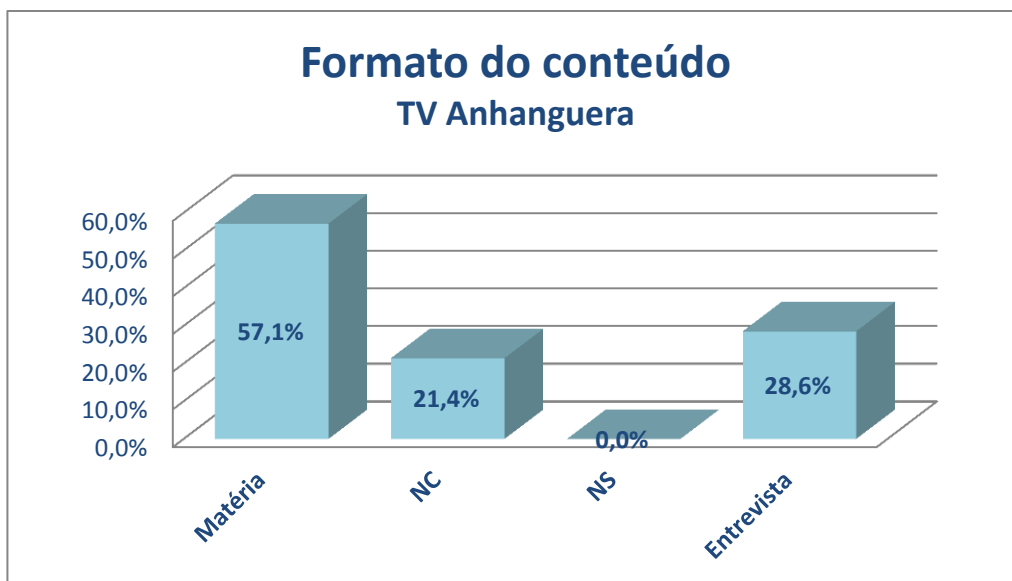
Gráfico 1 – Tamanhos do VT - TV Anhanguera



Fonte: Elaborado pela autora.

Isto se reflete em outro aspecto estudado, o formato do conteúdo, como se pode notar no gráfico abaixo. A grande maioria é abordada em matérias, para que as imagens possam ser exploradas de forma melhor. E em vários casos as sonoras são extraídas do VT e transformadas em entrevistas externas ao vivo ou, numa segunda variável, trechos da entrevista gravada são exibidos na escalada, primeiro bloco, ou passagens de bloco como forma de atrair o telespectador.

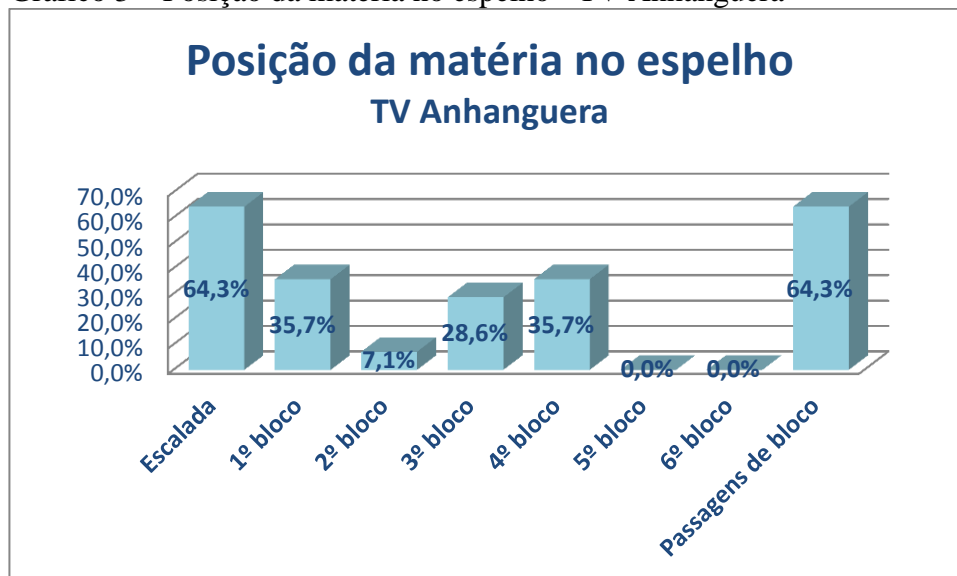
Gráfico 2 – Formato do conteúdo - TV Anhanguera



Fonte: Elaborado pela autora.

Ainda sobre a repetição, é possível ver como a violência é um valor-notícia de destaque no telejornal através do espaço dado a estas matérias na escalada, chamadas dentro dos blocos e passagens de bloco.

Gráfico 3 – Posição da matéria no espelho - TV Anhanguera

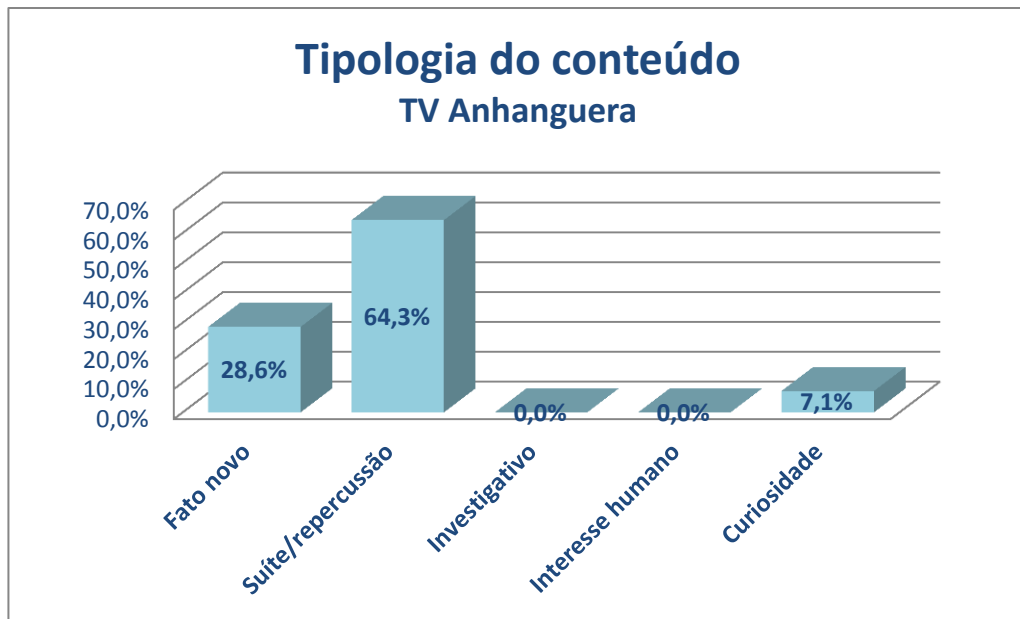


Fonte: Elaborado pela autora.

A tipologia do conteúdo, retratada no próximo gráfico, reforça outra característica do sensacionalismo, a repetição, neste caso porque as matérias consideradas como suíte ou repercussão, nem sempre apresentam um fato novo, são apenas abordagens diferentes do mesmo acontecimento com a intenção de não se afastar de um assunto que causou comoção no telespectador e elevou a audiência. Especificamente, no caso da TV Anhanguera, a grande quantidade deste tipo de conteúdo revela uma mudança na linha editorial⁵⁰ da emissora, facilmente observada, uma vez que a afiliada exibia principalmente no *Jornal Anhanguera Primeira Edição*, muitas matérias de comportamento, cultura, saúde, turismo e até mesmo culinária. Agora essas matérias são cada vez mais raras, ficando restritas aos sábados e feriados quando a quantidade de factuais é menor.

Gráfico 4 – Tipologia do conteúdo - TV Anhanguera

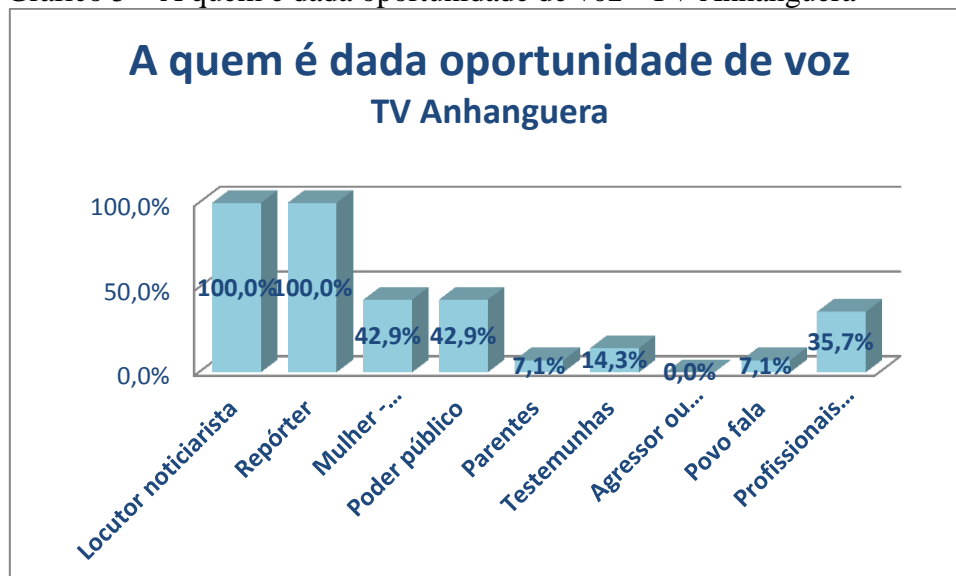
⁵⁰ A linha editorial de um veículo de comunicação pode ser comparada a sua identidade, ou seja, são os valores que a empresa dá a determinados assuntos e que vai influenciar na qualidade da mensagem construída e levada a público.



Fonte: Elaborado pela autora.

Saindo dos aspectos estruturais das matérias e agora focando na construção do texto, o primeiro critério analisado é a quem é dada voz. Como o conteúdo é tratado na maioria das vezes, como matéria, locutores noticiaristas e repórteres estão presentes em 100% do conteúdo analisado. As mulheres, mesmo enquanto vítimas, não são ouvidas nem em metade do conteúdo produzido. Parentes, quando ouvidos, são em sonoras emocionais, com o interesse de fazer o entrevistado chorar, com perguntas com: “Você ouvia ele bater nela?” ou então para descrever o crime: “fulano conta como tudo aconteceu”, informações que na maior parte das vezes serão repetidas pela polícia ou outra fonte representante do poder público. O telejornal se utiliza muito de sonoras de populares, o conhecido povo-fala, mas com respostas curtas e sem repercussão: “achei triste”, “foi uma barbaridade”. É preciso destacar um aspecto paradoxal na condução editorial da emissora: suspeitos, acusados ou mesmo condenados não são ouvidos. Por um lado, essa norma preserva a vítima de ser molestada mais uma vez pelo agressor (neste caso moralmente), mas não deixa de transgredir uma regra básica do jornalismo, a de dar voz a todos os envolvidos em uma determinada notícia. A produção recorre muito a profissionais especializados, como médicos e advogados. Esse recurso tem pelo menos três objetivos: conseguir responder dúvidas quando o poder público ou a própria vítima não é ouvida; fazer especulações quando o fato não foi totalmente apurado ou compor a discussão sobre o assunto e aumentar o tempo de exposição.

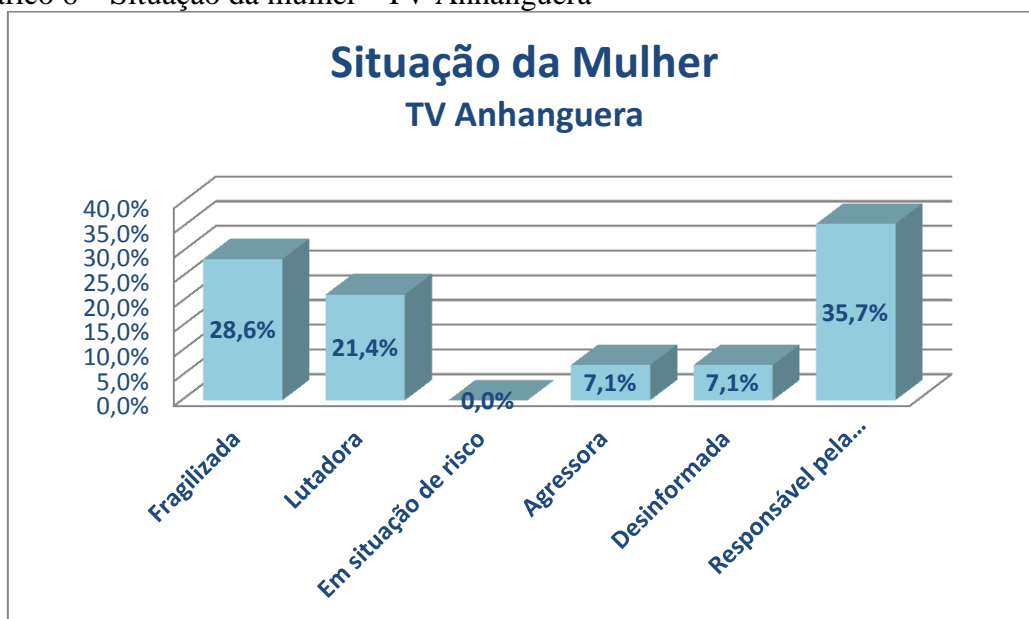
Gráfico 5 – A quem é dada oportunidade de voz - TV Anhanguera



Fonte: Elaborado pela autora.

O gráfico abaixo mostra um aspecto negativo da condução editorial do *Jornal Anhanguera Primeira Edição*, que não é necessariamente voluntário, pode acontecer tanto por falta de preparo dos jornalistas quanto pelo pouco tempo disponível para a produção das matérias. Muitas vezes na construção do texto em off, ou da chamada, a mulher é colocada como responsável pela própria agressão. Por exemplo: “Ela estava no ponto de ônibus às seis horas da manhã quando foi atacada”. Se a vítima estava no ponto de ônibus é porque precisava ir à escola ou ao trabalho. Ou ainda: “A jovem que teve fotos íntimas divulgadas na internet permitiu que as imagens fossem registradas”. Ela permitiu que as fotos fossem tiradas, mas não para que fossem postadas num site de troca de mensagens.

Gráfico 6 – Situação da mulher - TV Anhanguera

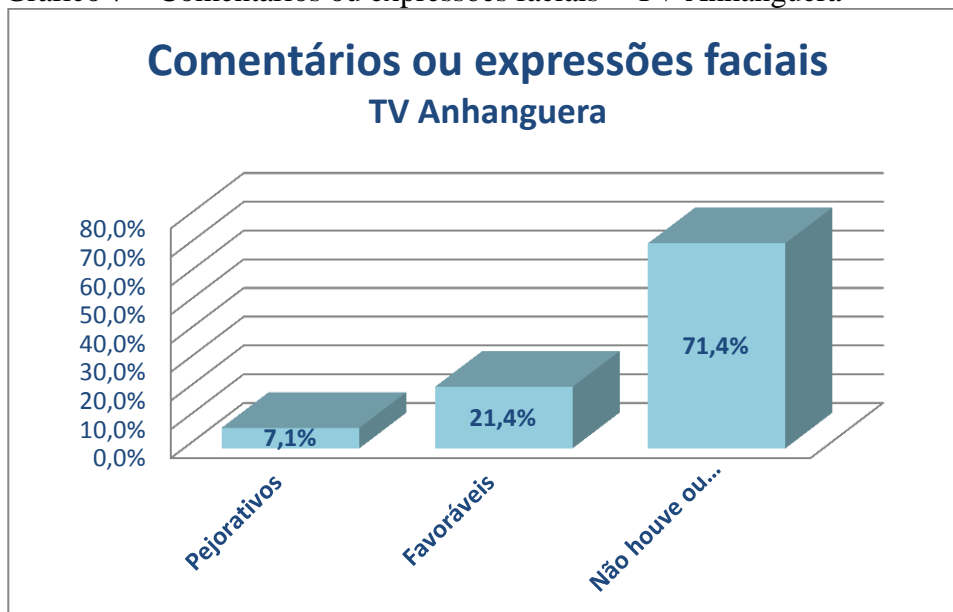


Fonte: Elaborado pela autora.

Durante as visitas feitas à redação esta pesquisadora conversou informalmente com duas jornalistas, uma editora e outra apresentadora e repórter, e ao expor essas falhas às profissionais os comentários ouvidos foram: “Nossa, não tinha prestado atenção”, “uai, é mesmo? Não tinha percebido que ficou pejorativo”.

Claro que não se pode excluir a possibilidade de preconceito, que pode estar internalizado, de forma inconsciente, nos jornalistas, mas isso só poderia ser determinado com uma pesquisa feita com estes profissionais.

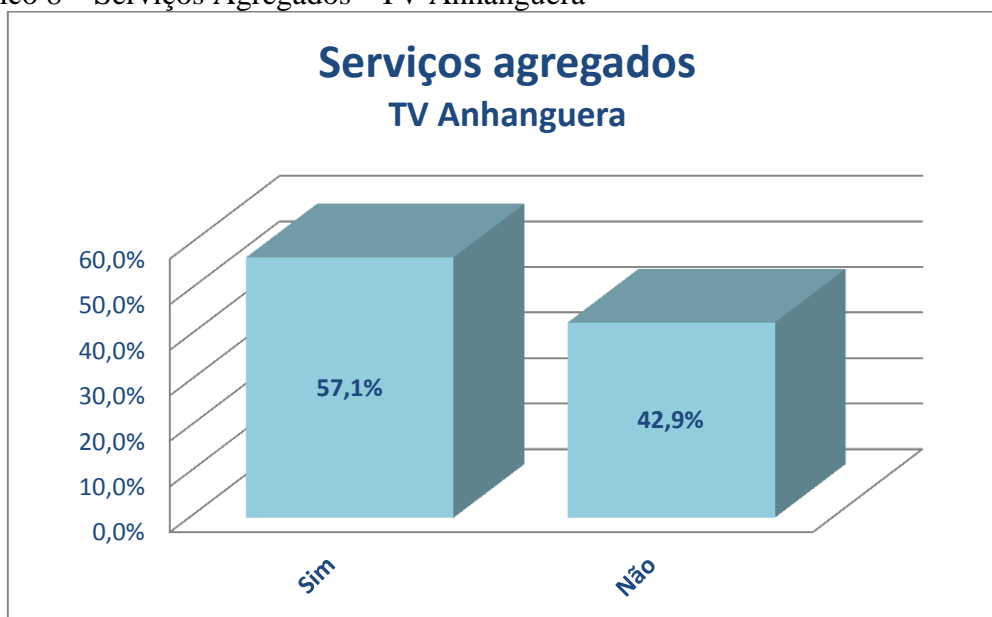
Gráfico 7 – Comentários ou expressões faciais - TV Anhanguera



Fonte: Elaborado pela autora.

O gráfico acima reforça a proposição feita anteriormente sobre a não percepção do real significado dos textos produzidos e veiculados no *Jornal Anhanguera Primeira Edição*. Os comentários negativos explícitos sobre as mulheres são poucos, a desconstrução social e moral da mulher, quando acontece, é de maneira subliminar, mas nem por isso menos prejudicial à aceitação da igualdade feminina na sociedade goianiense.

Gráfico 8 – Serviços Agregados - TV Anhanguera



Fonte: Elaborado pela autora.

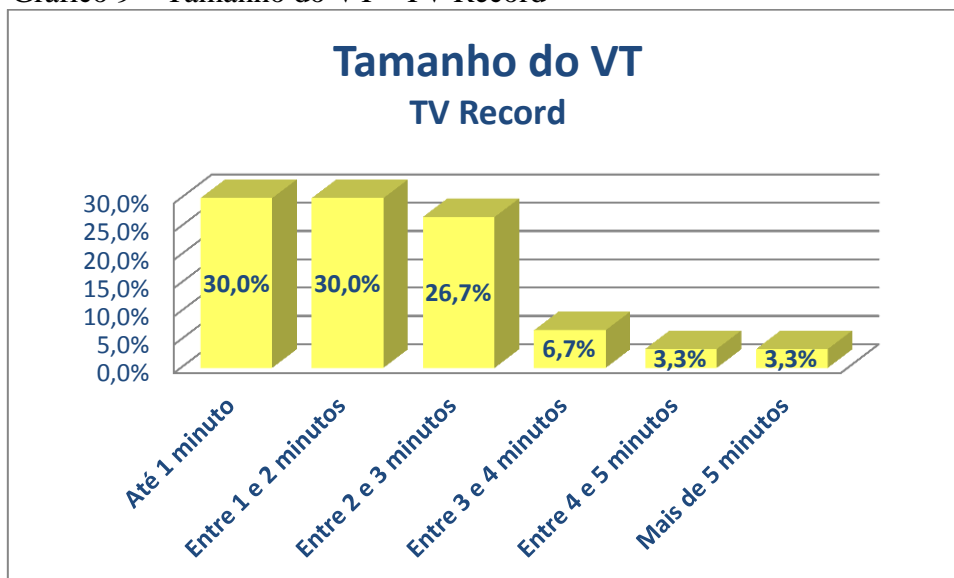
Um aspecto positivo do conteúdo exibido pelo *Jornal Anhanguera Primeira Edição* é que, na maior parte, havia alguma informação relevante para o telespectador, como mostra o gráfico acima. Mesmo que a nota, matéria ou entrevista mostrasse alguma inconsistência, havia alguma informação, desde uma explicação sobre a diferença entre injúria e difamação até a informação sobre o funcionamento do IML nos feriados. Mas é incontestável que 57,1% seja muito pouco para enquadrar o *Jornal Anhanguera Primeira Edição* como cumpridor da “Função Social” definida por Beltrão e citada nesta pesquisa anteriormente.

4.3.2 TV Record

Os critérios analisados seguem características usadas por autores (Marcondes Filho, Mott, Pedroso, Angrimani, Porcello, Sodré e Paiva) citados neste trabalho anteriormente para definir um conteúdo como sensacionalista ou não. A sequência adotada para análise do conteúdo da TV Record será a mesma utilizada na emissora TV Anhanguera, previamente, e também na TV Serra Dourada, posteriormente. Reitera-se que o programa *Balanço Geral* é o telejornal de maior tempo de produção não só em Goiânia como em todo Estado de Goiás, são duas horas e meia de telejornal com uma

média diária de 33 VT's, por isso, das 62 matérias analisadas nesta pesquisa 30 foram produzidas e exibidas pela TV Record.

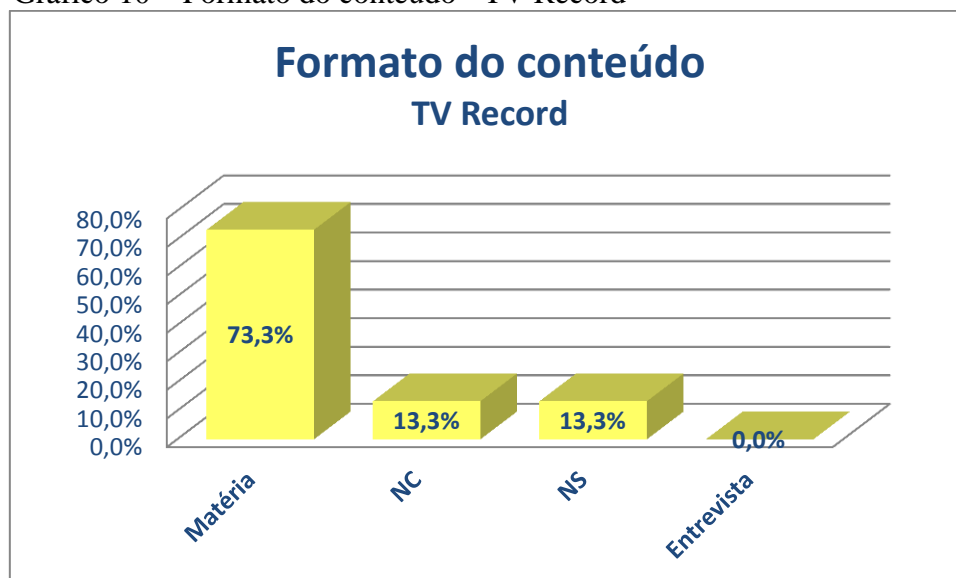
Gráfico 9 – Tamanho do VT - TV Record



Fonte: Elaborado pela autora.

A TV Record não exibe tantos VT's longos quando a TV Anhanguera, a maioria tem até dois minutos. Mas isso não impede que determinadas cenas, sonoras e informações, sejam repetidas à exaustão. O que há é uma mudança na dinâmica do espelho para se adequar ao tamanho do programa. Para manter a audiência, a edição exibe pedaços da matéria até a sua veiculação final e a quantidade de “pedaços” depende do quão importante ou chamativo seja considerado o assunto abordado.

Gráfico 10 – Formato do conteúdo - TV Record



Fonte: Elaborado pela autora.

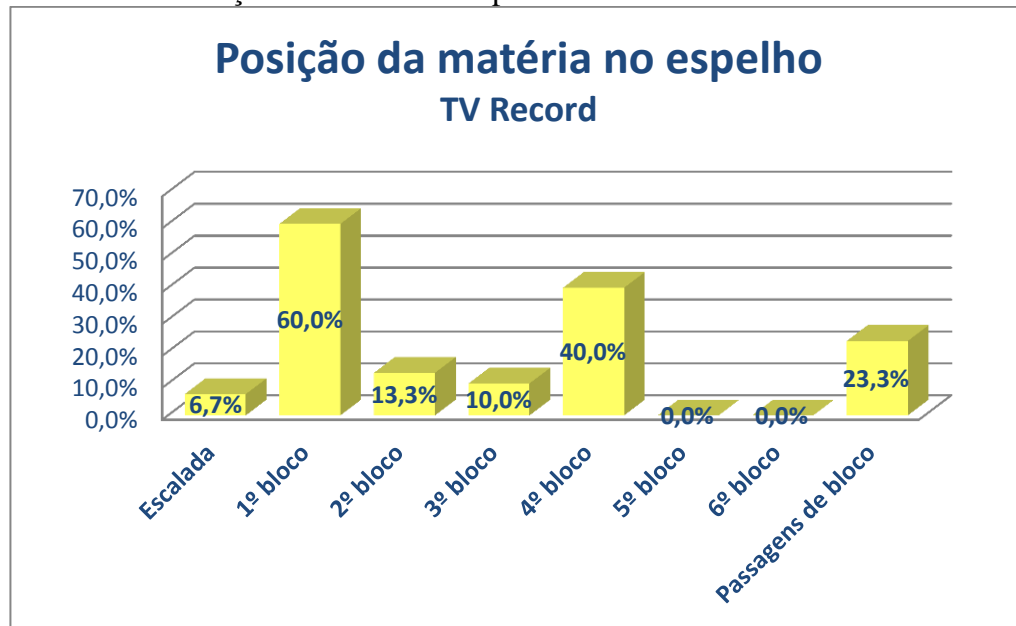
As entrevistas ao vivo são poucas, o formato mais utilizado é a matéria, embora a edição também se utilize muito de notas cobertas⁵¹ (NC) e notas secas⁵² (NS). Há duas explicações para essa rotina: a primeira é que, pelo tamanho do programa, é feito sistematicamente o reaproveitamento de conteúdos exibidos em outros telejornais da casa e, neste caso, para o material não ficar idêntico ao do telejornal anterior, faz-se a nota coberta. Ainda devido ao grande tempo de produção, informações que surjam com o telejornal no ar são abordadas, mesmo que de uma maneira inicial, ou assuntos que não são considerados importantes o suficiente para serem transformados em nota coberta ou matéria são abordados em forma de nota seca.

Segundo, quando um assunto é considerado chamativo, e é exclusivo da emissora, primeiro é feita uma chamada em forma de nota coberta e passagens de bloco ou várias chamadas pelo apresentador até a exibição nos últimos blocos. É preciso ressaltar que o programa tem um *script* e, é parte desse *script* o apresentador fazer comentários por conta própria, de maneira totalmente improvisada.

⁵¹ Nota coberta é o termo jornalístico televisivo para identificar um material cuja narração é feita por um dos apresentadores do telejornal, pode ser ao vivo ou gravada. Também pode ser de material inédito ou já veiculado com sonora ou não. Muito utilizada para reaproveitar um material veiculado de forma que não pareça velho, ou para dar forma a um material que foi feito apenas pelo cinegrafista, ou pelo produtor, ou ainda com material enviado pelos próprios telespectadores.

⁵² Nota seca é o termo jornalístico, televisivo, para identificar um material que não possui imagens, a informação, sempre sucinta, é lida pelos apresentadores do jornal.

Gráfico 11 – Posição da matéria no espelho - TV Record



Fonte: Elaborado pela autora.

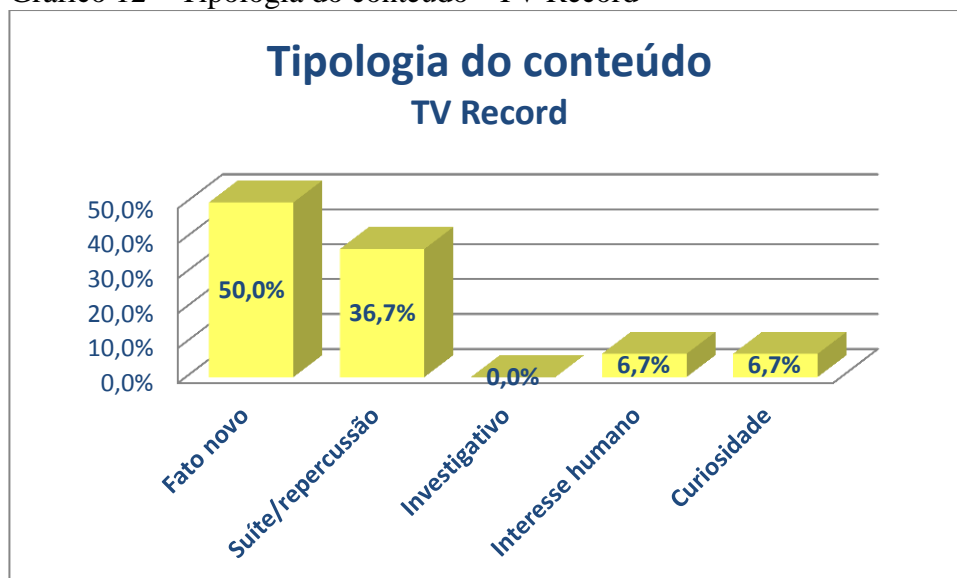
Apesar do tamanho do telejornal, a TV Record divide o *Balanço Geral* em apenas quatro blocos, mas com uma boa maleabilidade de duração, variando de quatro minutos e cinquenta e seis segundos a trinta e um minutos e trinta e seis segundos. É importante frisar a informação de que o *Balanço Geral* exibe conteúdo comercial dentro do espaço jornalístico. A edição e o próprio apresentador chamam de “*merchadising*”⁵³, ou seja, entre os produtos oferecidos estão colchões magnéticos, café, remédio para varizes e hemorroidas, produtos para crescimento capilar, instituições de ensino superior privadas, drogarias e uma rede de eletrodomésticos. Também precisa ser citada a mensagem gravada de incentivo à crença religiosa e à participação nos cultos de um dos bispos da Igreja Universal do Reino de Deus, com duração de cinco a seis minutos.

O posicionamento das matérias na TV Record repete a estratégia da TV Anhanguera. As matérias mais fortes que são exclusivas são chamadas repetidamente durante a programação até a sua exibição nos blocos finais. Matérias importantes, mas que estarão também nos programas concorrentes, são veiculadas logo no primeiro bloco. Este é um bloco chave porque, se o telespectador não gostar, mudar de canal e encontrar algo interessante, poderá ficar lá até o final do programa. Por isto neste bloco

⁵³ O que a edição e o apresentador do telejornal *Balanço Geral* chamam de *merchandising* autores da publicidade como Roberto Correa, Duda Pinheiro e José Gullo, chamam de *Product Placement* na modalidade testemunhal, ou seja, quando um dos integrantes da cena depõe a favor de determinado produto ou empresa. Para estes autores, *merchandising* são ações para destacar um produto em seu ponto de venda..

evita-se o “*merchandising*” e a mensagem do bispo. É um bloco dinâmico com muitas notas secas, cobertas e várias chamadas.

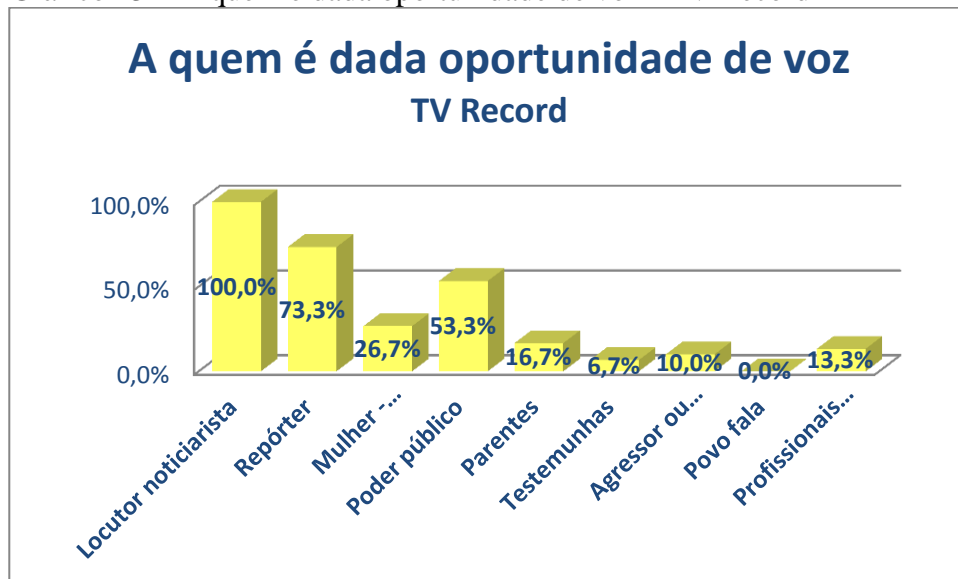
Gráfico 12 – Tipologia do conteúdo - TV Record



Fonte: elaborado pela autora.

Os dados do gráfico direcionam a classificação do conteúdo veiculado pela emissora como sensacionalista. Metade das matérias analisadas no telejornal era inédita, e quase trinta e sete por cento, suíte ou repercussão de assuntos que “chocaram”, ou provocaram forte comoção nos telespectadores. Há pouco espaço para material de interesse humano e até mesmo curiosidades, e durante o mês escolhido para análise nenhuma matéria investigativa foi exibida. Recordando o fato de que a emissora tem uma grande estrutura humana e de equipamentos, inclusive o *Mochilink*, apelido dado a um equipamento de transmissão externa ao vivo, instalado em uma moto e operado por um cinegrafista que também dirige o veículo. Em casos de factuais que aconteceram com o jornal no ar, ou muito próximos deste horário, este cinegrafista é responsável pela apuração das primeiras informações no local.

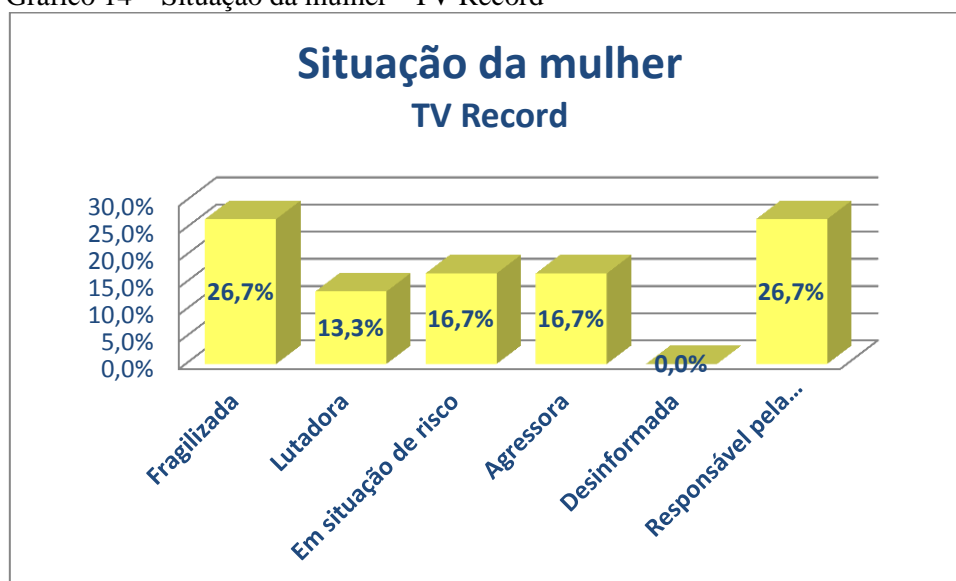
Gráfico 13 – A quem é dada oportunidade de voz - TV Record



Fonte: elaborado pela autora.

Nesta variável, em muitos aspectos o posicionamento da TV Record é similar ao da TV Anhanguera, os profissionais da emissora estão presentes em todas as matérias, notas cobertas e secas e o poder público em mais da metade. Mas, chama a atenção que as vítimas, as mulheres, foram ouvidas em menos de trinta por cento do material analisado. Os agressores puderam apresentar sua versão em dez por cento. Mais uma vez temos aqui uma situação contraditória, ao mesmo tempo é direito desses agressores, uma vez que ainda são acusados e não condenados, de se manifestarem. Em todas as vezes que isso foi possível eles colocaram em xeque a conduta da vítima, ou imputaram a elas a responsabilidade pelo crime. Também no telejornal, as sonoras de testemunhas e profissionais especializados são usadas para aumentar o tempo de exposição do assunto. No caso das testemunhas, em sua maioria, são frases sem relevância para o entendimento do conteúdo. Muitas vezes, a fala dos profissionais especializados é utilizada para especular situações hipotéticas, quando o fato ainda não está totalmente esclarecido.

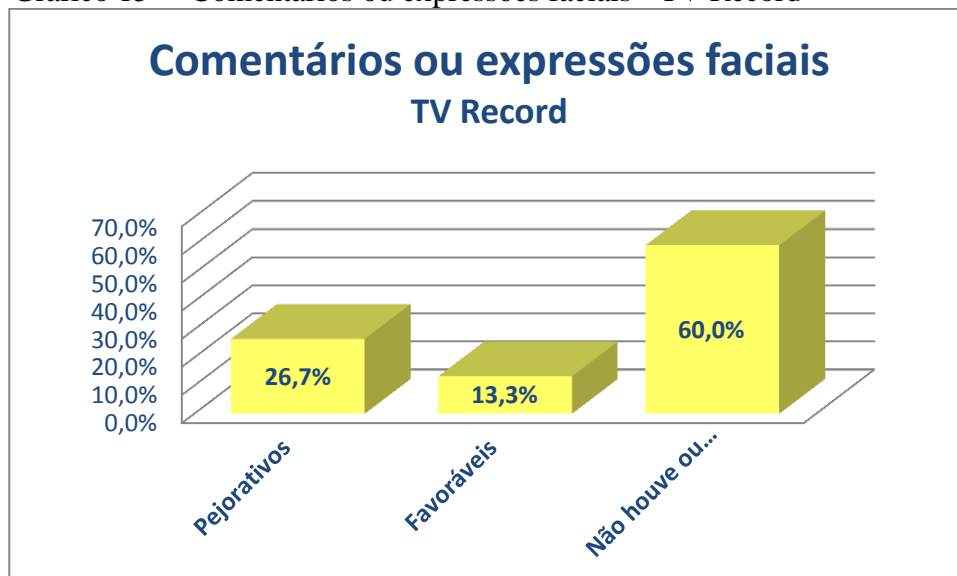
Gráfico 14 – Situação da mulher - TV Record



Fonte: Elaborado pela autora.

Neste aspecto também há uma dualidade/perspectiva que mostra a parcialidade dos jornalistas na elaboração do conteúdo exibido. Em mais da metade dos casos analisados as mulheres são colocadas, ou como seres indefesos, ou como responsáveis pela própria agressão. Foi possível observar que estão no primeiro caso as vítimas de violência física com surras e assaltos, um exemplo é a ex-operadora de caixa de supermercado Mara Rúbia Mori Guimarães, que teve os olhos furados com uma faca de mesa pelo ex-marido, ao se recusar em reatar o relacionamento. Com a alta repercussão deste caso, depois das primeiras matérias veiculadas, Mara Rúbia começa a ser mostrada como uma mulher lutadora pela própria independência e pela guarda do filho. No segundo caso, estão vítimas de violência sexual ou que se envolveram em situações de risco por terem um comportamento sexual moderno. Nesta situação estão a adolescente vítima de estupro coletivo e a jovem que teve imagens íntimas divulgadas na internet pelo ex-namorado. A primeira foi acusada formalmente, pelo apresentador, de ter contribuído para o crime ao ter aceitado participar de uma festa de aniversário com amigos da escola. Quanto à segunda, o apresentador chegou a questionar qual seria o futuro dela, depois que as imagens íntimas foram divulgadas “...ela vai posar para revista masculina?”. São poupadas deste tipo de comentário apenas as crianças vítimas de crimes sexuais.

Gráfico 15 – Comentários ou expressões faciais - TV Record

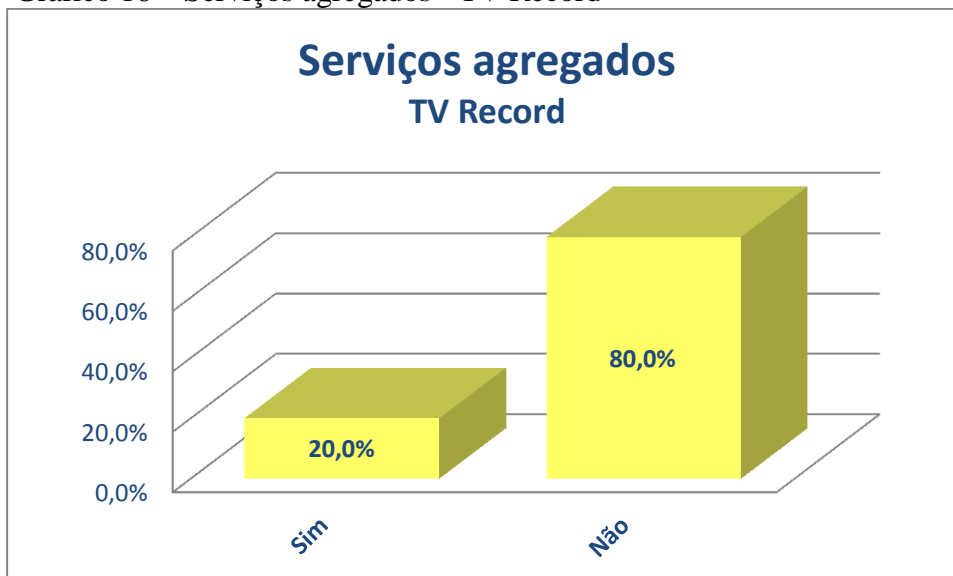


Fonte: Elaborado pela autora.

Os comentários pessoais do apresentador estão presentes em quarenta por cento das matérias exibidas, e destes mais de vinte e seis por cento são pejorativos em relação às vítimas. O apresentador deste telejornal, Oloares Ferreira, não tem formação superior, mas trabalha em veículos de comunicação no Estado de Goiás há mais de vinte anos. É muito popular, principalmente entre as classes C, D e E, embora não seja raro encontrar simpatizantes do seu “trabalho” entre, por exemplo, estudantes universitários de jornalismo. A formalidade da sua apresentação fica apenas no terno, ele usa gírias, expressões populares, sapateia e dá cartões vermelhos a quem ele considera ter comportamento inadequado. A verbalização de suas opiniões independe de provas concretas, circunstanciais ou testemunhais. Muitas são feitas em cima de suposições e opiniões pessoais. Isso fica claro em frases como “... eu acho que...”, “no meu tempo...” “Esse tipo de bandido não tem recuperação...”. Estes comentários são sempre acompanhados da reiteração de seu comportamento exemplar “...eu não tenho rabo preso”, “...pode me processar, eu vou falar a verdade, porque eu sou a voz do povo”.

É importante frisar que todos estes comentários, por mais polêmicos que sejam, são feitos com o consentimento da direção da emissora, é uma estratégia de aproximação com o público. Prova disso é que Oloares Ferreira tem o maior salário entre os jornalistas goianos em atuação no nosso Estado.

Gráfico 16 – Serviços agregados - TV Record



Fonte: Elaborado pela autora.

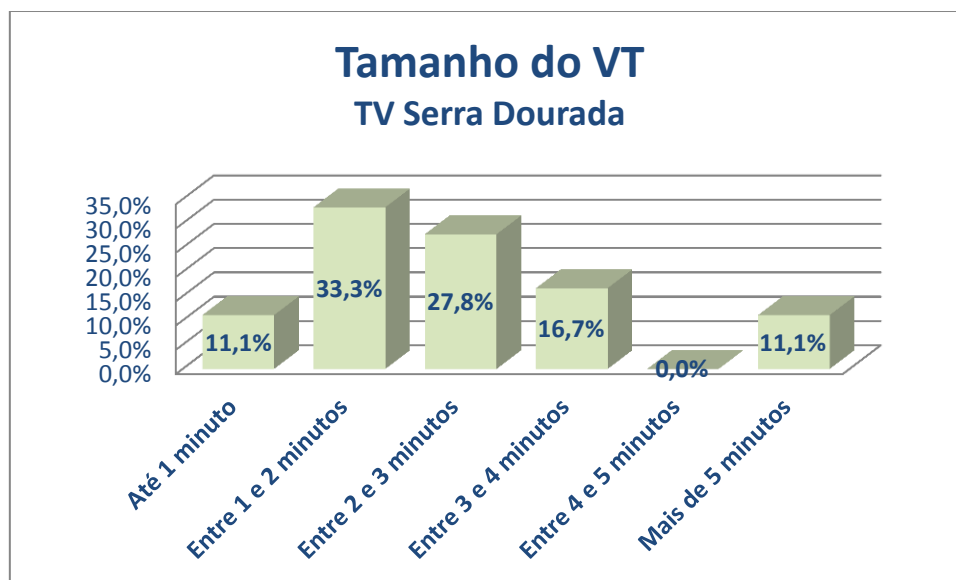
Nesta variável foi feita uma triste constatação para a qualidade do telejornalismo exibido na capital, região metropolitana e boa parte do interior goiano. Proporcionalmente, este telejornal, que é o maior em tempo de produção, é o que menos leva informações relevantes ao telespectador. Em apenas vinte por cento das matérias analisadas havia alguma informação útil para o público. Considera-se útil, a informação que proporcione a homens ou mulheres condições de exigir ou usufruir de seus direitos. No caso desta pesquisa, informações sobre a Lei Maria da Penha, endereços das delegacias de atendimento especializado às mulheres, possibilidades de apoio financeiro e psicológico a vítimas de violência doméstica, direitos de vítimas de violência sexual etc.

4.3.3 TV Serra Dourada

O *Jornal do Meio Dia* não investe em matérias muito longas, a maior parte do seu conteúdo tem entre um e três minutos. Isso pode ser explicado pela estrutura humana da emissora, muito reduzida. Um único repórter é responsável por produzir até três matérias por período. A edição de texto e imagem trabalha no mesmo ritmo, porque, além de editar o material que chega das ruas ainda precisa fazer as notas e dar formato

ao material enviado pelos telespectadores. Durante o período de análise, apenas um VT foi maior do que cinco minutos, mas sobre caso acompanhado intensamente pela emissora e que também era material exclusivo.

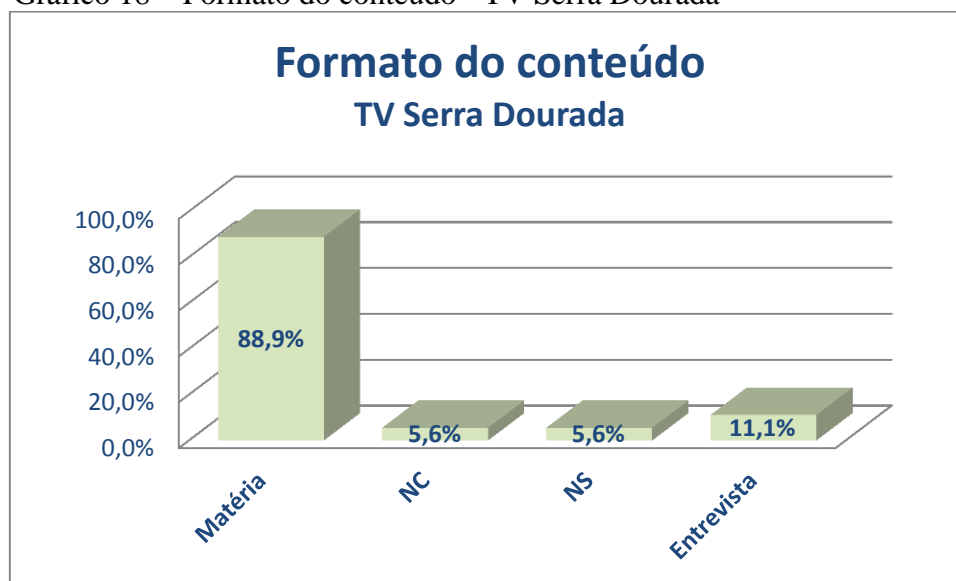
Gráfico 17 – Tamanho do VT - TV Serra Dourada



Fonte: Elaborado pela autora.

O formato mais utilizado no telejornal é a matéria. Isso facilita o trabalho da edição, uma vez que os repórteres gravam longas passagens, muitas vezes seguidas pelas sonoras, o que na hora da finalização do material significa um bom ganho de tempo. O diferencial da emissora em relação aos outros canais analisados é que a TV Serra Dourada investe bastante em entrevistas ao vivo e feitas em estúdio, uma prática banida ou pouco executada pela concorrência. Notas cobertas são utilizadas apenas para reaproveitamento de material, geralmente exibido no jornal da noite do dia anterior. Notas secas apenas para fatos urgentes que aconteceram próximo ao horário de fechamento.

Gráfico 18 – Formato do conteúdo - TV Serra Dourada

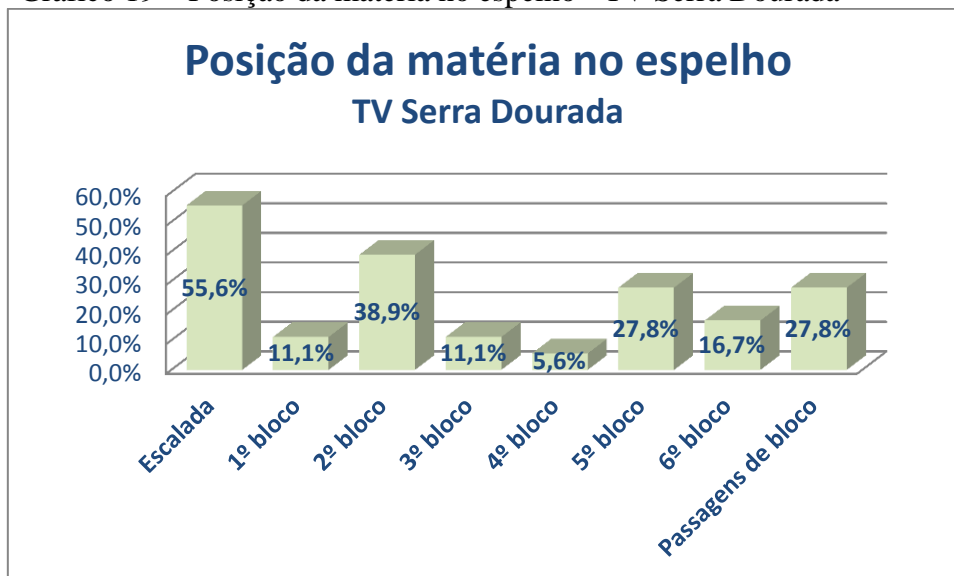


Fonte: Elaborado pela autora.

Para o entendimento do gráfico a seguir é preciso explicar que o *Jornal do Meio Dia* é exibido em seis blocos. Mas o primeiro vai ao ar antes dos telejornais concorrentes começarem, por isso, ao contrário do *Jornal Anhanguera Primeira Edição* e *Balanço Geral*, o programa começa com a escalada, uma matéria que não é a mais importante do dia e uma passagem de bloco generosa sobre os destaques da edição. Por isso, as matérias de repercussão do dia, e que não são exclusivas, ficam para o segundo bloco, e as matérias redundantes e que são exclusivas ficam para os últimos blocos.

Um bom recurso da emissora na briga pela audiência, segundo seu Gerente de Jornalismo, Jordevá Rosa, é poder modificar o tempo dos blocos de acordo com a concorrência daquele dia. Logo, se um assunto está alavancando a audiência, eles aumentam o bloco e insistem no tema enquanto as outras emissoras são obrigadas a entrar com o bloco comercial. A estratégia é repetida quando as emissoras precisam dividir entrevistados ao vivo em externas no caso de factuais relevantes, como por exemplo, todos queriam entrevistar ao vivo o médico que fez a primeira cirurgia em Mara Rúbia Mori Guimarães, a mulher que teve os olhos perfurados por uma faca pelo ex-marido. Neste caso, como entra no ar antes da concorrência, a emissora começou a entrevista e depois “esticou” a participação do médico até o primeiro bloco da concorrência acabar.

Gráfico 19 – Posição da matéria no espelho - TV Serra Dourada

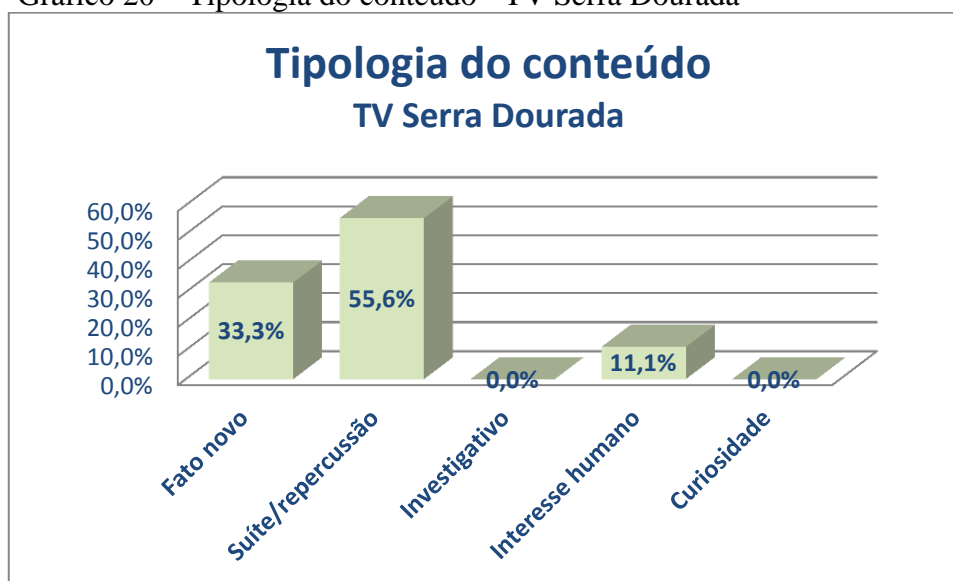


Fonte: Elaborado pela autora.

Outra característica de cobertura da TV Serra Dourada, que a difere das outras emissoras, é investir mais em suítes e repercussões que em fatos novos. Mais uma vez, citando o Gerente de Jornalismo da emissora, Jordevá Rosa, ele diz que dificilmente a emissora não acompanha um caso até o seu desfecho. Segundo ele, é a forma da emissora não deixar o público sem saber o final da história. Não há investimento em matérias investigativas, mas há um número de matérias considerável de interesse humano, mulheres procurando filhos roubados pelos ex-companheiros, mães procurando apoio para tratar filhos viciados em drogas, mulheres acometidas por doenças raras em busca de tratamento.

Ou seja, ao mesmo tempo em que a emissora tem uma atitude positiva de acompanhar os fatos até o seu final, também tem a conduta questionada ao levar ao ar assuntos com o a intenção clara de emocionar, seja por pena de seus protagonistas ou por raiva da inoperância do poder público. A emissora ganha a simpatia dos telespectadores ao servir como ponte entre esses personagens e a solução que vem da iniciativa privada através de atendimentos voluntários. O que imprime ao *Jornal do Meio Dia* um caráter assistencialista e não contribuinte para a emancipação da cidadania de seus telespectadores.

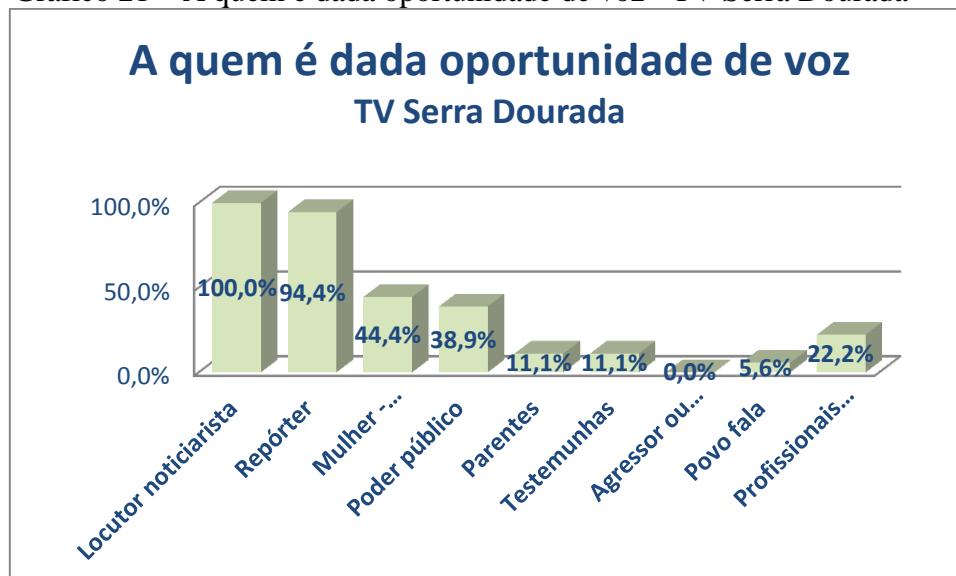
Gráfico 20 – Tipologia do conteúdo - TV Serra Dourada



Fonte: Elaborado pela autora.

Sobre a oportunidade de voz, a TV Serra Dourada, entre as três analisadas, é a que mais dá espaço às mulheres vítimas de violência. Elas são mais ouvidas até mesmo que o poder público, embora a falta de uma posição do poder constituído, em alguns casos, deixe a abordagem do problema incompleta. Entrevistas e sonoras com parentes e testemunhas ajudam a reforçar a posição de vítima da mulher. A fala de profissionais especializados e da opinião popular (povo-fala) serve para fomentar a discussão sobre o tema.

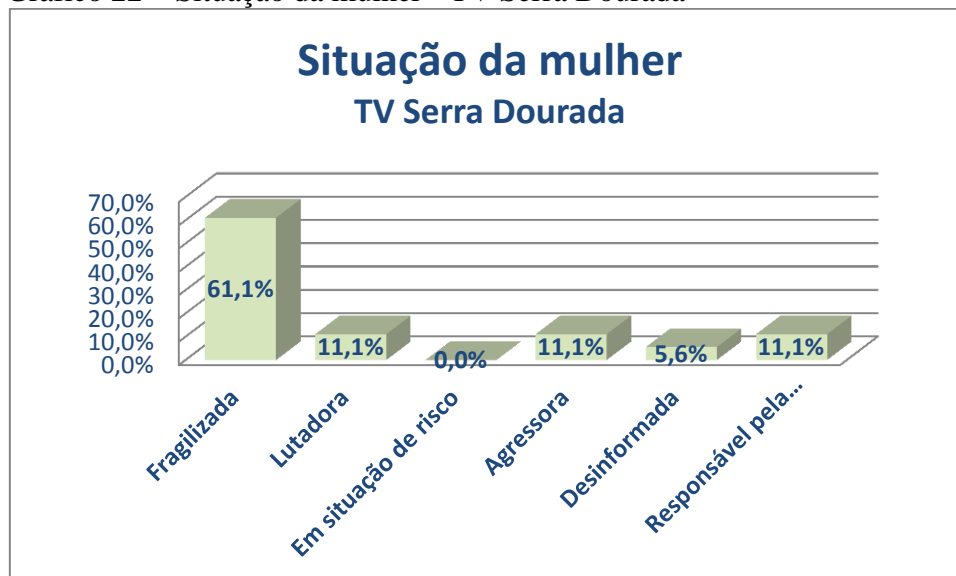
Gráfico 21 – A quem é dada oportunidade de voz - TV Serra Dourada



Fonte: Elaborado pela autora.

Uma característica ruim da abordagem editorial feita pela emissora é a fragilização da mulher, vítima de violência. Em certos casos a emissora chega a colocar essa mulher como dependente não só da família, mas da boa vontade popular (doação de dinheiro e comida) para que sobreviva. Há também, com certa frequência (quase 17%), a exposição da mulher como alheia não só às leis, mas às informações mínimas para sua integração à sociedade e também como responsável pela própria violência.

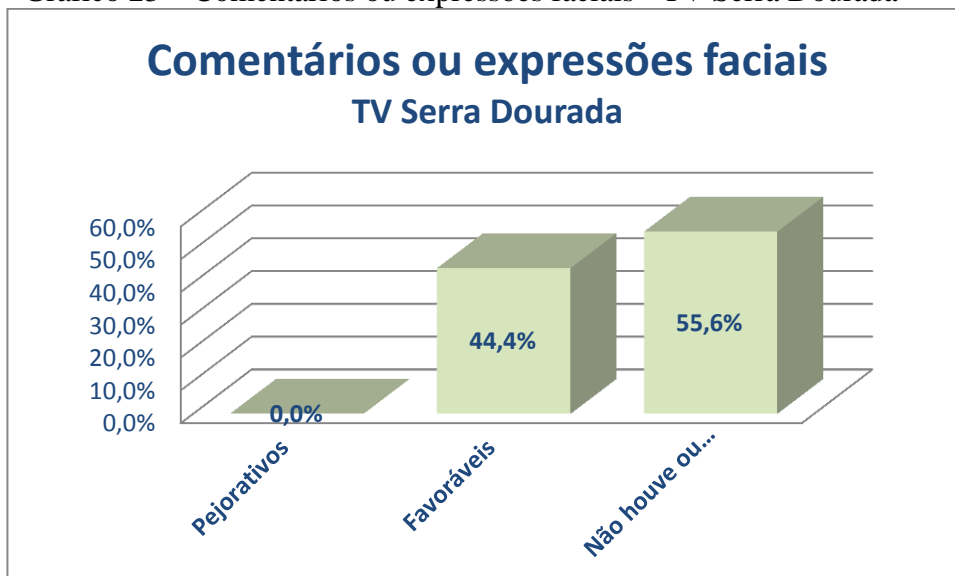
Gráfico 22 – Situação da mulher - TV Serra Dourada



Fonte: Elaborado pela autora.

Uma contradição na programação, observada por esta pesquisa, também desperta a atenção. Apesar de ter uma apresentação informal, com vários diálogos entre seus apresentadores e, em alguns casos, algumas intervenções com opiniões pessoais, até mesmo de convidados como os comentaristas esportivos, em um mês de material analisado não foi registrado nenhum comentário pejorativo sobre as mulheres envolvidas em situação de violência, seja enquanto vítimas ou enquanto agressoras. Particularmente, sobre estes personagens, quando é feito algum comentário, o mesmo é positivo, seja um protesto contra a situação mostrada ou de incentivo para aquelas que estão numa situação de sobrevivência, física ou social.

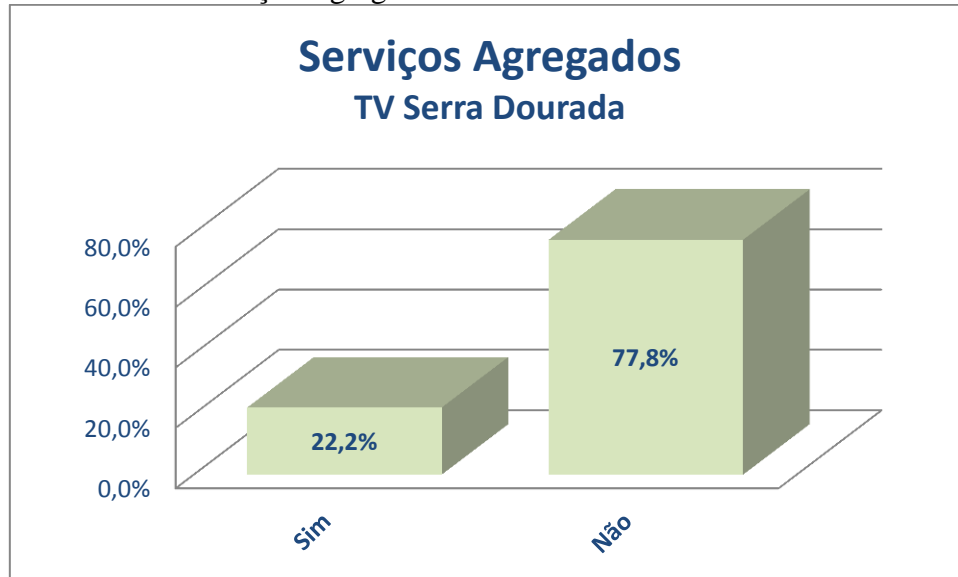
Gráfico 23 – Comentários ou expressões faciais - TV Serra Dourada



Fonte: Elaborado pela autora.

Ao mesmo tempo em que o *Jornal do Meio Dia* demonstra um certo cuidado na forma como as vítimas e agressoras são mostradas ao público, o telejornal desperdiça um precioso espaço para divulgação de informações, muitas vezes essenciais, a essas mesmas mulheres. Apenas vinte e dois por cento das matérias veiculadas tinham alguma tipo de esclarecimento que pudesse alavancar o exercício de direito a essas mulheres.

Gráfico 24 – Serviços Agregados - TV Serra Dourada

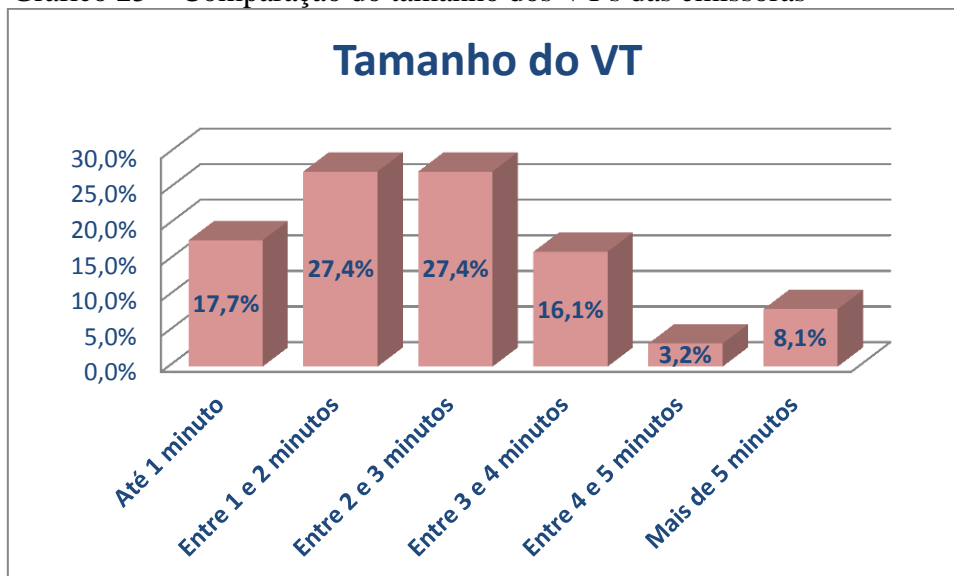


Fonte: Elaborado pela autora.

4.4 A Análise de dados entre as emissoras analisadas

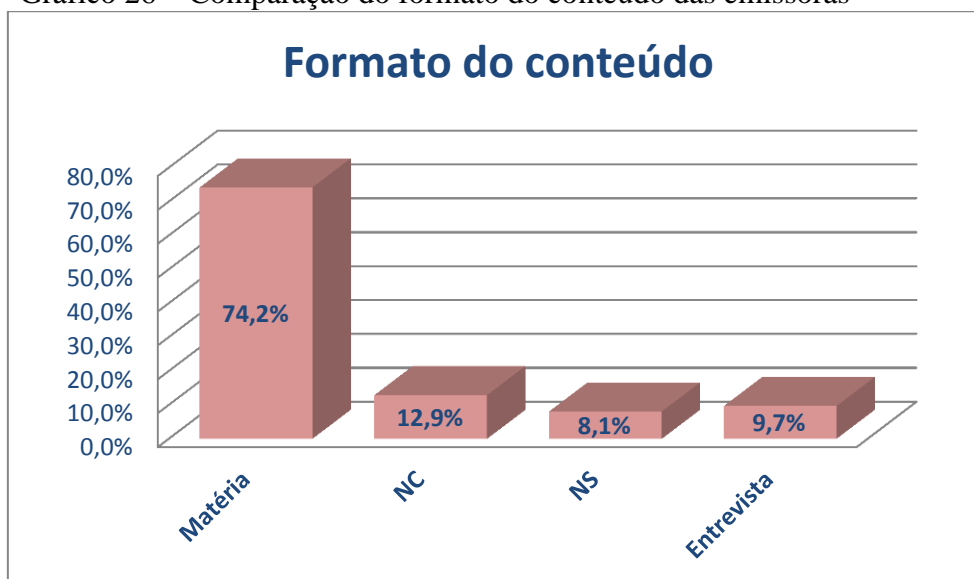
São matérias longas, como mostram este primeiro gráfico, onde as premissas jornalísticas da imparcialidade e da objetividade são abandonadas. A descrição do cenário que, já é mostrado pelas imagens, e a reiteração de perguntas para reforçar sensações como medo e dor deixam o material longo, sem novidades, uma espécie de repetição do vazio. Entre as matérias com mais de cinco minutos foram registrados tempos de sete e até onze minutos.

Gráfico 25 – Comparação do tamanho dos VT's das emissoras



Fonte: Elaborado pela autora.

Gráfico 26 – Comparação do formato do conteúdo das emissoras

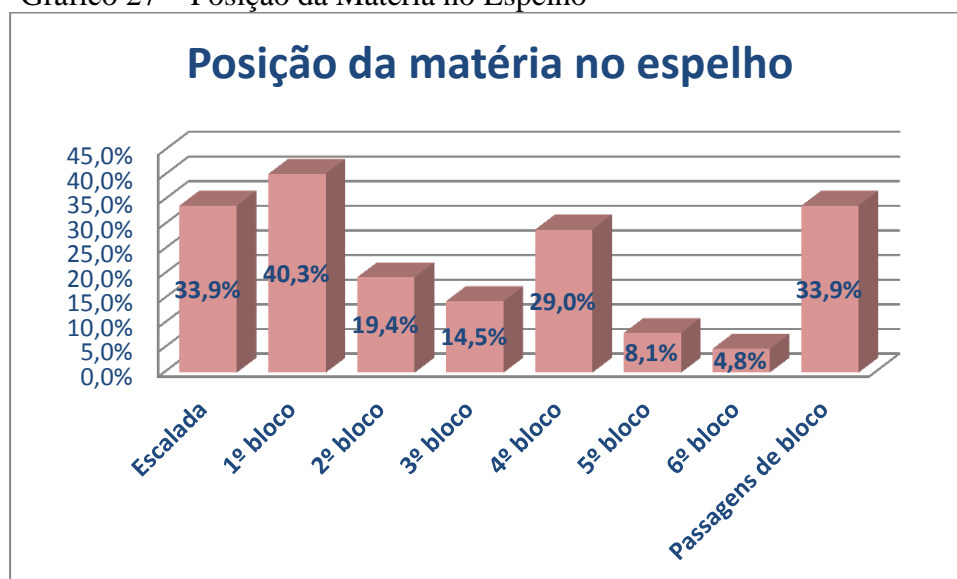


Fonte: Elaborado pela autora.

Na chamada lida, ou poderíamos dizer “interpretada”, pelos apresentadores, e mais raramente, mas ainda assim presente, no *off* dos repórteres, são expostos juízos de valor e opiniões pessoais pejorativas e favoráveis sobre a matéria exibida. E muitas vezes isso acontece sem a percepção do profissional. A autora desta pesquisa teve a oportunidade de conversar com uma das apresentadoras de um dos telejornais

analisados, durante umas das várias visitas que foram feitas às redações. Questionada sobre o ar de reprovação à personagem de uma matéria ela disse: “Caraca, você também percebeu, o Serginho chamou minha atenção em casa, mas eu juro que não percebi!” Da mesma forma questionei o apresentador de outra emissora sobre um comentário machista a respeito de uma jovem vítima de estupro, e a resposta foi: “Mas eu não queria ofendê-la não, só queria alertar às outras meninas para o perigo desse tipo de festinha, porque homem não presta!”. A falta de reflexão induz a uma amnésia sobre o direito de ir e vir, ou dos padrões atuais de moda e corpo feminino impostos pela sociedade da beleza e do consumo, que modificaram substancialmente o comportamento e a rotina feminina.

Gráfico 27 – Posição da Matéria no Espelho



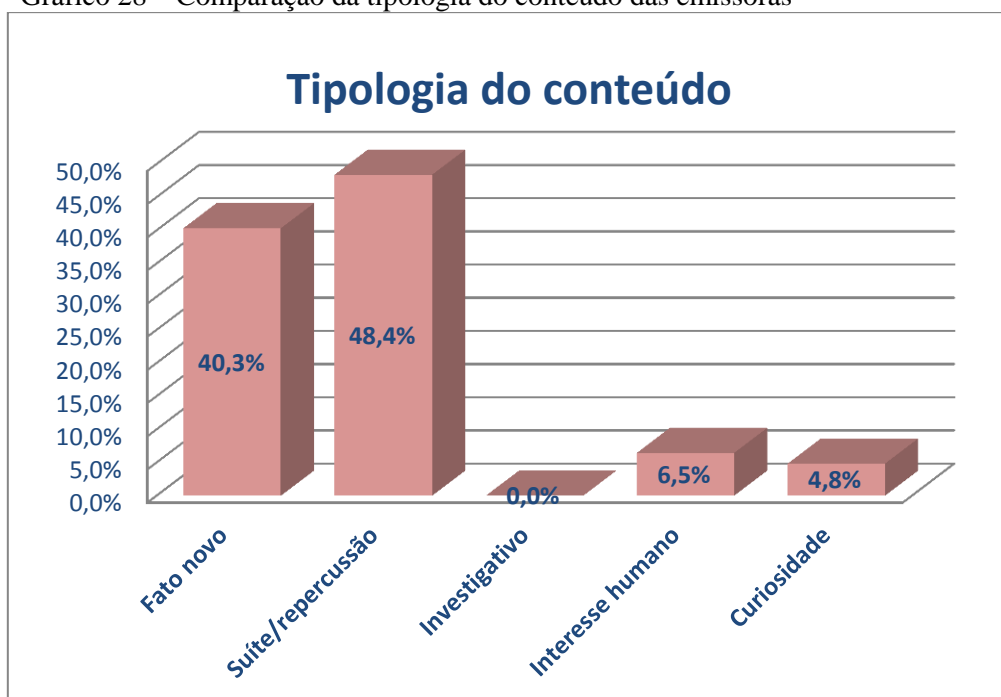
Fonte: Elaborado pela autora.

Quanto mais cenas chocantes estão disponíveis, mais o assunto é explorado, na escalada, nas passagens de bloco e, não raro, logo após a exibição do VT, o apresentador pede a reexibição das imagens, para reforçar o que já foi dito. As imagens são fundamentais, quando não existem o assunto é visivelmente menos explorado. Uma prática comum entre as três emissoras é: se o assunto foi compartilhado por todas, a estratégia é querer entrar com a matéria na frente dos concorrentes, no primeiro ou, no máximo, no segundo bloco. Agora, se o material é exclusivo, o assunto vira uma “isca”

para o telespectador com chamada na escalada, exibição parcial no primeiro bloco, chamadas nas passagens de bloco até a exibição nos últimos blocos. E o valor-notícia “violência” é muito explorado, como mostra o gráfico a seguir.

O maior contrassenso está na relação entre tamanho e conteúdo. No gráfico abaixo, apesar do tempo grande, a maior parte das matérias não traz serviços agregados, informações que contribuam de alguma maneira para a emancipação ou inserção social da mulher, ou do telespectador de um modo geral. Isso porque o destaque não é para o problema ou suas causas, mas para o fato em si, especificamente, no recorte proposto por esta pesquisa, não se discute direitos ou políticas públicas de combate à violência contra a mulher, contam-se facadas e tiros, a quantidade de socos ou os detalhes das torturas, como quantidade de horas, os objetos inusitados e as sequelas deixadas.

Gráfico 28 – Comparação da tipologia do conteúdo das emissoras



Fonte: Elaborado pela autora.

As notícias sobre violência, com exceção daquelas que envolvam crianças e abuso sexual, são muito ricas em cenas: local do crime, a arma utilizada, o corpo, ou os ferimentos da vítima, imagens de câmeras de segurança, o cerco policial. Essa é uma das justificativas para que este tipo de conteúdo seja em sua maioria abordado em forma

de VT, que permite o maior aproveitamento das imagens e uso de vários elementos da narrativa telejornalística como computação gráfica, caracteres e sonorização.

Voltando às premissas do jornalismo ético, outra muito importante é esquecida, a de ouvir os lados envolvidos na história com isonomia. Os números mostram uma equidade de espaço às vítimas e ao poder público (na grande maioria das vezes, a polícia, tanto militar quanto civil), mas o conteúdo das sonoras levadas ao ar não possuem a mesma equivalência. Quando ouvidos, vítimas e parentes expressam apenas dor física ou emocional: “desmaiei com as pauladas”, “sinto saudades dela”. A fala das testemunhas serve apenas de reforço para o que já foi dito pelo repórter ou pela polícia: “Ela tinha medo”, “a briga começou de madrugada”; ou ainda para reforçar os detalhes cruéis: “nóis encontrou ela desmaiada no chão da cozinha numa poça de sangue”.

Quando a população é chamada a opinar sobre o caso, o conhecido povo-fala, as frases também são curtas e sem valor argumentativo: “foi muita crueldade né?”, “o governo tinha que fazer alguma coisa”. Entre os profissionais e especialistas mais ouvidos estão médicos e advogados. A fala destes são sempre técnicas, baseadas em laudos, boletins médicos, as leis e suas interpretações.

Chamou a atenção o espaço dado aos comentários feitos por apresentadores. Muitas vezes, eles apenas repetem o que já foi mostrado na matéria, nota coberta, nota seca ou entrevista. Isto quando não fazem comentários equivocados, porque não acompanharam o fato com proximidade e não interpretaram corretamente o repórter ou os falantes da matéria.

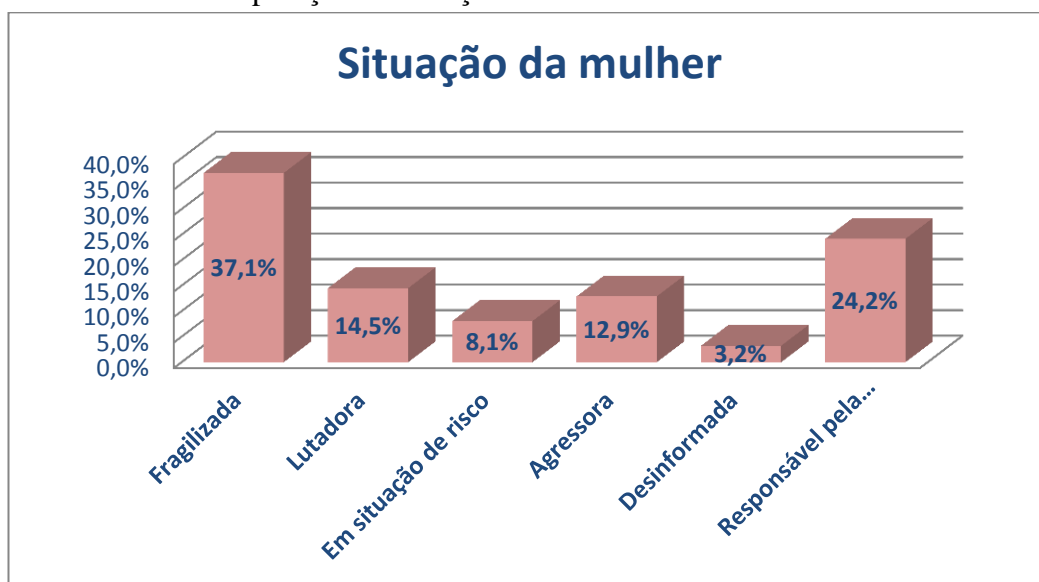
Gráfico 29 – Comparação de a quem é dada a oportunidade de voz das emissoras



Fonte: elaborado pela autora.

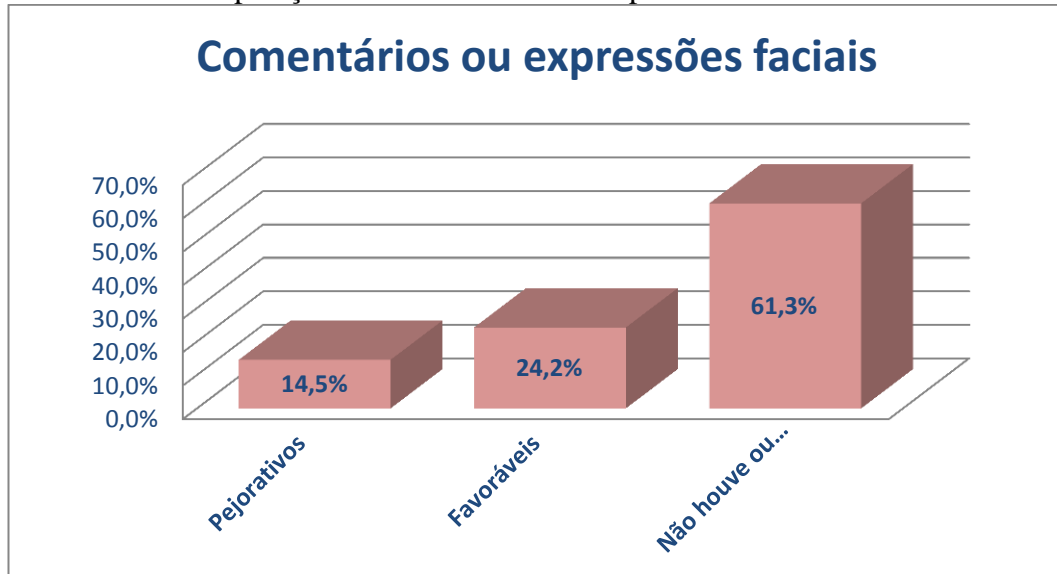
O próximo gráfico traz os dados sobre como a mulher envolvida com violência é mostrada no telejornalismo local. A forma de se construir um texto, o enquadramento utilizado, iluminação, tom de voz do locutor noticiário e do repórter ajudam a personificar um indivíduo, neste caso a mulher, de maneira positiva ou negativa, dentro de uma matéria jornalística. Mas nada é tão determinante quanto a quantidade de informações, interpretação do fato pelo jornalista e a linha editorial do veículo. Em uma matéria intitulada “Estupro Coletivo” o apresentador da TV Record faz o seguinte comentário: “Ela contribuiu para que isso acontecesse quando aceitou o convite para ir à festa e bebeu”, ou seja, a vítima foi responsável pela agressão que recebeu porque, ir à festa e beber não devem ser hábitos femininos. Na TV Anhanguera, o caso de uma pedinte que fingia ser paraplégica e ficava nervosa quando não conseguia dinheiro é tratado com humor, sem que fosse levantada a hipótese de que a mulher pudesse ter problemas mentais. E, não raro, uma mesma vítima pode ser categorizada de maneira diferente entre as emissoras conforme constatado nesta pesquisa e exposto mais à frente.

Gráfico 30 – Comparação da situação da mulher nas emissoras



Fonte: Elaborado pela autora.

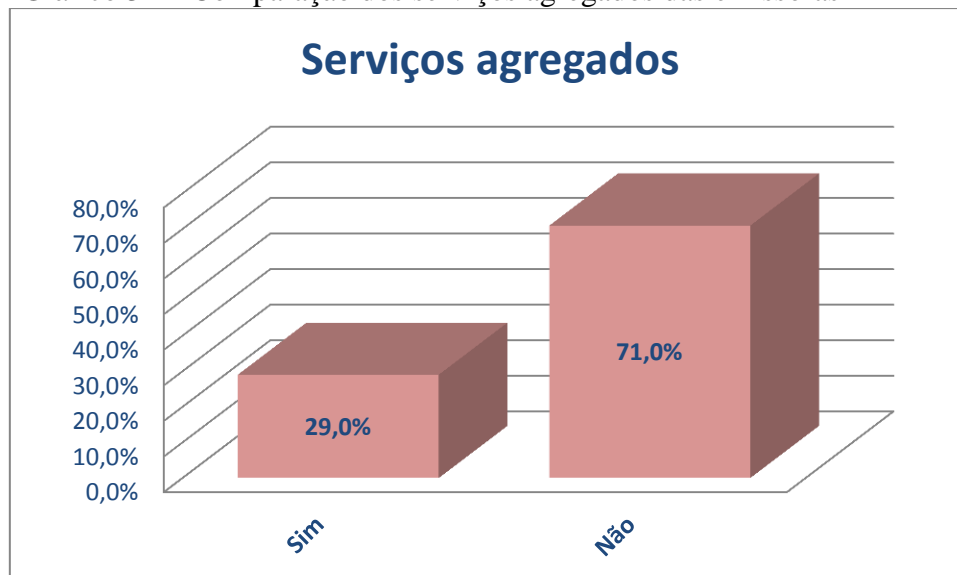
Gráfico 31 – Comparação dos comentários ou expressões faciais nas emissoras



Fonte: Elaborado pela autora.

Até mesmo quando quer ajudar, este tipo de jornalismo reforça preconceitos. No caso de vítimas de violência física, é comum repórteres e apresentadores colocarem as mulheres numa condição de fragilidade, carentes de proteção, ao reforçar que os homens devem proteger e não machucar as mulheres, enquanto o correto seria levantar a discussão sobre o respeito à diferença e obediência às leis.

Gráfico 32 – Comparação dos serviços agregados das emissoras



Fonte: Elaborado pela autora.

Os dois próximos gráficos mostram números que também reiteram a aproximação das emissoras estudadas com a linha sensacionalista. O primeiro, sobre a tipologia do conteúdo, deixa claro que a maioria das matérias é sobre fatos novos que, depois, são explorados à exaustão (suítes/repercussão), mas de acontecimentos alheios à intervenção do departamento de telejornalismo, ou seja, sem a necessidade de grandes investimentos em produção. Em um mês de análise de programação, em nenhum dos canais foi veiculada uma matéria de cunho investigativo. As matérias de interesse humano e curiosidade estão entre as menores em tamanho e destaque na programação.

4.5 A cobertura dos casos Fran Santos e Mara Rúbia

Para exemplificar as proposições feitas nos últimos parágrafos do tópico anterior, será feita uma análise à parte da cobertura dos casos Fran Santos e Mara Rúbia Guimarães, muito explorados pelo jornalismo local e nacional durante o período de recorte desta pesquisa.

Francielle Santos: a jovem, de 19 anos, ficou internacionalmente conhecida no final do mês de setembro de 2013, depois que o rapaz com quem mantinha um relacionamento de três anos, postou no aplicativo de troca de mensagens e conteúdos “*What’s up*”, vídeos de relações sexuais dos dois. As imagens, gravadas de forma consensual, mostram apenas a genitália do rapaz e o rosto de Fran, e foram compartilhadas em várias redes sociais, bem como sites na internet. Um gesto que a comerciária faz durante o vídeo, alusivo a sexo anal, virou *meme*⁵⁴ e foi reproduzido por milhares de pessoas, inclusive celebridades como o cantor goiano Leonardo e os jogadores de futebol Daniel Alves e Neymar, do Barcelona. Fran teve que deixar o emprego e todos os outros círculos sociais que frequentava, mudou a aparência, mas não conseguiu retomar sua vida, porque o compartilhamento de informações de redes sociais permitiu a identificação de parentes e até da filha, um bebê de dois anos de idade. O caso é investigado pela Delegacia Especializada no Atendimento à Mulher. A Delegada responsável pelo caso, Ana Elisa Gomes Martins, concedeu entrevistas afirmando acreditar que a divulgação dos vídeos tenha sido feita pelo jovem Sérgio Henrique de Almeida Alves, de 22 anos, amante de Francielle, mas que é um inquérito delicado por

⁵⁴ Meme vem do grego e significa imitação. Pode ser também “replicadores culturais”, segundo definição do teórico evolucionista Clinton Richard Dawkins. Na internet o termo se refere a um fenômeno que pode ser uma frase, gesto, pessoa ou música que alcança muita popularidade entre os usuários.

conta da dificuldade em reunir provas e, no máximo, o jovem responderá por difamação, com pena de três meses a um ano de reclusão revertido em prestação de serviços.

Mara Rúbia Mori Guimarães: a jovem caixa de supermercado, de 27 anos, foi torturada pelo ex-marido que não aceitava a separação. No dia 29 de agosto de 2013, no município de Corumbá de Goiás, Wilson Bicudo foi à casa de Mara Rúbia e esperou por ela, ao ser rejeitado mais uma vez, espancou a ex-mulher e furou os olhos dela com uma faca de mesa. Deixou a casa dizendo aos vizinhos que havia matado a ex-companheira. Mara Rúbia foi socorrida e passou por um longo tratamento com várias cirurgias para recuperar parte da visão. O agressor, Wilson Bicudo, fugiu e se entregou à polícia 21 dias depois. Enquanto aguardava o final do inquérito policial, Mara Rúbia lutou pela guarda do filho de oito anos que estava com a avó paterna e ainda iniciou, com o apoio da mídia, uma campanha para que este tipo de crime fosse considerado uma tentativa de assassinato, e não agressão com lesão corporal, como entendeu o promotor responsável pelo caso, e que cuja pena é mais branda. A preocupação da advogada da vítima é que, se fosse solto, Wilson tentasse matar Mara Rúbia novamente. O caso teve tanta repercussão que o promotor, pressionado pela mídia, por juízes, e até mesmo pelo Procurador-Geral do Estado, mudou seu entendimento do crime para tentativa de assassinato. Mara Rúbia conseguiu envolver nesta discussão a bancada feminina da Câmara de Deputados, Assembleia Legislativa de Goiás, Câmara Municipal de Goiânia, Conselho Estadual da Mulher e representantes de ONG's de apoio à mulher. Sensibilizadas, as deputadas propuseram um projeto de lei para que o inquérito contra agressores caminhe mesmo que a vítima não represente ou retire a denúncia por medo. Se aprovada, a lei deverá ser batizada de Mara Rúbia.

Um primeiro olhar, menos atento, poderia dizer que nos dois casos a mídia jornalística se posicionou a favor das duas vítimas, Francielle e Mara Rúbia, mas uma observação um pouco mais detalhada mostra que, nas entrelinhas, os casos foram tratados de forma diferente. Em comum os dois casos tiveram uma grande exposição, geraram muitos VT's e entrevistas em estúdio. No caso de Francielle Santos os jornalistas não diziam explicitamente que a jovem foi responsável pela sua exposição, primeiro ao ter um comportamento sexual liberado ao fazer sexo, ainda por cima não convencional e com um homem casado, e segundo por ter se deixado filmar durante o

ato. Mas não houve uma cobrança também explícita e até mesmo uma campanha para mudança da lei para que o culpado fosse punido. Em uma das emissoras analisadas, a TV Anhanguera, Francielle só é chamada de vítima na terceira matéria exibida sobre o caso, quando o acusado vai à delegacia prestar depoimento, a emissora acompanha, mas não revela o seu nome. O apresentador do Balanço Geral da TV Record, Oloares Ferreira, que tirou uma foto e postou nas redes sociais reproduzindo o gesto feito pela jovem no vídeo, fez um comentário após uma matéria exibida no dia 31 de outubro. Ele falou que a garota teve sua vida destruída e fez a seguinte pergunta: “E agora, essa menina vai posar para revista masculina?”. Lembrou muito o tratamento dado a jovens que faziam sexo antes do casamento no início do século passado, que eram levadas para prostíbulos porque não podiam mais ser “mulheres de família”. Apenas na TV Serra Dourada, nas matérias analisadas para esta pesquisa, não foi identificada nenhuma construção de texto ou expressão facial por parte de apresentadores e repórteres que demonstrassem condenação à jovem.

No caso Mara Rúbia Mori Guimarães, todos os jornalistas, de todas as emissoras estudadas nesta pesquisa, construíram seus discursos pela condenação do agressor, nem que para isso fosse necessário mudar a lei existente. A TV Record chegou a fazer um VT pedindo dinheiro para que a vítima refizesse sua vida. A TV Serra Dourada desafiou a justiça, ao levar Mara Rúbia para visitar o filho antes mesmo que ela conseguisse a guarda. A matéria, com forte apelo emocional, mostrava a criança de oito anos chorando várias vezes, querendo ficar com a mãe, e tinha a intenção de influenciar a decisão do juiz na semana seguinte, quando o pedido de guarda seria novamente analisado. Até mesmo na TV Anhanguera, onde os apresentadores são moderados em seus comentários explícitos, expressões como; “Isso não pode ficar assim”, “Isso é um absurdo”, “Um crime Cruel”, eram frequentes.

As duas mulheres foram vítimas de violência, Mara Rúbia de violência física, Francielle Santos de violência simbólica. Mara Rúbia é a representação da mulher vítima de violência, pobre e abandonada pelas autoridades. Aqui é bom lembrar que ela havia procurado a polícia do município de Corumbá de Goiás onde morava, por várias vezes, mas nunca foi atendida. Uma mulher fragilizada que se esforça ao máximo para recuperar a visão, apenas para poder voltar a trabalhar e ficar com o filho novamente. Francielle Santos é uma jovem que desafia o papel imposto às mulheres pela sociedade machista. Mãe solteira que mantinha um relacionamento com um homem casado,

praticava sexo por prazer e não para a reprodução. O crime cometido contra ela é como se fosse uma consequência, até mesmo uma punição por suas atitudes.

Considerações Finais

Um indivíduo é cidadão quando, independente de gênero, cor, credo ou filosofia política, tem suas características pessoais, físicas e emocionais, respeitadas e suas necessidades comuns ou específicas saciadas de modo a participar ativamente da vida em sociedade. Mesmo num mundo tão cheio de diversidade, para existência desse indivíduo cidadão seriam suficientes a compreensão e a generosidade, mas a existência do preconceito, do desejo de dominar o outro ou mesmo, de dominar coletividades, obrigaram o surgimento de regras. Contudo, ainda intenta-se o desenvolvimento da tolerância à imposição de códigos e leis. O discernimento nasce com a pluralidade de informação, com o debate e a reflexão.

Mas como implantar esta prática, se atualmente, as pessoas têm rotinas tão complexas, aceleradas e solitárias? Solitárias de relacionamentos reais, mas fartas nas interações mediadas onde é inegável a relevância da televisão. Os aparelhos estão em quase todas as casas brasileiras, e espalhados por restaurantes e salas de espera disseminando moda, música e o último bordão daquele famoso comediante, por que não difundir também informações úteis à inclusão social de minorias apartadas não por muros ou senzalas, mas por comportamentos?

Os jornalistas vão logo se adiantando em dizer ser este o seu trabalho nos telejornais veiculados nacionalmente e regionalmente em diversos horários e emissoras. O jornalismo construiu toda sua credibilidade junto à população porque sempre afirmou ser apenas um espelho, refletindo acontecimentos bons ou ruins de nossa sociedade. Além é claro de assumir o papel de guardião da democracia (Teoria Democrática). Jornalismo e televisão possuem defensores e críticos, não só à sua metodologia, mas às mudanças porque passaram nas últimas décadas. E o cerne desta pesquisa foi tentar constatar o papel do telejornalismo na educação informal das pessoas, dentro de um recorte específico: as mulheres envolvidas com violência enquanto vítimas ou agressoras.

Tuchman faz parte da corrente de pensamento que não acredita na existência do espelho, primeiro porque seres humanos são influenciáveis pela carga cultural que acumularam devido à educação recebida e ao ambiente em que se desenvolveram e, também, porque as rotinas produtivas muitas vezes estão acima da vontade do profissional. Logo, o fazer jornalístico é um processo de construção onde muitas

variáveis podem determinar o objetivo e a qualidade do seu produto, a notícia. Entre essas variáveis estão: a qualificação dos profissionais, a estrutura da empresa, o tempo disponível para veiculação do conteúdo, a guerra pela audiência e até mesmo a localização geográfica da emissora.

Especificamente no caso desta pesquisa, foi possível observar que as principais variáveis apresentadas por Tuchman, descritas acima, quando aplicadas não se mostraram como determinantes do produto final analisado por este estudo, porque entre as emissoras analisadas, duas têm grande estrutura, TV Anhanguera e TV Record, e também profissionais com mais experiência. A TV Serra Dourada tem a menor equipe humana e estrutura técnica. A Record tem o maior tempo de veiculação de conteúdo. Mesmo assim, a liderança do horário analisado está com a afiliada do SBT há quase dois anos⁵⁵.

As emissoras se igualam nos valores-notícia utilizados para construção dos espelhos: violência, curiosidade, cidades, saúde, cultura e infraestrutura e na forma altamente espetacularizada de apresentação deste conteúdo. Os dados mostraram que o telejornalismo feito para emissoras abertas está claramente direcionado aos públicos C, D e E, e, cada vez mais, assume características daquilo que se consolida como um novo gênero televisivo, o sensacionalismo, e, este sim, se apresenta como um fator resolutivo. As matérias raramente seguem a fórmula tradicional com off, passagem e sonora. A gravação acontece em tempo real como se fosse um grande “ao vivo”, com a participação do repórter quase o tempo todo. A conversa entre membros da equipe, repórter e cinegrafista, apresentador e o responsável pelo corte, é constante, uma forma de inserir o telespectador no processo produtivo, passando um sentimento de instantaneidade, de realidade a quem está do outro lado da telinha.

TV Anhanguera, TV Record e TV Serra Dourada divergem um pouco na qualidade das informações levantadas, proporcionalmente ao número de matérias veiculadas. Mais uma vez a TV Serra Dourada leva vantagem, assim também como é da emissora o maior cuidado em acompanhar os fatos que se transformam em notícia durante todo seu desenrolar até o final. Também é preciso relatar que o conteúdo da TV Serra Dourada, durante o período observado por esta pesquisa, foi o que menos emitiu juízos de valor pejorativos sobre as mulheres. Mesmo com uma forma de produção e veiculação das matérias parecidas, até porque é hábito das emissoras, além do

⁵⁵ A informação pode ser constatada pelas pesquisas de audiência feitas pelo IBOPE, colocadas nos anexos deste estudo.

acompanhamento da audiência pelo *Ibope Media* vigiarem umas às outras para deixarem os conteúdos os mais parecidos possíveis. Independente de estrutura e linha editorial, as três emissoras analisadas levam ao ar matérias com informações relevantes, ou seja, que possuem informações capazes de ajudar quem as assiste a exercer sua cidadania. Ao mesmo tempo, exibem outras absolutamente vazias, onde apenas um fato é mostrado, sem qualquer relação que este acontecimento possa ter com o indivíduo – telespectador – ou mesmo consequência dentro da comunidade. Por isso, voltando aos questionamentos feitos no início deste trabalho: as rotinas produtivas não são as únicas determinantes na qualidade das matérias levadas ao ar.

Mas, o fato de não serem determinantes não significa que as rotinas produtivas – qualificação profissional, estrutura da empresa, tempo disponível para veiculação do conteúdo e a guerra pela audiência – não interfiram de alguma forma na qualidade das matérias exibidas. A pouca experiência impede que o jovem repórter interpele uma autoridade sobre uma informação questionável. Poucas equipes e muitos fatos para cobrir deixam, não só repórteres, mas produtores e editores de texto e imagem com pouco tempo para explorar e refletir sobre o acontecimento. O pouco tempo de produção dos telejornais, ao mesmo tempo em que pesa a necessidade do programa abranger diversos assuntos para mostrar, ou pelo menos transparecer, uma grande cobertura muitas vezes implica em diminuição do tempo destinado a determinado evento e conseqüentemente a supressão de detalhes importantes. Todos estes aspectos foram identificados durante a análise de conteúdo, como foram demonstrados nos gráficos exibidos no capítulo anterior.

Logo, é possível afirmar que o que determina a qualidade das matérias exibidas nas emissoras analisadas, é a intersecção das rotinas produtivas com este novo fazer jornalístico sensacionalista. Porque, como demonstrado pelos dados levantados junto ao material analisado, muitas vezes, mesmo quando uma emissora volta todo seu aparato jornalístico para determinada cobertura, as matérias veiculadas são pouco esclarecedoras, voltadas para a repetição da parte da informação que é grotesca principalmente quando reforçada pela existência de imagens.

Observou-se também a relação entre as rotinas produtivas e a exibição de matérias que contribuam para a manutenção da imagem da mulher enquanto um indivíduo frágil que, negligenciando suas limitações físicas e mentais se expõe a situações de violência. Esta correlação existe sim, mas, como demonstrado anteriormente, mostra-se não como determinante, mas como forte influenciadora

juntamente com elementos do sensacionalismo. A falta de tempo, que impede o total esclarecimento sobre a situação que determinou a agressão, e que muitas vezes esclareceria que a mulher na verdade não se expôs, ou descuidou da própria segurança, mas teve um direito negado, pode ser consequência do pouco tempo para construir o texto ou da necessidade de usar este mesmo tempo para repetir incansavelmente a imagem da câmera de segurança que flagrou o momento da hostilidade, característica do sensacionalismo. Afinal, usar uma minissaia, participar de uma festa ou beber não é contra a lei. Estar no ponto de ônibus antes de o dia clarear é uma necessidade para a chefe de família que trabalha a duas horas do local onde mora, e não uma diversão.

Sobre o terceiro questionamento feito no início deste trabalho, o de que, por influência das rotinas produtivas, o texto utilizado reforça preconceitos arraigados em nossa sociedade sobre inferioridade física e psicológica da mulher, foi possível verificar dois comportamentos distintos: na parte do conteúdo veiculado que é feita pelos repórteres, ou seja, *off* e passagens, as construções que reforçam uma posição feminina inferior à masculina estão profundamente relacionadas a uma falta de reflexão destes profissionais provocadas pelas citadas inexperiência profissional e falta do tempo adequado à produção de cada matéria, ou seja, pelas rotinas produtivas. Mas, nas proposições feitas por âncoras, essas rotinas não interferem, há sim uma reprodução de um machismo que se mostra presente na sociedade brasileira independentemente de gênero, classe social ou escolaridade. O comentário do âncora, Oloares Ferreira, do *Balanço Geral* da TV Record, na matéria intitulada *Estupro Coletivo* é um exemplo. Para ele uma adolescente foi estuprada porque aceitou ir a uma festa de aniversário. Da mesma forma o tom sarcástico do apresentador Marcelo Rosa, do *Jornal Anhanguera Primeira Edição*, da TV Anhanguera, sobre a mulher acusada de estelionato na matéria intitulada *Imagens Pedinte/Suíte Pedinte*, claramente demonstrando não acreditar nos problemas mentais da acusada.

Segundo Coutinho e Martins (2008), os telejornais locais são a parte da mídia que mostra ao indivíduo o pedaço do mundo que está mais próximo dele, o primeiro contexto social comunitário no qual está inserido, o bairro, a cidade, o seu Estado, e, como o restante da mídia, através dos olhos de terceiros, oferece a este indivíduo uma “versão” da realidade que ajuda a construir e manter comportamentos.

De forma complementar, analisando as deduções acima em uma perspectiva funcionalista, é possível afirmar que as distorções voluntárias e involuntárias produzidas a partir das rotinas produtivas e do novo fazer jornalístico com características

sensacionalistas interferem diretamente em um dos itens de regulação dos fenômenos sociais, o da conservação do modelo e controle das tensões, e em outro que diz respeito ao indivíduo, o de reforço das normas sociais. O primeiro porque, se não incita, no mínimo internaliza a aceitação de um comportamento que não é preconizado pelo sistema, o do uso da violência, e de não respeito aos direitos individuais. E o segundo porque a banalização dos atos de violência contra a mulher, sem a devida contextualização, naturaliza o comportamento violento contra a mulher. Além de impedir as funções da comunicação dentro da organização social, este novo fazer jornalístico televisivo oportuniza a existência da disfunção narcotizante da comunicação, ou seja, iludido pela quantidade de informação a que tem acesso, o indivíduo, que acredita estar a par do mundo, tem apenas informações rasas e, ao se preocupar em absorver o máximo possível de “conhecimento”, deixa de interagir e participar da sociedade.

Ainda mais prejudicial que deixar de contribuir para a educação informal dos telespectadores, ou seja, conscientizá-los sobre a gravidade da violência contra a mulher enquanto problema social, é levar ao ar uma visão distorcida do papel feminino na sociedade, colaborando para que a mulher continue sendo vista como frágil demais para deixar o lar e exercer sua cidadania ,dividindo o espaço público com os homens. Muitas são as críticas feitas à televisão e ao telejornalismo, mas é preciso entender que o problema não está no veículo nem no gênero, mas no uso que se faz deles.

Referências Bibliográficas

AFONSO, Lúcia Helena Rincón. **Imagens de mulher e trabalho na telenovela brasileira (1999-2001)**. Goiânia: UCG, 2005.

ANGRIMANI, Danilo Sobrinho. **Espreme que sai sangue**. São Paulo: Summus, 1995.

ARENDT, Hannah. **A Condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991.

AZEVEDO, Maria Amélia. **Mulheres espancadas: a violência denunciada**. São Paulo: Cortez, 1985.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo interpretativo: filosofia e técnica**. Porto Alegre: Sulina, 1980.

BICALHO, Elizabete. **A mulher no pensamento moderno. Estudos sobre Gênero**. Cadernos de Áreas n. 7. Universidade Católica de Goiás. Goiânia: Ed UCG, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 9 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BRANDÃO, Elizabeth Pazito. **Conceito de Comunicação pública**. In: DUARTE, Jorge (org). **Comunicação pública: estado, mercado, sociedade e interesse público**. São Paulo: Atlas, 2009, p. 1-33.

BRAGA, José Luiz; LOPES, Maria Immacolata Vassalo de; MARTINO, Luiz Cláudio. **Pesquisa empírica em comunicação**. São Paulo: Paulus, 2010.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e cidadãos – conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

CAPARELLI, Sérgio; LIMA, Venício A. **Comunicação e televisão – desafios da pós-globalização**. São Paulo: Hacker, 2004.

CARVALHO, José Murilo de. **Cidadania no Brasil**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2011.

CAVALCANTE, Maria do Espírito Santo Rosa (org). **Mulheres em narrativas: Goiás Séc XIX**. Goiânia: PUC-GO/Kelps, 2011.

CHAPARRO, Manoel Carlos. **Sotaques d'aquém e d'além Mar**. São Paulo: Summus, 2008.

CORRES, Edurne García. **A Interdependência como precursora da violência de gênero: uma perspectiva clínica**. In: JONAS, Eline (org). **Violências esculpidas: notas para reflexão, ação e políticas de gênero**. Goiânia: UCG, 2007.

COUTINHO, Iluska; MARTINS, Simone Teixeira. **Identidade no Telejornalismo Local: a Construção de Laços de Pertencimento entre a TV Alterosa de Juiz de Fora e o seu Público**. In: Colóquio Internacional Televisão e Realidade, 2008. Disponível em: <http://www.tvereadidade.facom.ufba.br/coloquio%20textos/Simone%20Martins%20e%20Iluska%20Coutinho.pdf>

DENCKER, Ada de Freitas Maneti e VIÁ, Sarah Chucid Da. **Pesquisa empírica em ciências humanas: com ênfase em comunicação**. São Paulo: Futura, 2002.

DERRIDA, Jacques. **The law of genre: critical inquiry**. Autum. v.7, n. 8.1, 1980.

DUARTE, Elizabeth Bastos. **Televisão: desafios teórico-metodológicos**. In: BRAGA, José Luiz; LOPES, Maria Immacolata Vassalo de; MARTINO, Luiz Cláudio (orgs). **Pesquisa empírica em comunicação**. São Paulo: Paulus, 2010, p.227-248.

DUARTE, Jorge e BARROS, Antônio (orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2010.

DUBY, Georges; PERROT, Michele (orgs). **História das mulheres no ocidente**. Porto: Edições Afrontamento / São Paulo: Ebradil, 1991.

ENGELS, Friedrich. **A origem da família, do estado e da propriedade privada**. Portugal: Presença / São Paulo: Martins Fontes, 1985.

FILHO, Marcondes Ciro. **O capital da notícia**. São Paulo: Ática, 1985.

FUJISAWA, Marie Suzuki. **Das amélias às mulheres multifuncionais**. São Paulo: Summus, 2006.

GUARESHI, Pedrinho; BIZ, Osvaldo. **Mídia e democracia**. Porto Alegre: Evangraf, 2005.

GODINHO, Iuri Rincon. **A história da tv em Goiás**. Goiânia: Contato Comunicação, 2008.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2009.

GROTH, Otto. **O poder cultural desconhecido – fundamentos das ciências dos jornais**. Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

KOTLER, Philip. **Marketing de a a Z**. Rio de Janeiro: Campus, 2003.

LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. Florianópolis: Insular, 2001.

LIMA, Venício A. **Comunicação e política**. In: DUARTE, Jorge (org). **Comunicação pública – estado, mercado, sociedade e interesse público**. São Paulo: Atlas, 2009, p.89-94.

MARTÍN-BARBEIRO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MELO, José Marques de. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

MELO, José Marques de. **Jornalismo: compreensão e reinvenção**. São Paulo: Saraiva, 2009.

MELO, José Marques de. **Metodologia da pesquisa em comunicação: itinerário Brasileiro**. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (orgs). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2010, p. 1-14.

MICHAUD, Yves. **A violência**. São Paulo: Ática, 1989.

MOTT, Frank Luther. **A history of newspaper in the united states through 250 years**. USA: Macmillan, 1941.

MOUFFE, Chantal. **Feminismo, cidadania e política democrática radical**. In: **Debate Feminista**. México: Metis, 1992.

OLIVEIRA, Fernanda Ribeiro. **As santas quebradas**. Goiânia: PUC-Goiás, 2010.

WHO. **World report on violence and health**. 2002. Washigton, DC: World Health Organization. Disponível em: <http://www1.paho.org/Spanish/AM/PUB/Violencia_2003.htm>. Acesso em: 5 mar. 2013.

PEDROSO, Rosa Nívea. **Elementos para uma teoria do jornalismo sensacionalista**. Revista Biblioteconomia & Comunicação. Porto Alegre 6: 37-50 jan/dez 1994. Disponível em <http://www.brapci.ufpr.br/download.php?dd0=16552%E2%80%8E> . Acesso em 21 jul. de 2013.

PORCELLO, Flávio A. C. **Telejornalismo e Poder: A moeda política que regula as relações de troca no Brasil**. Communication Studies, v. 06, p. 335-348, 2009. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/ppgcom/novosite/index.php?option=comcontent&view=article&id=80&Itemid=65> . Acesso em 1 out de 2013.

PORCELLO, Flávio A. C. **Como ver e ouvir o que a mídia não mostra e nem diz**. Revista Multijuris. v. ano II p. 53-57, 2008. Disponível em: <http://www.ajuris.org.br/sitenovo/wp-content/uploads/2006/08/MULTIJURIS5.pdf>. Acesso em 21 jul. de 2013.

SÁ, Alvino Augusto de. **Algumas considerações psicológicas sobre a vítima e a vitimização**. Disponível em: <http://www.letiobragacalhau.com.br/algumas-consideracoes-psicologicas-sobre-a-vitima-e-a-vitimizacao/> . Acesso em 7 jul. de 2013.

SIMÃO, Núbia; LIMA, Fernanda; DOURADO, Pollyana; TEMER, Ana Carolina. **Sensacionalismo, gênero televisivo? análise do Caso Elize Matsunaga**. XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação / DT 1 – Gêneros Jornalísticos. 2012. Disponível em: <http://www2.intercom.org.br/navegacaoDetalhe.php?Option=trabalho&id=50969>. Acesso em 30 jul. de 2013.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem** – notas sobre a narrativa jornalística. São Paulo: Summus, 1986.

SODRÉ, Muniz; PAIVA, Raquel. **O Império do grotesco**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

SODRÉ, Muniz. **Sociedade mídia e violência**. 2 ed. Porto Alegre: Sulina, 2006.

SODRÉ, Muniz. **O Monopólio da fala** – função e linguagem da televisão no Brasil. Petrópolis: Vozes, 2010.

STEPHENS, Mitchel. **História das comunicações: do tantã ao satélite**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993.

TELES, José Mendonça. **Memórias goianienses**. Goiânia: PUC-Goiás, 2012.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. **Reflexões Sobre a Tipologia do Material Jornalístico**. São Paulo: Revista Intercom, V. 30, n.1. p. 49-70, 2007.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa e NERY, Vanda. **Para entender as teorias da comunicação**. Uberlândia: Edu Fu, 2009.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. **Gênero e análise de conteúdo**. In: Barbosa, Marialva; Morais, Osvaldo J. de (orgs). **Quem tem medo da pesquisa empírica?** São Paulo: Intercom, 2011, p.411-432.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa; TONDATO, Márcia Perencin; TUZZO, Simone Antoniaci. **Mulheres do sol e da lua – a televisão e a mulher no trabalho**. Goiânia: PUC-Goiás, 2012.

THOMPSON, John B. **Mídia e a modernidade**. Rio de Janeiro: Vozes, 1998.

TONDATO, Márcia Perencin. **Os gêneros televisivos no cotidiano da recepção de televisão**. Revista Comunicação Mídia e Consumo. Disponível em: <http://www.espm.br/ConhecaAES/PM/Mestrado/Documents/COLOQUIO%20BXM/S4/marcia%20tondato.pdf> . Acesso em: 11 jul. de 2013.

TRAQUINA, Nelson. **O Estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2005, v. I

TUCHMAN, Gaye. **Making news: a study in the construction of reality**. New York: The Free Pan, 1978.

TUCHMAN, Gaye. **A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objectividade dos jornalistas**. In: TRAQUINA, Nelson (org). **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. Portugal: Veja, 1999, p.74-90.

VIANA, Nildo. **Estado, democracia e cidadania – a dinâmica da política institucional no capitalismo**. Rio de Janeiro: Achiamè, 2003.

VIANA, Nildo. **A dinâmica da violência juvenil**. Rio de Janeiro: Booklink, 2004.

WEIL, Éric. **Lógica da filosofia**. São Paulo: É Realizações, 2012.

VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska (orgs). **60 anos de telejornalismo no Brasil: história, análise e crítica**. Florianópolis: Insular, 2010.

WIEVIORKA, Michel. **Diferenças nas diferenças?** In: CAVALCANTI, Josefa Salete Barbosa, Weber, Silke, e DWYER, Tom (orgs). **Desigualdade, diferença e reconhecimento.** Porto Alegre: Tomo Editorial, 2009, p. 15 33.

WOLF, Mauro. **Teorias das comunicações de massa.** São Paulo: Martins Fontes, 2010.

ANEXOS EM CD

ANEXO A - FICHAS DESCRITIVAS DAS MATÉRIAS VEICULADAS NA TV ANHANGUERA

ANEXO B - FICHAS DESCRITIVAS DAS MATÉRIAS VEICULADAS NA TV RECORD

ANEXO C - FICHAS DESCRITIVAS DAS MATÉRIAS VEICULADAS NA TV SERRA DOURADA

ANEXO D - ESPELHOS DO JORNAL ANHANGUERA PRIMEIRA EDIÇÃO

ANEXO E - ESPELHOS DO BALANÇO GERAL

ANEXO F - ESPELHOS DO JORNAL DO MEIO DIA

ANEXO G - PESQUISA IBOPE MEDIA